小説

君の名は。

your name.

Makoto Shinkai

新海誠

角川文庫

Kimi no Na wa.

your name

✧

Makoto Shinkai

新海誠

Novel JP

Publicado

18 Junho 2016

Sumário

Sonho 4
Começo 6
Dias 28
Busca 62
Memória 84
Reconstituição 87
Luta 118
Seu nome 128
Makoto Shinkai 138

Nota importante:

O autor usa dois pronomes diferentes para "Eu", *watashi* e *ore*, para indicar se é a Mitsuha ou o Taki narrando. Como não há equivalente no português, usarei "*Eu*" em itálico para a Mitsuha e "**Eu**" em negrito para o Taki.

✧ Sonho

Uma voz e uma aroma nostálgico. Uma adorável luz e o aconchego.

Estou pressionada contra alguém que me importa muito, quase não há espaço entre nós. Inseparavelmente conectados. Nem um único fragmento de ansiedade ou solidão permanece comigo, como se *eu* fosse uma criança de novo, simplesmente bebendo leite no conforto dos seios da minha mãe. Um sentimento muito doce, o sentimento de ainda não conhecer a perda, preenche meu corpo.

De repente, meus olhos se abrem.

Teto.

Quarto.

Manhã.

Sozinha.

Tóquio.

— *Eu* entendo.

Foi um sonho. Me levanto da cama e, em meros dois segundos, a sensação de calor que envolvia meu corpo já desaparece. Não deixa rastro, nenhum conforto permanece. Subitamente, sem dar tempo para pensar, lágrimas começam a fluir.

Eu acordei de manhã, e por alguma razão estou chorando. Esse tipo de coisa às vezes acontece comigo.

E **eu** nunca consigo lembrar o que estava sonhando. **Eu** olho para minha mão direita, a mão que acabara de enxugar minhas lágrimas. Apenas uma pequena gotícula ainda está no meu dedo indicador. As lágrimas que amorteceram meus olhos há pouco tempo já se foram, junto com o sonho.

Uma vez, nesta mão...

Algo muito importante...

...**Eu** não me lembro.

Desistindo, saio da cama e vou para a pia. Enquanto lavo meu rosto, me sinto como se tivesse sido surpreendido com o calor e o sabor desta água. **Eu** olho para o espelho.

Um rosto insatisfeito olha para mim.

Eu ajeito o meu cabelo enquanto olho para o espelho, em seguida, passo meus braços através das mangas do uniforme de primavera.

Eu aperto a gravata, finalmente acostumei a fazer nó, visto o uniforme.

Eu abro a porta do meu apartamento.

Eu fecho a porta do meu apartamento. Na frente dos meus olhos...

A paisagem urbana de Tóquio, que *eu* finalmente me acostumei a ver, se espalha na minha frente. Assim como *eu* costumava memorizar naturalmente os picos das montanhas à distância, agora posso nomear alguns dos arranha-céus diante de mim.

Eu passo através dos portões lotados da estação e desço a escada rolante.

Eu entro em um trem. Me inclinando contra a porta, observo o cenário enquanto ele flui. Em cada edifício, em cada janela, em cada carro e em cada ponte, a cidade transborda de pessoas.

Um céu branco pálido e nebuloso lá em cima. Um carro com cem pessoas, um trem com mil pessoas, uma cidade com mil trens, **eu** observo.

E enquanto contemplo a cidade, como sempre,

Eu percebo.

Estou procurando por alguém, uma única pessoa em específico.

Eu percebo.

✧ Começo

Um alarme desconhecido.

Esse pensamento passou pela minha cabeça ainda adormecida. Um despertador? Mas ainda estou com sono. Ontem à noite, **eu** fiquei tão concentrado no meu desenho que acabei não indo para a cama até o amanhecer.

— ...kun ...Taki-kun.

Agora, alguém estava chamando meu nome. Uma voz de garota... uma garota?

— Taki-kun. Taki-kun.

A voz tinha um tom de urgência, como se seu dono estivesse prestes a chorar. A voz tremeu, como o solitário brilho de uma estrela distante.

— Você não... se lembra de mim? — A voz perguntou incerta.

Eu não te conheço.

De repente, o trem parou e as portas se abriram. Oh, isso mesmo, **eu** estava andando de trem. No momento em que me lembrei disso, percebi que estava em um vagão cheio de gente. Na frente dos meus olhos havia outro par de olhos, de uma garota, me encarando abertamente. À medida que os passageiros saíam do trem, sua figura de uniforme escolar foi empurrada cada vez mais para longe de mim.

— Meu nome... é Mitsuha! — ela gritou, então desfez o laço amarrando seu cabelo e o estendeu para mim.

Instintivamente, estendi a mão. A fita era de um laranja vívido, como os raios do sol ao entardecer brilhando no vagão escuro de um trem. **Eu** empurrei meu corpo na multidão e agarrei firme.

E então, **eu** acordei.

Os ecos da voz da garota ainda vagavam lentamente no meu tímpano.

...nome ...Mitsuha?

Um nome desconhecido, e uma garota estranha que veste um uniforme escolar desconhecido. Parecia tão desesperada. **Eu** me lembro do olhar em seus olhos bem antes das lágrimas começarem a cair. Era uma expressão séria e solene, como se agarrasse o destino do universo em suas mãos delicadas.

Mas, bem, era apenas um sonho. Um sonho sem sentido. **Eu** já não consigo me lembrar com clareza de como seu rosto parecia. Os ecos em meus ouvidos também desapareceram.

Mas ainda assim.

Ainda assim, meu coração está acelerado. Meu peito se sente estranhamente pesado. Meu corpo está coberto de suor. Para me acalmar, respiro fundo.

— ...?

Peguei um resfriado? Algo está errado com meu nariz e garganta. Minha traqueia está um pouco mais estreita do que o normal. Meu peito se sente estranhamente pesado. Tipo, fisicamente pesado. Olho para o meu corpo e vejo meu decote. **Meu decote**.

— ...?

O sol da manhã se refletia naquelas protuberâncias, fazendo com que a pele branca e lisa brilhasse. Entre os dois seios, havia uma sombra profunda, como um lago azul no vale entre duas montanhas.

Bem, acho que vou tocá-los, **eu** pensei de repente. A ideia surgiu de forma tão natural e automática, assim como uma maçã cai no chão pela força da gravidade.

.....

...

...?

...!

Fiquei impressionado. *Oooh*, **eu** pensei. O que é isso? Levando a sério, continuei a acariciá-los. Era... como posso dizer... os corpos das garotas são surpreendentes...

— ...onee-chan? O que você está fazendo?

Rapidamente me viro em direção à voz, vejo uma menina pequena ao lado da porta aberta. Enquanto ainda movia minhas mãos, falei honestamente.

— Oh, você sabe, **eu** estava apenas testando como é essa sensação... eh?

Olhei de novo para a garota: atrevida, por volta dos dez anos, de maria chiquinha e olhos oblíquos.

— ...onee-chan? — **Eu** perguntei à criança, apontando para mim. Isso significa que... essa garota é minha irmãzinha?

— O que você está fazendo? Levanta! Rápido que é hora de comer! — A menina disse com uma expressão de desgosto, em seguida, bateu a porta.

Enquanto pensava que ela parecia uma criança muito violenta, **eu** me levantei do futon[1]. Agora que a garota mencionou o café da manhã, percebo que estou com fome. De repente, vejo uma cômoda pelo canto do olho.

Depois de caminhar alguns passos no tatame, **eu** estava em frente ao espelho. Tirei o pijama que caiu no chão, me deixando nua, e comecei a olhar fixamente para o corpo refletido no espelho.

Longos cabelos pretos como uma corrente de água, com fios soltos em vários lugares após uma noite de sono. Em uma pequeno rosto redondo, grandes olhos curiosos e lábios que pareciam um pouco alegres. Um pescoço fino e profundas lacunas acima das clavículas. Uma protuberância saudável no peito. As curvas suaves do estômago e dos quadris, que se estendem por baixo da sombra da caixa torácica levemente saliente.

Eu nunca tinha visto em primeira pessoa, mas sem dúvidas era o corpo de uma mulher.

---

[1] Tipo de colchão usado na tradicional cama japonesa.

Uma mulher?

Eu sou... uma mulher?

De repente, meu corpo, que estava sonolento desde que acordei, despertou completamente.

Em um instante, minha cabeça estava clara, e em seguida, caiu em confusão.

E então, incapaz de aguentar, **eu** gritei.

✧ ✧ ✧

— Onee-chan, você está atrasada!

Quando *eu* abri a porta e entrei na sala de estar, Yotsuha me confrontou com aquele tom agressivo dela.

— Amanhã *eu* preparo o café! — disse como um pedido de desculpas.

Esta criança tem o mau hábito de pensar que ela é mais confiável e crescida do que sua irmã mais velha, apesar do fato de que nem todos os seus dentes de leite tenham caído. Não devo mostrar qualquer fraqueza pedindo desculpas! Pensei quando abri a panela de arroz e empilhei os grãos frescos em minha tigela. Ah, *eu* peguei muito? Meh, que seja.

— *Itadakimaasu*[2].

Depois de derramar bastante molho no meu ovo frito, coloquei um pedaço na minha boca junto com um pouco de arroz.

Aaah, delicioso. Talvez esta seja a verdadeira felicidade... hm? Sinto um par de olhos me observando.

— Você está normal hoje?

— Eh?

Olhei e notei que a vovó estava olhando para mim mastigando o arroz.

— Ontem estava muito estranha! — Yotsuha, também olhava para mim, falando com um sorriso. — De repente gritando, coisas assim...

---

[2] Expressão japonesa bastante utilizada antes de uma refeição para demonstrar gratidão.

Gritando? A vovó continuou a me olhar como se estivesse inspecionando cuidadosamente um objeto desconhecido, Yotsuha continuou a zombar de mim com aquele sorriso.

— Hã? O quê, o quê? O que é isso!?

O que está acontecendo... as duas agindo assustadoramente e tudo-

Ping pong pang pooong.

O alto-falante perto da porta tocou com um estalo súbito, quase violentamente alto.

< Bom dia a todos. >

A voz pertencia à irmã mais velha da minha melhor amiga Saya-chin, que trabalha no departamento de vida comunitária na prefeitura. Aqui na aldeia sonolenta de Itomori, a população é de cerca de 1500, a maioria das pessoas se conhecem ou pelo menos são conhecidos de conhecidos.

< Aqui estão os anúncios da manhã. >

Alto-falantes como estes são instalados ao longo da cidade também, assim que a transmissão soa pelas montanhas próximas, cria-se um tipo de eco quando os sons se acumulam uns sobre os outros. Duas vezes por dia, de manhã e à noite, sem falhas, esta transmissão no sistema wireless de alerta de desastre pode ser ouvida em cada casa e cada rua da cidade, anunciando coisas como a programação de esportes para o dia, ou quem é o responsável por retirar a neve, ou quem nasceu ontem e de quem é o funeral de hoje.

< Primeiro, um anúncio do Comitê de Administração Eleitoral sobre a eleição de prefeito de Itomori a ser realizada no dia 20 do próximo mês — >

O alto-falante perto da porta abruptamente ficou em silêncio. Como ela não conseguia alcançar o alto-falante, vovó, com mais de oitenta anos e sempre usando um kimono antiquado, simplesmente o desconectou em uma silenciosa exibição de raiva. Ligeiramente impressionada, *eu* agarrei o controle remoto e liguei a TV. Uma apresentadora sorridente da NHK começou a falar no lugar da irmã de Saya-chin.

"Em apenas um mês, um cometa que só visita a Terra uma vez a cada 1200 anos vai finalmente se aproximar novamente. Será visível a olho nu por alguns dias. As agências de pesquisa em todo o mundo, incluindo a

JAXA, estão ocupadas se preparando para observar o show celestial do século."

Na tela estavam as palavras "Cometa de Tiamat: Observável a olho nu em um mês" e uma imagem embaçada de um cometa. Eventualmente nossa conversa parou, restando apenas o som de nós três comendo, um sussurro silencioso como o trocado durante as aulas, se misturando com a transmissão da NHK.

— ...dê um jeito e se decida logo, ok? — Yotsuha ordenou de repente.

— Isso é problema de quem já cresceu! — Respondi. Isso mesmo, é um problema de adulto. Eleição municipal? Não me venha com essa porcaria.

Pii-hyororo. Em algum lugar ao longe, um milhafre[3] negro cantava preguiçosamente.

"Até mais!" Yotsuha e *eu* sincronizamos nossas vozes, dizendo adeus à vovó antes de sairmos.

O canto dos pássaros montanheses do verão soava alto por todo lugar enquanto caminhávamos pelo estreito caminho de asfalto que corria ao longo da encosta. Depois de descer alguns degraus de pedra, perdemos a proteção das sombras das montanhas, e os raios do sol começaram a bater diretamente em nós.

Se espalhando à vista estava um lago redondo, Lago Itomori. A superfície calma da água, refletindo a luz do sol da manhã, brilhava implacavelmente. Acima das montanhas, que se desenrolavam em uma cadeia irregular de verde escuro, o céu azul manchado de nuvens brancas, surgiu. Perto de mim, uma moça, ostentando maria chiquinhas e uma mochila vermelha, pulava sem nenhuma razão em particular. E então *eu* estava lá, a garota do colégio com pernas deslumbrantes. Experimentei tocar uma música de corrida de trilha sonora na minha cabeça. Ooh, agora isso se parece um pouco com a abertura de um filme japonês. Em outras palavras, vivemos no meio do nada, em uma cidade rural com aquele estilo japonês que já saiu da moda.

— Miitsuhaaa!

Algum tempo depois que me separei da Yotsuha na frente da escola primária, uma voz me chamou pelas costas. Me virando, vi Tesshi pedalando

[3] Espécie de ave de rapina.

em sua bicicleta com um rosto desagradável, e uma sorridente Saya-chin sentado casualmente no bagageiro.

— Anda logo e cai fora — Tesshi reclamou.

— Tudo bem, seu estraga prazer.

— Você é pesada.

— Ei, seu rude!

Os dois pareciam estar começando a manhã como comediantes, tipo um casal discutindo em programa de TV.

— Vocês dois são muito próximos.

— Não! — Os dois gritaram em harmonia.

Eu comecei a rir com essa negação sincronizada, minha música interna mudando para um solo de guitarra melódico. Nós três já somos melhores amigos há dez anos: *eu*, a pequena Saya-chin, com os dentes retos na frente e as tranças penduradas na parte de trás, e o esguio Tesshi com o seu penteado fora de moda. Saya-chin e Tesshi parecem sempre estar discutindo, mas suas conversas fluem perfeitamente, e, secretamente, estou convencida de que dariam um bom casal.

— Hey Mitsuha, seu cabelo está normal hoje. — Saya-chin disse com um sorriso ao tocar a minha fita de cabelo.

Eu sempre uso o mesmo penteado, aprendi há muito tempo com a vovó: uma trança tripla francesa com a fita se enrolando em torno dela e amarrada atrás da minha cabeça.

— Meu cabelo? O que você quis dizer?

Me lembrei da conversa misteriosa desta manhã. Você está normal hoje? Primeiro a vovó e agora Saya-chin... *eu* estava agindo estranho ontem ou algo assim? Quando tentei lembrar o que aconteceu ontem...

— Eh, você pediu para sua avó te exorcizar? — Tesshi perguntou com um rosto preocupado.

— Exorcizar?

— Você definitivamente estava possuída por um espírito de raposa!

— O quê?

Enquanto lutava para acompanhar as súbitas acusações de Tesshi, Sayachin me deu cobertura com um rosto revoltado.

— Você sempre tenta esconder tudo! Mitsuha, provavelmente está realmente estressada, não é?

Estresse?

— Eh? E-espere um segundo, sobre o que vocês estão falando?

Por que todo mundo está tão preocupado comigo? Ontem... *Eu* realmente não consigo lembrar o que aconteceu, mas deveria ter sido apenas um dia normal, não um agitado.

— Hã?

Tenho certeza disso? Ontem *eu*...

— E o mais importante! — Uma voz profunda, amplificada por um megafone, interrompeu meus pensamentos.

Do outro lado da rua, ao lado de uma fileira de estufas, na área desnecessariamente grande da cidade, havia uma multidão reunida de aproximadamente uma dúzia de pessoas. E, no meio da multidão, um homem proeminentemente alto segurava um megafone: meu pai. Na faixa que ele usava sobre de seu terno exibia orgulhosamente as palavras "Encarregado - Miyamizu Toshiki". Ele parecia estar dando um discurso para a eleição de prefeito.

— Mais importante que qualquer coisa, para continuar a construir e melhorar a nossa comunidade, temos de estabilizar as nossas questões financeiras! Assim que conseguirmos isso, poderemos nos concentrar totalmente na segurança e no conforto de nossa cidade. Durante meus anos no cargo, fui capaz de chegar até aqui, mas quero terminar o trabalho e dar ainda mais polimento para esta cidade! Vou liderar esta terra com uma paixão sem precedentes e construir uma sociedade na qual todos, desde crianças até idosos, possam viver uma vida plena e sem preocupações! Essa é a minha missão...

Seu discurso, feito com tanta habilidade que era quase irresistível, me lembrou dos políticos na TV e me senti extremamente deslocada naquele estacionamento cercado por vegetação. Comecei a me sentir desconfortável.

Os sussurros que ouvi entre o público pioraram ainda mais o meu humor. *De qualquer forma vai dar Miyamizu de novo. Parece que sua palavra se espalha muito rápido.*

— Ei, Miyamizu.

— ...bom dia.

Isso é ainda pior. Um grupo de três colegas, que *eu* particularmente não gosto, vieram falar comigo. Essas pessoas, que pertencem à classe alta e nobre no topo da hierarquia, nos incomodam, os que pertencem à classe comum, em todas as chances que têm.

— O prefeito e seu contratante — um deles disse, então se virou para olhar o meu pai fazendo seu discurso. Ao lado dele na plataforma, o pai de Tesshi estava com um grande sorriso em seu rosto. Sua jaqueta exibia o nome de sua própria empresa de construção, e em torno do seu braço estava uma faixa onde se lia "Apoio Miyamizu Toshiki". O garoto então se virou para olhar para mim e Tesshi. "Vejo que os filhos também estão sempre juntos. Os seus pais mandaram?"

Estúpido. Sem me incomodar em responder, comecei a andar mais rápido. Tesshi também conseguiu manter um rosto inexpressivo. Saya-chin parecia irritada.

— Mitsuha!

De repente, uma voz alta gritou meu nome. Quase parei de respirar. Não posso acreditar. Meu pai estava me chamando com o megafone. O público ouvindo seu discurso interrompido, de repente se virou para me olhar.

— Mitsuha! Você não está orgulhosa!?

Meu rosto ficou vermelho. De tão absurdo, senti como se fosse chorar. Desesperadamente lutando contra a tentação de fugir, continuei caminhando.

Duro até mesmo com a família... assim que é o prefeito. Ouço os sussurros abafados da plateia.

Ouch! Meio que sinto pena dela. Ouço os meus colegas falando e rindo.

Isso é o pior de tudo.

A música tocando na minha cabeça desde que saí de casa tinha parado no meio da agitação, me lembro que sem qualquer música de fundo, esta cidade não é nada além de um lugar opressivo, sufocante.

✧ ✧ ✧

Ka ka ka. O quadro-negro produziu um ruído enquanto a professora escrevia algo que parecia um tanka[4].

Ta so kare to	Quem é ele?
Ware wo na tohi so	Não me faça essa pergunta
Nagatsuki no	É setembro
Tsuyu ni nuretsutsu	O orvalho me molha
Kimi matsu ware so	Enquanto espero o meu amado

— *Tasokare*. É daí que vem a palavra *tasogaredoki*. Vocês sabem o que isso significa, certo? — Yuki-chan-sensei perguntou em sua voz clara, depois escreveu "*tasokare*" em letras grandes no quadro-negro. — Crepúsculo. Um momento que não é nem dia nem noite. Quando as silhuetas começam a desfocar, e você não consegue mais dizer quem é quem. A hora em que vocês podem encontrar coisas que não são deste mundo, como demônios ou os mortos. É daí que vem a palavra "*oumagatoki*". Antigamente, eles também usavam as palavras "*karetasodoki*" e "*kawataredoki*"[5].

Yuki-chan-sensei agora rabiscou "*karetaso*" e "*kawatare*" no quadro. O que é isso, algum tipo de trocadilho?

— Sensei, pergunta. Não é devia ser "*katawaredoki*"? — Alguém perguntou, e *eu* concordei silenciosamente em minha cabeça.

Claro que *eu* conhecia "*tasogaredoki*", mas a outra palavra para o crepúsculo que aprendemos quando crianças era "*katawaredoki*".

Ouvindo a pergunta, Yuki-chan-sensei riu suavemente. Esta professora parecia muito bonita para estar trabalhando neste colégio no meio do nada.

---

[4] Tipo de poema clássico japonês.

[5] Todas essas palavras são formas atuais ou arcaicas de se referir ao crepúsculo.

— Esse é apenas o dialeto por aqui. Você sabe, às vezes os idosos de Itomori ainda falam como as pessoas que escreveram esses poemas.

Alguém deu continuidade a resposta da professora com uma piada sobre como estamos no meio do nada, e a classe começou a rir. É verdade que às vezes quando ouço a vovó falar *eu* penso "isso é mesmo japonês?". Como, ela usa "*washi*"[6] para se referir a si mesma. *Eu* folheei as páginas do meu caderno enquanto pensava sobre isso, e descobri uma mensagem escrita com letras grandes em uma página que ainda devia estar em branco.

Quem é você?

....Hã? O que é isso? Os sons ao meu redor subitamente ficaram em silêncio, como se tivessem sido sugados pela letra desconhecida em frente aos meus olhos. Esta não era a minha caligrafia. Não emprestei meu caderno a ninguém. O que isto significa?

— ...san. Miyamizu-san!

— Ah, sim? — *Eu* entrei em pânico e me levantei.

— Por favor, leia a partir da página 98 — Yuki-chan-sensei disse, então, olhando para o meu rosto, ela acrescentou — Miyamizu-san. Fico feliz em ver você se lembrou do próprio nome hoje.

A classe explodiu em gargalhadas. Huuuh? O quê? Sobre o que ela está falando?

✧ ✧ ✧

— ...você não se lembra?

— ...não.

— Sério?

— Estou te dizendo que não — *eu* respondi, então tomei um grande gole de suco de banana. Hum. Saya-chin está me olhando como se *eu* fosse um objeto estranho.

— Quero dizer... ontem você esqueceu onde se sentava e qual seu armário. Seu cabelo ainda estava bagunçado por causa do sono e não estava amarrado

[6] Pronome 'eu' normalmente usado por homens idosos.

como de costume, seu uniforme não estava com a fita, e você estava de mau humor o tempo todo.

Eu tentei imaginar tudo isso.... Eh?

— Ehhhhh? De jeito nenhum! Sério!?

— Era como se tivesse amnésia.

Completamente confusa neste momento, tentei mais uma vez me lembrar de ontem... algo definitivamente estava estranho. Não me lembro de nada sobre ontem. Espere, não. Posso lembrar vagamente de algumas coisas.

Eu estava... em uma cidade desconhecida?

No espelho estava... um garoto?

Tentei dar sentido aos fragmentos. Um milhafre negro em algum lugar próximo cantava como se zombasse de mim. *Pii-hyororo*. Agora é hora do almoço, e nós três estamos sentados na esquina do jardim da escola, conversando com caixas de suco na mão.

— Hmm... *Eu* sinto que tive um sonho muito longo e estranho. Era como... a vida de outra pessoa? Ugh, realmente não me lembro.

— Entendi! — Tesshi exclamou de repente, me fazendo piscar. Ele enfiou uma revista de ocultismo "Mu" em nossos rostos e começou a explicar um pouco excitado. — Deve ser lembranças de sua vida anterior! Bem, vocês provavelmente vão dizer que isso não é científico e tudo mais, então deixe-me dizer de forma diferente. O que provavelmente aconteceu é que seu subconsciente conectado ao multiverso, como descrito na interpretação de muitos mundos em Everett-

— Fica quieto — repreendeu Saya-chin.

— Ah! Foi você quem escreveu no meu caderno!? — *Eu* gritei acusando Tesshi.

— Hã? Do que você está falando?

Eu acho que não. Bem, Tesshi não é de fazer esse tipo de brincadeira estúpida e ele não tinha nenhum motivo.

— Ah. Nada. Não importa. — Tentei retirar o que *eu* disse.

— Qual é? Acha que fiz alguma coisa?

— *Eu* disse, deixa para lá.

— Uau, Mitsuha, tão malvada. Você ouve isso Saya-chin? Falsas acusações! Chamem um procurador... ou é um advogado? Que tipo de situação é essa?

— Mas Mitsuha, você estava realmente meio estranha ontem — disse Saya-chin, ignorando completamente as queixas de Tesshi — você não está se sentindo bem ou algo assim?

— Hmm... isso é estranho... talvez seja realmente estresse...

Pensei em todas as provas que ouvi hoje. Tesshi se concentrou mais uma vez em sua revista de ocultismo, como se toda a nossa conversa nunca tivesse acontecido. Esse é um de seus pontos positivos: ele não fica remoendo as coisas.

— Sim, é definitivamente estresse! Tem muita coisa acontecendo recentemente, Mitsuha.

E você diz isso para mim. Não bastava a eleição estúpida de prefeito, esta noite ainda tem a temida cerimônia! Nesta minúscula cidadezinha, como poderia é possível que meu pai seja o prefeito, e minha avó é a sacerdotisa do santuário? Enterrei minha cabeça entre meus joelhos e lamentei alto.

— Ugh, *eu* só quero me apressar em me formar e me mudar para Tóquio. Estou cansada de ficar presa nesse lugar estúpido!

Compreendendo minhas queixas, Saya-chin acenou com a cabeça repetidamente em acordo.

— Minha família teve três gerações de radialistas de emergência da cidade. As senhoras de idade ao lado me chamaram de "menina broadcast" desde que eu era criança! E agora, por alguma razão, estou no clube de broadcast! Já nem sei o que quero fazer.

— Saya-chin, uma vez que nos formarmos vamos mudar para Tóquio juntas! Nesta cidade, mesmo adultas, a hierarquia do ensino médio vai continuar! Devemos nos libertar deste ciclo! Tesshi, você também vem, certo?

— Hmm? — Tesshi ergueu a cabeça lentamente de sua revista.

— ...você estava pelo menos ouvindo?

— Ah... eu estava pensando em ficar aqui e levar uma vida normal.

Saya-chin e *eu* suspiramos profundamente. Por isso que ele não consegue uma garota. Bem, *eu* nunca tive um namorado, mas não é esse o assunto.

Segui o vento que soprava com meus olhos, e isso me levou a uma visão do Lago Itomori, parado, em paz, indiferente aos nossos problemas.

✧ ✧ ✧

Esta cidade não tem loja de livros, não tem dentista, tem apenas um trem a cada duas horas e apenas dois ônibus por dia, não tem sequer uma previsão do tempo para a nossa área, e as imagens daqui no Google Maps são apenas um borrão de pixels. A loja de conveniência fecha às nove e vende sementes de hortaliças e equipamentos agrícolas de alta qualidade...

No caminho da escola para casa, Saya-chin e *eu* entramos no modo de queixa anti-Itomori. Não temos um McDonald's ou Mos Burger, apenas dois bares. Não existem empregos, as horas com a luz do dia são curtas... a lista apenas cresce. Normalmente, o isolamento da cidade é realmente refrescante e até me sinto orgulhosa de viver aqui, mas hoje estamos cheias de puro desespero.

— Ei! — Tesshi, que estava empurrando sua bicicleta silenciosamente atrás de nós o tempo todo, de repente levantou a voz com raiva.

— ...o que.

Então, ele olhou para nós duas com um sorriso assustador.

— De qualquer forma, querem parar em uma lanchonete?

— Eh...

— O qu-

— Lanchonete!? — gritamos unidas.

✧ ✧ ✧

Gachan! Um som de choque metálico soou brevemente antes de se misturar com o coro das cigarras noturnas.

Tesshi estendeu a lata de suco que acabou de pegar da máquina de vendas. Na estrada, uma scooter zumbia enquanto passava, carregando um velho que voltava para casa dos campos. Também passava um vira-lata, que,

aparentemente decidindo nos agradar com a sua presença, se sentou nas proximidades e bocejou.

A "lanchonete" não era realmente uma. Em outras palavras, não era Starbucks ou Tully's, ou uma bela loja de doces como as que certamente existem em algum lugar deste mundo. Em vez disso, ela consistia de apenas uma placa de sorvete de 30 anos presa a um banco e uma máquina de venda automática. Em outras palavras, era apenas uma parada de ônibus do bairro. Nós três estávamos sentados alinhados no banco, com o vira-lata aos nossos pés, bebendo nossos sucos enlatados. Ao invés de ficar com raiva de Tesshi por nos enganar, simplesmente desisti, percebendo o quão estúpido *eu* fui por acreditar que realmente haveria uma boa lanchonete nesse lixo.

— Parece que está um grau mais frio do que ontem.

— Não, para mim está um grau mais quente.

— Certo, *eu* vou voltar para casa — disse aos outros dois depois que tive o suficiente de suco enlatado e conversas sem sentido.

— Boa sorte esta noite — disse Saya-chin.

— Vou passar para ver como você está — disse Tesshi.

— Você não tem que vir! Na verdade, definitivamente NÃO venha! — Enquanto confrontava Tesshi, internamente fiz uma pequena oração por eles. *Boa sorte com o seu relacionamento!* Depois de subir alguns lances de escada de pedra, me virei para ver o casal ainda sentado no banco com o pôr do sol colorindo o lago no fundo. *Eu* experimentei uma música de piano lírico para combinar com a cena. Saya-chin e Tesshi realmente são perfeitos juntos. Estou prestes a ter uma noite muito infeliz de trabalho, mas vocês dois pelo menos devem desfrutar de sua juventude, ok?

✧ ✧ ✧

— Ah, eu quero aquele também — murmurou uma Yotsuha insatisfeita.

— Ainda é muito cedo para você, Yotsuha — respondeu a vovó. O som dos pesos de ferro que se chocavam tocou sem cessar ao longo da sala de trabalho de seis tatames. — Tente ouvir a voz dos fios — continuou a vovó, nunca descansando suas mãos ocupadas.

— Se continuar enrolando fios assim para sempre, você começará a ter sentimentos por eles.

— Eh? Fios não podem falar.

— Em nosso *kumihimo*... — continuou a vovó novamente, ignorando completamente os protestos de Yotsuha.

Nós três estamos usando nossa roupa tradicional terminando o *kumihimo* para ser usado na cerimônia de hoje à noite. O *kumihimo*, um artefato tradicional passado por gerações desde muito tempo, consiste em muitos fios finos entrelaçados para formar um cordão. Um *kumihimo* finalizado pode ter vários desenhos e padrões tecidos nele, tornando-o colorido e bonito, mas para fazer um requer uma quantidade equivalente de conhecimentos. Consequentemente, a vovó era responsável de fazer um para Yotsuha, que foi forçada a fazer o trabalho grunhido como sua assistente, simplesmente envolvendo a linha em torno dos pesos.

— Em nosso kumihimo, é esculpido mil anos de história Itomori. As escolas das crianças deveriam ensinar esse tipo de história da nossa cidade, mas, de qualquer forma, ouçam. Há duzentos anos...

Está começando de novo, pensei com um sorriso irônico. Desde que *eu* era pequena, tive que ouvir a lição de história da vovó aqui nesta oficina.

— Um incêndio começou na casa de banho Mayugorou Yamazaki, e toda essa área queimou em cinzas. O santuário, os arquivos, tudo. Este evento é conhecido como-

Vovó olhou para mim.

— O Fogo de Mayugorou — respondi, completando sua sentença, e vovó assentiu contente.

— Eh? Os incêndios têm nomes!? — Yotsuha surpreendida exclamou. — Me sinto mal por Mayugorou-san, já que seu nome sobreviveu por isso.

— O significado por trás do padrão em nosso *kumihimo* e em nossa dança foi perdido com o fogo. O que restava era apenas a forma. Mas, embora não saibamos mais o significado, não devemos nos livrar da forma. Pois o significado esculpido na forma um dia ressuscitará.

A maneira como a vovó falava tinha um tipo de ritmo, e *eu* repeti suas palavras silenciosamente enquanto trançava meu *kumihimo*. O significado esculpido na forma um dia vai voltar. Esse é o importante dever que nós -

— Esse é o dever importante que temos no Santuário Miyamizu. Mas apesar disso...

Os olhos gentis da vovó se preenchem com tristeza. — Apesar disso, aquele filho idiota... não só abandonou o sacerdócio e saindo de casa, mas tentando ser um político...

Acompanhando o suspiro da vovó, *eu* também suspirei levemente. Gostando ou odiando esta cidade, indo para algum lugar distante ou ficando aqui para sempre com a família e amigos, *eu* realmente não me conheço. Peguei meu *kumihimo* finalizado, tecido com cores vivas, e o removi de seu estande, fazendo um solitário som estridente.

✧ ✧ ✧

Ouvindo o som da flauta do santuário à noite, imaginei que se uma pessoa da cidade estivesse aqui, eles poderiam pensar que era algo saído de um filme de terror. Como um assassinato brutal em alguma pequena aldeia, ou uma família misteriosa, ou algum outro acontecimento sinistro. E então aqui estou *eu*, fazendo a minha dança de donzela de santuário, desejando que Sukekiyo ou Jason ou alguém viesse me libertar de minha miséria.

Os papéis principais deste festival anual da colheita do santuário de Miyamizu são, infelizmente, dados a nós, as irmãs. Nesse dia, temos o privilégio de vestir trajes elegantes de damas de santuário, usar o batom vermelho escuro, ornamentos com sinos na cabeça, ficar em frente a uma audiência no palco e fazer a dança que aprendemos com a vovó. Uma dança realizada por um casal, cujo significado aparentemente foi perdido naquele fogo, precisamos segurar sinos com cabos coloridos pendurados neles, tocando os sinos ruidosamente, girando e acenando os cordões pelo ar.

A última vez que me virei, vi Saya-chin e Tesshi pelo canto do olho, me deixando ainda mais deprimida. Vieram de qualquer jeito, mesmo quando especificamente lhes disse para não vir, *eu* decidi que iria amaldiçoá-los com meus poderes de dama do santuário e enchê-los com adesivos de maldição. Esta dança, porém, não é a parte ruim. Quero dizer, é um pouco embaraçosa, mas tenho feito isso desde que *eu* era criança, então me acostumei. O verdadeiro problema é a cerimônia que vem depois, e só fica mais vergonhosa à medida que cresço. Aquela coisa amaldiçoada, aquela coisa que não é nada além de uma desgraça para uma garota.

Aggghhh!!

Pensamentos terríveis passaram por mim, continuei sem prestar atenção até que, antes que percebesse, a dança terminou. Finalmente, chegou a hora.

Om nom nom nom nom.

Nom.

Om nom nom nom.

Estou simplesmente mastigando arroz. E mastigando. E mastigando. Tentando o meu melhor para não pensar em nada, fechando os olhos em uma tentativa de bloquear qualquer visão, gosto, som ou cor, mastigo. Yotsuha está ao meu lado fazendo a mesma coisa. Estamos ajoelhadas no chão lado a lado, e na frente de cada um de nós está uma pequena caixa colocada sobre a mesa. E, claro, além dela está o público, homens e mulheres, velhos e jovens, nos observando.

Om nom nom nom.

Nom nom.

Ughh.

Om nom nom.

Precisa sair em breve.

Nom nom.

Agh.

Nom.

Desisti e peguei a caixa na minha frente, levei à minha boca e pelo menos tentei escondê-la com a manga.

E então, ahh.

Abri a boca e vomitei todo o arroz que *eu* estava mastigando na caixa, deixando uma substância líquida pegajosa, branca, consistindo de uma papa de arroz e saliva pendendo de meus lábios. Ouço sussurros circulando entre a multidão. Ahhh. Chorei por dentro. Por favor, *eu* imploro, não olhe.

Kuchikamisake.

O mais antigo tipo de saquê do Japão, feito ao mascar arroz, cuspí-lo, e aguardar a mistura de saliva fermentar, criando álcool. E então oferecemos

aos deuses. Há muito tempo, aparentemente era feito em muitas regiões diferentes, mas se outro santuário ainda faz isso no século 21 é questionável. Quero dizer, vamos lá. Isto é loucura absoluta, com os uniformes de dama do santuário e tudo mais. Quem exatamente está se beneficiando com isso!? Mesmo reclamando internamente, *eu* corajosamente peguei outro punhado de arroz e enfiei na minha boca. E mastiguei. Yotsuha seguiu o exemplo, parecendo totalmente despreocupada. Devemos continuar fazendo isso até que a pequena caixa esteja cheia. *Blargh*. Cuspi um outro lote de saliva e arroz. Chorei por dentro novamente.

De repente, uma voz familiar passou por minhas orelhas. Ondas de inquietação vieram sobre mim, como ondulações cada vez maiores. Levantei os olhos apenas um pouco.

...Ah.

O que vi me fez querer explodir todo este santuário. Claro, lá estavam eles: o grupo legal e chamativo dos três colegas. Eles estão olhando para mim com sorrisos em seus rostos estúpidos e falando sobre algo que deve ser muito engraçado. "*Ick, definitivamente não consigo fazer isso*" ou "*meio obsceno*" ou "*fazer isso na frente das pessoas... acho que ela não pode mais ser uma esposa*" ou algo assim. Sinto que posso ouvir exatamente o que eles estão dizendo, apesar de ser fisicamente impossível nessa distância.

Definitivamente, definitivamente tomei uma decisão.

Quando me formar, vou deixar esta cidade e vou para bem longe.

✧ ✧ ✧

— Onee-chan, se anime! Não é grande coisa, ser vista por algumas pessoas da escola. Além disso, você já esperava, certo?

— Ser uma criança deve ser tão agradável...

Olhei para Yotsuha. Nós tínhamos trocado para camisetas e acabamos de sair do escritório do santuário. Após o Festival da Colheita, durante o grande encerramento da noite, tivemos que oferecer um banquete para todos os homens e mulheres idosos ao redor do bairro que ajudaram com os preparativos do festival. Vovó era a anfitriã, enquanto Yotsuha e *eu* ficávamos com o trabalho de servir álcool e manter a conversa.

— Quantos anos você tem, Mitsuha-chan? Eh, dezessete! Ter meu álcool servido por uma menina tão jovem e linda, me sinto jovem novamente.

— Por favor, vá em frente! Sinta-se jovem novamente! Beba mais, mais!

Eu estava desesperadamente servindo nossos convidados e prestes a ter um colapso, até que vovó e os adultos finalmente decidiram que era hora das crianças voltarem para casa e nos liberaram. Eles continuaram no escritório, falando sobre os velhos tempos.

— Yotsuha, sabe qual era a idade média naquele escritório?

As luzes ao longo do caminho que levava ao santuário já haviam se apagado, deixando apenas a escuridão enluarada e o barulho refrescante dos insetos para preencher a área.

— Não sei. Cerca de sessenta?

— Calculei na cozinha. Setenta e oito anos. Setenta e oito!

— Hmm.

— E agora que nós fomos embora, é noventa e um! Já estão praticamente mortos! *Eu* não ficaria surpresa se uma escolta do submundo viesse até o santuário para carrega-los agora!

— Hmmm.

Eu estava tentando convencê-la de que precisávamos nos apressar e sair dessa cidade o mais rápido possível, mas a resposta de Yotsuha ao discurso de sua irmã mais velha era um pouco ausente. Ela parecia estar pensando em outra coisa, então desisti. No final, a criança não conseguia entender os problemas de sua irmã mais velha. Olhei para cima. As estrelas enchiam todo o céu, brilhando transcendentalmente, livres de preocupações terrenas.

— ...é isso! — Yotsuha exclamou de repente enquanto caminhávamos pela longa escadaria de pedra do santuário. Com um rosto orgulhoso, como se acabasse de encontrar um bolo escondido ou algo assim, ela explicou — Onee-chan, você deve fazer uma tonelada de *kuchikamisake*, e vendê-lo para conseguir dinheiro para ir para Tóquio!

Por um momento, *eu* estava sem palavras.

— Essa é uma... ideia interessante.

— Você pode até incluir uma seção “making of” com fotos e vídeos do processo. Se chamaria "*Kuchikamisake da donzela do santuário*" ou algo assim! Definitivamente vai vender!

Enquanto me preocupava se a Yotsuha ficaria bem, tendo este tipo de perspectiva sobre o mundo aos nove anos de idade, percebo que era apenas seu modo de cuidar de mim e me lembro mais uma vez de como ela é linda. Certo, talvez *eu* considere isso, um negócio de *kuchikamisake*... espere, está tudo bem vender álcool assim?

— Ei, o que você acha da minha ideia?

— Ummmmm...

Hmmm. Depois de tudo...

— Nada boa! Violação da Lei do Imposto sobre o Bebidas Alcoólicas!

Hã? O problema era esse? Pensei, e, a próxima coisa que percebi é *eu* estava correndo a toda velocidade. Uma miríade de lembranças e sentimentos, esperanças e dúvidas misturadas, fazendo meu coração sentir como se estivesse prestes a explodir. Saltei a passos rápidos um lance de escadas e, em seguida, usei os freios de emergência, chegando a uma parada sob o *torii*[7] do salão de baile. Puxei o ar frio da noite para os meus pulmões e então, exalando com todas as minhas forças, expulsei a bagunça no meu coração junto com o ar.

– Já estou cansada dessa cidade! Estou cansada dessa vida! Por favor, me deixe renascer como um garoto atraente em Tóquio!!

Tóquio Tóquio Tóquio Tóquio.

Meu desejo reverberou entre as montanhas e então simplesmente desapareceu, como se fosse sugado pelo Lago Itomori lá embaixo. Com a estupidez das palavras que instintivamente soltei da minha boca, minha cabeça esfriou junto com o suor correndo por ela.

Ah, mas ainda assim.

Deus, se você realmente está aí.

---

[7] Portão tradicional japonês, normalmente vermelho, que assinala a entrada ou proximidade de um santuário.

Por favor—

Se os deuses realmente existem, *eu* ainda não sei o que realmente gostaria de desejar.

✧ Dias

Um alarme desconhecido.

Esse pensamento passou pela minha cabeça ainda adormecida. Um despertador? Mas *eu* ainda estou com sono. De qualquer forma, vou dormir um pouco mais. Com os olhos ainda fechados, senti o smartphone que deveria estar ao lado do futon.

Hã?

Estendi minha mão ainda mais longe. Este alarme está realmente ficando chato... onde diabos *eu* coloquei?

— Ow!

Com um baque, minhas costas bateram com toda força no chão. Aparentemente, caí da minha cama... eh? Espere um segundo... cama?

Finalmente abri meus olhos e levantei a metade superior do corpo.

Hã?

Um quarto totalmente desconhecido.

Estou em um quarto totalmente desconhecido.

Será que *eu* passei a noite em algum lugar?

— ...Onde estou? — Assim que essas palavras saíram da minha boca, notei que minha garganta parecia estranhamente pesada. Instintivamente, coloco minha mão contra ela. Meus dedos sentiram um caroço duro e

proeminente. — Hmm? — Minha voz soou estranhamente profunda. Deixei meu olhar descer para o meu corpo.

... sumiram.

Uma camiseta desconhecida se esticava até o meu estômago. Sumiram.

Meus peitos... sumiram.

E bem no meio das minhas pernas, havia algo, emitindo uma presença tão grande que ofuscou a ausência dos meus seios.

O que... é isso?

Lentamente, movi minha mão para perto dessa coisa. Sentia como se a pele e o sangue de todo o meu corpo estivessem sendo sugados para esse ponto.

...Isto.... poderia ser...

.....

.....

....

Minha mão fez contato.

Eu quase perdi a consciência.

✧ ✧ ✧

Quem é esse cara?

Em pé, na frente do espelho em um banheiro estranho, *eu* olhava fixamente para o reflexo de um rosto desconhecido. O cabelo ligeiramente desleixado descendo até as sobrancelhas tinham uma taxa de 6:4 de tentar não se esforçar. As sobrancelhas davam uma impressão de teimosia, mas os olhos abaixo delas, que eram um pouco grandes, pareciam os de uma pessoa amável. Mais para baixo estavam os lábios ásperos que pareciam estar completamente isolados do conceito de hidratação, e por trás de tudo isso estava um pescoço duro.

Por alguma razão, em uma das bochechas estava preso um grande curativo e, ao tocá-lo suavemente, uma dor maçante percorreu todo o meu rosto. Doeu, e mesmo assim não acordei. Minha garganta estava

severamente seca. Abri a torneira e bebi a água juntando as mãos. Estava desconfortavelmente quente e cheirado a água de piscina.

— Taki, você está acordado?

Ao ouvir de repente a voz de um homem, soltei um gritinho. Taki?

— ...Hoje era sua vez de cozinhar, não era? Que diabos está fazendo? — Enquanto olho timidamente para o que parece a sala de estar, um homem de meia-idade vestindo um terno olha para mim brevemente voltar o olhar para a sua refeição e me lançar aquela pergunta.

— D-desculpa! — Falei por reflexo.

— Eu vou sair. Tem sopa de miso, então sirva-se.

— Ah, ok.

— Mesmo que esteja atrasado, certifique-se de ir para a escola — disse o homem quando rapidamente reuniu seus pratos, os colocou no balcão da cozinha, passou por mim congelado na entrada, calçou seus sapatos, abriu a porta, saiu e então fechou a porta. Tudo aconteceu em um flash, mais rápido do que um milhafre poderia cantar.

— ... Que sonho estranho — *eu* disse em voz alta, em seguida, olhei ao redor da sala mais uma vez.

Por toda a parede, imagens de desenhos de pontes ou edifícios ou várias outras estruturas estavam penduradas. No chão, revistas, sacos de papel e caixas de papelão estavam espalhados. Contrastava com a família Miyamizu, que ostentava a limpeza (apesar de ser por causa da vovó), deu a impressão de ser um deserto sem lei. O quarto em si era bastante pequeno, então imaginei que deveria ser um apartamento.

Não sei de onde veio toda a ideia para este sonho, mas parecia bastante realista. Minha imaginação deve ser grande. Talvez *eu* pudesse ser um artista ou algo assim no futuro?

Pirorin!

Como se respondendo a minhas reflexões, o toque eletrônico de uma mensagem sendo recebida tocou pelo corredor. Em pânico, engoli em seco e corri de volta para o quarto. Um smartphone tinha caído ao lado das folhas, e na tela uma mensagem curta era exibida.

Você ainda está em casa? Corra! — Tsukasa

Eh? O quê, o quê? Quem é Tsukasa?!

Antes de mais nada, preciso ir para a escola. Olhei em volta e vi um uniforme masculino suspenso pela janela. Mas no momento em que o peguei, percebi uma questão ainda mais urgente.

Ahh... por que tem que ser agora?

Eu preciso ir ao banheiro!

Soltei um suspiro pesado o suficiente para fazer todo o meu entrar em colapso. Qual o problema com os corpos dos meninos?! De alguma forma terminei o serviço, mas meu corpo ainda estava tremendo de raiva. Por que é que, quanto mais *eu* tentava mijar, quanto mais *eu* tentava ajustar o alvo, mais e mais difícil era não deixar nada cair fora do vaso?! *Eu* sou idiota?! Ou esse cara é estranho? Ahh, *eu* nunca tinha visto antes! Apesar de toda a reclamação, ainda sou uma dama do santuário!

Suportando a desgraça insuportável e segurando as lágrimas, ou melhor, não chorando completamente, mas derramando um pouco, troquei para o uniforme escolar e abri a porta do apartamento. De qualquer forma, vamos sair daqui, pensei, e levantei os olhos.

...E então.

Pela visão diante de mim,

Minha respiração foi roubada.

Engoli em seco.

Eu estava de pé no que parecia ser um corredor elevado de um prédio residencial. Sob os meus olhos estava a extensão verde de um parque. O céu perfeitamente imaculado era uniformemente pintado de um azul vívido. E na fronteira onde o verde de baixo e o azul de cima se chocavam, edifícios de todos os tamanhos estavam alinhados, quase como fileiras de origami bem dobrado. Em cada um desses prédios eram detalhadas janelas elaboradas, esculpidas como padrões costurados. Algumas janelas refletiam o azul do céu, algumas carregavam o verde profundo das árvores, e algumas brilhavam sob os raios do sol da manhã. O pequeno edifício vermelho visível à distância, o edifício arredondado prateado, de certa forma parecido com uma baleia, e o edifício brilhante, que parecia cortado de bloco de obsidiana

pura, certamente eram todos famosos, guardados vagamente em algum lugar no fundo da minha memória. Também ao longe, carros parecendo brinquedo formavam um fluxo ordenado, tecendo entre os edifícios.

A cena diante de mim era muito mais bonita do que tinha imaginado, ou qualquer coisa que tinha visto na TV ou em filmes. Ou talvez nunca tinha tentado visualizar seriamente, mas lá estava: o ambiente da maior metrópole do Japão. Profundamente comovida, *eu* não podia fazer nada além de pronunciar uma única palavra.

— Tóquio.

Eu respirei fundo e cerrei os olhos contra o brilho, o mundo radiante em minha frente, como se estivesse olhando diretamente para o sol.

✧ ✧ ✧

"Ei, ei, onde você comprou isso?" "Em Nishi-Azabu, a caminho de casa depois da escola." "No ato de abertura de seu próximo show..." "Ei, vamos faltar a prática de hoje e ver um filme..." "Sobre a festa de hoje à noite..."

O-o que são essas conversas? Essas pessoas são realmente estudantes modernas do ensino médio? Não só leem posts de celebridades no Facebook ou algo assim?

Eu estava meio que me escondendo atrás da porta, observando a sala de aula e esperando o momento certo para entrar. No momento em que cheguei na escola, depois de horas de ficar horas perdido mesmo usando o GPS o caminho inteiro, o som que marcava o início da pausa para o almoço tinha tocado.

Mas sério, este prédio da escola... com todas as suas paredes feitas de vidro e portas de ferro colorido com pequenas janelas redondas - o que é isso, a feira mundial ou algo assim? É assim que o moderno e elegante se parece. Então, este era o mundo que este garoto, Tachibana Taki, que tinha a mesma idade que *eu*, vivia. Confirmei o nome na lista da turma e o rosto indiferente na foto do ID na minha mente. De alguma forma isso me irritou um pouco.

— Taaaki!

"!!" Meus ombros foram repentinamente agarrados por trás, um pouco de ar que quase se transformou em um uivo escapou dos meus lábios.

Virando a cabeça, vi um menino com óculos e uma a boa aparência de um representante de classe com um largo sorriso, seu rosto tão perto que nossos cabelos quase se tocaram. Ahh! Este é o mais próximo que já estive de um cara!

— Vindo para a escola durante o almoço, hein? Vamos comer — disse o menino de óculos, e depois caminhou comigo pelo corredor, com as mãos ainda presas nos meus ombros.

Whoa, whoa, muito perto!

— Ignorando meus textos... — ele murmurou.

Ah, isso mesmo. — ...Tsukasa-kun?

— Haha, kun? É sua maneira de se desculpar?

Não sabendo como responder, por enquanto me contorci para escapar de seus braços.

✧ ✧ ✧

— ...você se perdeu? — Perguntou um garoto de aparência amável, chamado Takagi, incapaz de esconder a descrença em seu rosto. — Como diabos você se perdeu no caminho para a escola?

— Um... — me atrapalhei com as palavras. Nós três estávamos sentados no canto do telhado largo do prédio da escola. Talvez porque quiséssemos evitar os raios quentes do sol do verão, embora fosse uma pausa para o almoço não havia quase ninguém ao nosso redor. — Uh... *watashi*[8]...

— *Watashi*?

Takagi e Tsukasa me olhavam com suspeita. Ups. Agora, sou Tachibana Taki.

— Ah, um... *watakushi*!

— Hã?

— *Boku*!

— Haa?

---

[8] As palavras *watashi*, *watakushi*, *boku* e *ore* são formas diferentes de se falar "eu" em japonês, há usos diferentes para homens, mulheres e varia com a formalidade.

— ...*Ore*?

Finalmente, os dois concordaram, embora a suspeita não deixasse seus olhos. Entendo. *Ore* . Entendi!

— ...Foi divertido. Tóquio é tão animada e emocionante, parece um festival.

— ...Você está falando com um sotaque? — Takagi perguntou.

— Ehh! — Devo concordar? Meu rosto ficou vermelho.

— Taki, cadê seu almoço? — Tsukasa continuou o interrogatório.

— Ehhhh! — Não tenho um!

— Você está doente ou algo assim? — Eles me encararam enquanto procurava freneticamente na minha bolsa com suor escorrendo pelo meu rosto, os dois riram.

— Tsukasa, você tem alguma coisa aí?

— Sanduíche de ovo. Coloque seu croquete junto ele.

— Obrigado... — *eu* disse, um pouco impressionada o improvisado sanduíche croquete de ovo. Quem sabia que os caras poderiam ser tão elegantes e gentis? Ahh, espere, espere Mitsuha, não pode se apaixonar pelos dois ao mesmo tempo! Bem, *eu* não vou... mas de qualquer maneira, Tóquio é muito incrível!

— Então, quer parar naquela lanchonete novamente depois da escola?

Ao ouvir Takagi falar essas palavras, meu olhar se congelou em sua boca, que estava prestes a morder um sanduíche.

— Ah, com certeza — disse Tsukasa, depois tomou um gole de água.

Eh? O que ele disse? Parar... onde?

— Taki? Você também vem?

— Eh!?

— A lanchonete...

— L-l-lanchonete!? Sem prestar atenção para a crescente desconfiança nos seus rostos, não poderia me impedir de gritar de emoção. Agora era a hora da vingança para aquela parada de ônibus!

✧ ✧ ✧

Dois cães pequenos vestindo roupas de idol estavam sentados em cadeiras próximas, olhando para mim com seus olhos brilhando e sacudindo as caudas preguiçosamente. Havia um espaço anormalmente grande entre cada mesa, metade dos clientes eram estrangeiros, um terço usava óculos de sol, três quintos tinham chapéu, nem uma única pessoa estava vestindo um terno, e *eu* não tinha ideia de quais poderiam ser suas profissões. Sério, o que é esse lugar? Um lugar onde os adultos se reúnem em tardes durante a semana com seus cães?!

— A estrutura de madeira no teto é agradável.

— Ah, parece que se esforçaram bastante para fazê-lo.

Sem mostrar sinal de medo nesse ambiente impressionantemente elegante, Tsukasa e Takagi casualmente compartilhavam suas opiniões sobre design de interiores. Aparentemente, essas crianças tinham um interesse na arquitetura e estavam passeando em busca de lojas diferentes. Que tipo do passatempo é esse!? Garotos do ensino médio não costumam ler "Mu" ou coisas do tipo?!

— Taki, já se decidiu?

Instigado por Tsukasa, interrompi minhas observações para olhar sobre o enorme cardápio com capa de couro.

— ....!! Poderia viver com o preço dessa panqueca por um mês!

— Em que era você está? — Brincou Takagi.

— Hmmm... — Um debate interno durou um momento, então percebi que isso tudo era um sonho. Nesse caso, quem se importa? É o dinheiro de Tachibana Taki de qualquer forma, só vou comer o que *eu* quiser.

Ahh... que sonho bom. Terminei de comer meu pancake que parecia uma fortaleza cercada por amoras e manga. Dei um suspiro profundo e satisfeito, então bebi meu café. E então, senti uma vibração em meu smartphone. ...Um monte de emojis irritados na mensagem.

— ... Ah! O que *eu* faço? Ele diz que estou atrasado para o meu trabalho! Alguém que se parece com meu chefe está zangado!

— Oh, era seu dia hoje?

— Então se apresse e vá embora.

— Entendi! — Me levantei correndo, então...

— ...O que está errado?

— Onde é que *eu* trabalho mesmo?

— ...Haaa?

As expressões deles tinham ultrapassado o espanto, já beiravam a raiva. Não é justo! *Eu* não sei nada sobre esse cara!

✧ ✧ ✧

"Um, me desculpe, onde está a minha comida?" "Taki! Pega o pedido da mesa 12!" "Eu não pedi isso..." "Taki! Eu disse que estávamos sem trufas!" "Onde está o cheque?" "Taki! Saia do caminho!" "Taki! Leve isso a sério!" "Taki!!"

O trabalho acabou sendo em um restaurante italiano de classe alta. Um candelabro cintilante pendia do teto de dois andares, junto com ventilador grande que girava lentamente e parecia algo tirado de um filme. Tachibana Taki trabalhava como garçom e ao entardecer o restaurante estava ocupado como o inferno.

Eu troquei os pedidos, desarrumei as mesas, fui repreendido pelos clientes, e fui repreendido pelos chefs, mas de alguma forma ainda estava conseguindo ficar de pé mesmo confusa. Quero dizer, qual é, esta é a minha primeira vez aqui! Nunca sequer tive um emprego antes! Espere um minuto, este sonho está começando a se tornar um pesadelo! Agghh, quando *eu* vou acordar!? Isso é tudo culpa sua, Tachibana Taki!

— ..espere um pouco, jovem.

— Eh, ah, sim? — Me virei rapidamente depois de passar pelo dono da voz (como diabos deveria saber quem você está chamando de "jovem"?)

Eek. Sentado lá estava um homem vestindo uma camisa de colarinho com um colar de ouro enrolado ao redor de seu pescoço e muitos anéis

grandes e brilhantes em seus dedos. Obviamente um gangster. Bem, você pode ver algumas dessas pessoas na frente da estação na cidade ao lado da minha cidade natal. Nesse sentido, talvez *eu* parecesse mais com ele do que dos clientes que parecem celebridades.

Com um sorriso forçado, me disse: "Tinha um palito na minha pizza."

— Eh?

O Sr. Gangster ergueu sua última fatia de pizza de manjericão, me mostrando o palito que ele claramente pôs ali. Talvez estivesse brincando, mas mesmo assim não tinha ideia de como responder.

— Seria perigoso se eu comesse agora, não é? Tive sorte de ter visto, mas... o que você vai fazer? — Ele disse, com aquele sorriso ainda em seu rosto.

— Eh... — "*acredito que você o pôs lá, não é mesmo?*" Claro que não ia dizer isso. Em uma perda total de palavras, tentei o meu melhor para ter um sorriso amigável. Imediatamente, o sorriso do gangster desapareceu.

— Estou perguntando o que você vai fazer sobre isso! — Ele gritou de repente, batendo na mesa com seu joelho.

O barulho fez todo o restaurante congelar instantaneamente, juntamente com meu corpo.

— Senhor! Tem algo errado?

Uma garçonete apareceu e me empurrou para fora do caminho, me dizendo para recuar quando ela passou. Outro garçom, provavelmente um dos experientes, agarrou meu braço por trás e me arrastou para longe.

— Você está realmente estranho hoje, sabe? — Ele disse com um rosto preocupado.

Com o canto do olho vi a garçonete se curvar profundamente e pedir desculpa para o gangster. Então, como se alguém aumentasse o volume, a conversa no restaurante retornou.

✧ ✧ ✧

As horas de funcionamento do restaurante finalmente chegaram ao fim. A lâmpada do candelabro tinha sido apagada, os panos das mesas tinham sido removidos. Uns limparam os vidros, outros verificaram o inventário, e

alguns estavam nos computadores na registradora. Quanto a mim, estava empurrando algo que parecia um cortador de grama para limpar o chão.

Ainda não tive a chance de falar com a mulher que me salvou anteriormente, que agora estava limpando as mesas, uma por uma. Seus cabelos longos, amarrados com uma rede, lançavam uma sombra sobre o seu rosto, me deixando incapaz de ler sua expressão. A única coisa que poderia dizer, no entanto, era que seus lábios formavam um sorriso amável. Tinha longos braços e pernas e uma cintura fina, mas também tinha seios bastante grandes. Ao passar, consegui ler "Okudera" no seu crachá. Ok, aqui vamos nós!

— Okudera-san — assim que reuniu coragem para chamar o nome dela, senti um puxão na parte de trás da minha cabeça.

— Senpai! — Um homem me repreendeu em tom de brincadeira enquanto passava para a cozinha com vários cardápios em uma mão.

Ah, entendo. Senpai, hein? Tudo bem, mais uma vez!

— Hum, Okudera-senpai! Sobre o que aconteceu mais cedo...

— Taki-kun. Hoje foi um desastre. — Ela se virou e me olhou diretamente nos olhos quando disse isso.

Seus longos cílios enrolados, seus lindos olhos de amêndoa e sua voz sensual que me davam formigamento nas costas me fizeram instintivamente querer confessar meu amor por ela. Sentindo meu rosto ficar vermelho, entrei em pânico e olhei para o chão.

— Ah, um...

— Ele estava definitivamente mentindo. Bem, ainda lhe dei sua refeição de graça, como diz o manual. — Sem parecer particularmente irritada, ela virou o pano e começou a enxugar uma nova mesa.

Quando comecei a falar outra vez, outra garçonete veio e se intrometeu.

— Ah! Okudera-san! Sua saia!

— Eh?

Ao torcer seu corpo para olhar, o rosto de Okudera-senpai ficou vermelho vivo. Um pouco acima de suas coxas, um profundo corte abria

horizontalmente sua saia. Ela soltou um gritinho e rapidamente cobriu o corte com seu avental.

"Você está ferida?" "Uau... foi aquele cliente?" "Esse tipo de coisa já aconteceu antes, não é?" "Intimidação?" "Você se lembra como ele era?"

Alguns outros funcionários se reuniram em torno da senpai, com vozes preocupadas. Okudera-senpai permaneceu em silêncio, com o olhar no chão, e *eu* estava ao lado dela parecendo uma idiota, as palavras que queria falar ainda estavam presas na minha boca. Seus ombros começaram a tremer ligeiramente. Pensei ter visto algumas lágrimas brotarem dos seus olhos.

Desta vez sou *eu* que devo salvá-la. O pensamento veio de repente e, antes que *eu* percebesse, agarrei a mão de Okudera-senpai e comecei a me afastar, ignorando os "hey, Taki!" que falavam atrás de mim.

✧ ✧ ✧

Verde para um campo aberto. Laranja para flores e borboletas. Hmm, *eu* quero mais uma. Vamos ver marrom... um ouriço. E creme para o nariz.

Beliscando a saia da senpai, *eu* costurava em um padrão sobre o rasgo. Por alguma razão, a cesta de costura no vestiário tinha várias linhas coloridas, então decidi usá-las para fazer um reparo bastante elaborado. Depois de ser espetada por vovó toda a minha vida, o trabalho com agulha era uma especialidade entre minhas especialidades.

— Acabou! — Depois de cinco minutos de costura, entreguei a saia reparada para Okudera-senpai.

— ...Eh, isso está... — A expressão da senpai mudou gradualmente de uma de suspeita e ansiedade após ser arrastada por mim para o vestiário para uma de surpresa. — Uau! Taki-kun, isso é ótimo! Está mais bonito do que antes.

O corte era de cerca de dez centímetros de comprimento, uma linha horizontal pela sua saia. *Eu* juntei as duas partes ao mesmo tempo que criava um padrão de ouriços jogando em um campo. O resto da saia era um simples marrom escuro, então pensei que isso a destacaria em um bom sentido, trazendo um aspecto fofo à beleza da senpai. Seu rosto, que parecia pertencer a uma modelo em alguma revista, mudou para o sorriso caloroso e amigável de uma garota comum.

— Obrigado por me salvar hoje. — Finalmente consegui falar.

— Hehe. — Ela riu suavemente. — A verdade é que estava um pouco preocupada. Você se envolve rápido em brigas, mesmo sendo fraco. — Senpai apontou para a bochecha enquanto falava. Ah, acho que posso adivinhar como esse curativo na bochecha de Taki chegou aqui. — Você está um pouco melhor hoje — ela terminou brincando. — Oh, você também tem um surpreendente de charme feminino.

Meu coração se exaltou. O sorriso dela naquele momento, que me fez querer dar tudo o que *eu* tinha para ela, era a coisa mais valiosa que vi em Tóquio hoje.

✧ ✧ ✧

O trem na volta para casa estava vazio.

Foi neste momento que percebi como Tóquio era composta por uma variedade de aromas. As lojas de conveniência, restaurantes familiares, pessoas passando, parques, locais de construção, estações à noite, interiores de trens. Aproximadamente a cada dez passos havia um novo perfume. Até agora, não sabia que as pessoas produziam tais aromas quando se reuniam em um só lugar. E nesta cidade havia uma vida sem sombra de dúvidas, assim como mostravam as luzes nas janelas. Um número esmagadoramente grande de edifícios, alinhados até os confins do meu campo de visão, como uma cordilheira. Meu coração ficou inquieto.

...E Tachibana Taki era uma dessas pessoas vivendo aqui nesta cidade. Estendi minha mão para o rapaz refletido na janela de vidro do trem. Isso me aborreceu um pouco, mas talvez seu rosto não fosse tão ruim afinal. *Eu* comecei a sentir uma certa familiaridade com ele, como se fosse um amigo que lutou ao lado através desta batalha desgastante nesse dia.

"Mas ainda assim, este é um sonho bastante realista..."

Quando cheguei em casa, caí na cama que acordei nesta manhã. Imaginei como diria a Tesshi e Saya-chin sobre este incrível sonho amanhã, como me gabaria com essa poderosa imaginação. Talvez me tornasse uma mangaká... ou não, não sou muito boa em arte, então talvez uma autora? Poderia juntar dinheiro suficiente para que todos pudéssemos morar em Tóquio.

Sorrindo com meus pensamentos descontrolados, olhei para cima e agarrei o smartphone de Tachibana Taki com minha mão. Como explorava ele com meus dedos, notei que ele mantinha um diário de algum tipo.

7/9 Comer no KFC com Tsukasa e Takagi

6/9 Filme em Hibiya

31/8 Tour de arquitetura; edição orla

25/8 Receber pagamento pelo trabalho!

Voltei no tempo através dos títulos, um pouco impressionada com sua dedicação. Em seguida, toquei o ícone de fotos. A maioria eram fotos de cenários, seguida de fotos de Tsukasa e Takagi. Comer ramen e ir a parques juntos... eles pareciam muito próximos. Uma venda de gyuudon, um carrinho de soba de estação de trem, uma banca de hambúrguer. O caminho de casa para a escola, o pôr do sol se espreitando através das lacunas entre edifícios, as costas dos amigos, o rastro de um avião através das nuvens.

— Ahh, deve ser bom... viver em Tóquio. — Enquanto falava, um bocejo escapou. Sentindo o sono chegando, fui para a próxima foto. — Ah, Okudera-senpai. — A foto mostrava as costas de senpai enquanto limpava uma janela. Parecia ter sido tirada secretamente. A foto seguinte mostrou que ela percebeu a câmera e posou com um sorriso e um sinal de paz.

....Talvez esse cara tenha uma queda por Okudera-senpai, pensei. Mas era provavelmente um amor não correspondido. Ela era estudante universitária, um garoto do colegial era apenas uma criança para ela.

Eu sentei na cama e criei uma nova entrada para hoje no diário, em seguida, comecei a digitar todas as experiências que tinha passado. Como errei muito, mas no final me aproximei de Okudera-senpai. Como ela andou comigo do restaurante para a estação de trem. Em parte querendo contar a Tachibana Taki, e a outra parte apenas querendo me gabar, escrevi essas histórias no diário. Quando terminei, outro bocejo escapou.

Quem é você?

De repente, por alguma razão, lembrei essas palavras que encontrei no meu caderno. Imaginei Tachibana Taki no meu corpo, no meu quarto na vila Itomori, escrevendo essas palavras no meu caderno antes de dormir. Era uma imagem estranha, mas possuía um senso incomum de credibilidade. Peguei uma caneta sobre a mesa, e na minha mão escrevi:

Mitsuha.

Um terceiro bocejo. Era natural estar cansada. O dia tinha sido muito emocionante e colorido, como se tivesse me banhado no arco-íris ou algo assim. O mundo inteiro tinha brilhado, mesmo sem qualquer música de fundo. Imaginando a surpresa de Tachibana Taki ao ler as palavras escritas na palma da mão, sorri um pouco enquanto caía em sono profundo.

✧ ✧ ✧

— ...O que é isso?

Eu não poderia deixar de perguntar em voz alta quando olhei para minha mão. Debaixo das letras rabiscadas, vi o meu uniforme e gravata, todo enrugado. ...Então **eu** dormi sem mudar?

— ...O que é isso!?

Desta vez **eu** gritei. Meu pai olhou para mim por um momento, em seguida, rapidamente perdeu o interesse e voltou seu foco para a tigela de arroz na frente dele. Enquanto isso, olhei para o meu telefone, incrédulo. Uma entrada no diário que **eu** não me lembrava de ter escrito.

...E no caminho do trabalho para casa, andei para a estação com Okudera-senpai! Tudo por causa dos meus encantos femininos ❤

✧ ✧ ✧

— Taki, vamos na lanchonete de novo?

— Ah desculpe, tenho trabalho depois da escola.

— Haha, se lembrou de onde você trabalha?

— Hã? ...Oh, foi você, não foi? Tsukasa, — **eu** perguntei em tom acusador, levantando um pouco a minha voz. Na verdade, realmente esperava que fosse obra de Tsukasa. Infelizmente, seu olhar de questionamento me disse o contrário. Não havia motivo para uma pessoa ter tanto trabalho para fazer apenas uma brincadeira estúpida. **Eu** sabia pelo menos isso.

— ...Deixa pra lá. Até mais — disse relutantemente, enquanto levantava da minha cadeira. Prestes a deixar a sala de aula, ouvi a voz de Takagi atrás de mim: "ele tá normal hoje, não tá?". Um arrepio percorreu meus pés. Algo muito estranho estava acontecendo comigo.

✧ ✧ ✧

— ...O que é isso?

Tinha acabado de me mudar para o meu uniforme de trabalho e abri a porta do vestiário, apenas para descobrir três dos meus senpais parados ali bloqueando meu caminho. Um empregado regular e dois temporários que estavam na universidade, todos estavam me olhando com olhos sanguinários e ameaçadores. Enquanto engolia em seco com medo, eles começaram a falar com vozes ameaçadoras.

"...Taki seu bastardo, tentando roubá-la, é?" "Explique-se!" "Vocês andaram para casa juntos ontem, não foi?"

— Eh... espera, sério!? **Eu**? Com Okudera-senpai!? — Isso quer dizer que... as coisas naquele diário são verdade!?

— O que fizeram depois disso!?

— Um... Realmente não me lembro muito bem...

— Não brinca comigo!

Quando um deles estava prestes a me agarrar pelo colarinho, uma voz calma soou pelo corredor.

— Okudera, reportando para o trabalho~

Com suas pernas nuas longas e reluzentes e os ombros saindo à mostra na parte superior, Okudera-senpai veio se aproximando. Pisando forte com suas sandálias altas atadas, ela nos cumprimentou com um sorriso.

— Bom trabalho a todos~

— Boa tarde! — Incapaz de suportar a presença deslumbrante de Okudera-senpai, que era basicamente como uma idol no restaurante, nós quatro involuntariamente demos uma saudação em uníssono. Por um momento, esqueci sobre o problema que estava prestes a ocorrer, então, ela se virou e olhou para mim.

— Vamos dar o nosso melhor hoje, Taki-kun~ — senpai disse com um tom tão doce que podia visualizar um emoji de coração no final de frase. Ela então piscou para mim tão forte que quase deu para ouvir e desapareceu por uma porta.

Meu rosto ficou vermelho. Quase senti vapor sair da minha cabeça. De repente senti vontade de polir todas as janelas até que brilhassem.

— ...Oi, Taki. — As vozes sombrias dos três homens, que soavam como se surgissem das profundezas da Terra, me trouxeram de volta à realidade.

...Isto é mal. Enquanto aguentava o peso do interrogatório lamentando, **eu** pensava. O que poderia estar acontecendo no mundo? Será que todo mundo se reunir e decidir fazer uma grande brincadeira comigo? Poderia ter feito algo sem se lembrar de nada? E o que diabos era "Mitsuha"?

✧ ✧ ✧

Do lado de fora, os pássaros cantavam tão animadas como sempre. Raios puros de calor e luz do sol nascente penetravam no quarto através das finas paredes de papel. Uma manhã comum e tranquila. Apesar disso, ao acordar *eu* descobri algo escrito na minha mão, escrito de uma forma que parecia demonstrar irritação.

Mitsuha??? O que você é? Quem é você????

Letras extremamente violentas foram escritas da palma da minha mão até o meu cotovelo.

— Onee-chan, o que é isso?

Me virando, vi Yotsuha em pé na frente da porta aberta. Fiz um olhar que dizia "isso é o que *eu* quero saber". Em resposta, ela fez uma expressão que dizia "bem, que seja".

— Pelo menos você não está apalpando os próprios seios hoje. O café da manhã! Se apresse e venha!

Permaneci sentada no meu futon enquanto a vi fechar a porta e sair. Eh, peitos? Não os apalpei hoje? Hã? Uma imagem de mim mesmo agarrando alegremente meus seios apareceu em minha cabeça. ...Que tarada!

✧ ✧ ✧

— Bom dia~

Assim que pisei na sala de aula, os olhos de todos se focaram em mim de uma só vez. Eek. O-o quê? Andei timidamente até a minha mesa junto à janela, ouvi sussurros sendo trocados entre meus colegas. *Miyamizu foi tão legal ontem. Talvez precise repensar minha opinião sobre ela. Mas sua personalidade não mudou um pouco?*

— *Eu - eu* acho que todo mundo está olhando para mim...

— Mas é claro. Você certamente se destacou ontem — disse Saya-chin.

— Ontem? — Perguntei quando me sentei. Saya-chin olhou para o meu rosto com uma expressão ainda chocada e preocupada.

— Sabe, na aula de arte de ontem, quando estávamos fazendo esboços de vida morta. Eh, você ainda não se lembra? Você está bem Mitsuha? Estávamos no mesmo grupo, desenhando um vaso de flores e uma maçã. Mas em vez disso você estava esboçando algum tipo de cenário. Bem, de qualquer forma, atrás de nós Matsumoto e as outras estavam fazendo sua fofoca habitual. Eh? Sobre o que? Você sabe, a conversa sobre a eleição de prefeito. Eh? Mais detalhes? Como a política da cidade é apenas entregar bolsas e qualquer um poderia fazê-lo. Conversa sem valor. Então, quando você os ouviu, me perguntou "elas estão falando sobre mim, certo?". Eu respondi "sim, provavelmente". E então o que você acha que fez? Realmente não se lembra? Você chutou a mesa com o vaso de flores para cima de Matsumoto as outras! E ainda ria! Matsumoto e seus amigos estavam com medo, é claro que o vaso de flores quebrou, toda a classe ficou em silêncio, até eu estava com medo!

— ....o quê?

Meu rosto ficou pálido. Assim que a escola terminou, corri para casa. Passando por Yotsuha e vovó tomando chá de lazer na sala de estar, corri até as escadas, me tranquei no meu quarto e abri meu caderno. **Quem é você?** *Eu* virei para a próxima página.

Um arrepio percorreu todo o meu corpo. Na mesma caligrafia, duas páginas inteiras tinham sido escritas. Primeiro, havia um gigante **Miyamizu Mitsuha**. Ao redor havia inúmeros pontos de interrogação e minhas informações pessoais.

Segundo ano classe 3 / Amigo: Teshigawara – maníaco ocultista, idiota, mas um cara legal / Amiga: Sayaka – calma, um pouco bonita / Vive com a avó e a irmã mais nova Yotsuha / No meio do nada / O pai é prefeito / Donzela do santuário? / A mãe parece ter falecido / O pai vive separado / Não tem muitos amigos / Tem peitos

E, por último, novamente em letras enormes: **Que vida é essa?** Enquanto olhava para o caderno, meu corpo tremia, imagens de Tóquio piscavam em minha mente, como se estivesse tentando ver por atrás de uma cortina de

fumaça. Lanchonete, trabalho, amigos, indo para casa com alguém... Uma parte do meu cérebro começou a se agarrar a uma conclusão absurda.

— Será que isso.... poderia ser...

— Poderia... será que realmente poderia...

Trancado no meu quarto, **eu** olhei para o meu celular, incrédulo. Algum tempo atrás, meus dedos começaram a tremer violentamente, como se fossem controlados por outra pessoa. Com os dedos, **eu** olhei meu aplicativo de diário. Imprensada entre os que escrevi estavam entradas desconhecidas, agora eram mais do que um pequeno número.

Primeira vez em Omotesandou[9] ❤ Paraíso de panini[10]! / Aquário de Odaiba com os dois caras ❤ / Tour para observar plataformas a feira livre ❤ / Visita ao local de trabalho do pai ❤ Kasumigaseki[11]!

Uma parte do meu cérebro começou a se agarrar a uma conclusão absurda.

Poderia ser —

Durante meus sonhos, esta menina e **eu** —

Durante meus sonhos, esse cara e *eu* —

Estamos trocando de corpo?!

✧ ✧ ✧

O sol da manhã espreitando entre as montanhas. A luz que ilumina a cidade à beira do lago, casa por casa. Os pássaros pela manhã, o silêncio do meio-dia, os apelos dos insetos ao entardecer, o brilho do céu à noite.

O sol da manhã espreitando entre os arranha-céus. A luz que ilumina as inúmeras janelas, uma a uma. As multidões pela manhã, a agitação do meio-dia, o cheiro da vida ao entardecer, o brilho da cidade à noite.

Cada cena, cada momento, nos deixava fascinados todas as vezes.

E, finalmente, conseguimos entender.

---

[9] Bela avenida repleta de árvores que vai da entrada do santuário Meiji até a estação.
[10] Tipo de sanduíche italiano.
[11] Distrito onde se encontram a maioria dos gabinetes do ministério japonês.

Tachibana Taki - Taki-kun - era um estudante do ensino médio com a mesma idade que vive em Tóquio.

Miyamizu Mitsuha, uma garota que vivia no meio do nada. Nossa mudança era irregular. Poderia ocorrer duas ou três vezes por semana. O gatilho era o sono. A causa era desconhecida.

Nossas memórias da troca se tornavam embaçadas logo após acordar no dia seguinte. Quase como se fosse apenas tido um sonho vívido. Mas não havia dúvida de que estávamos trocando. As reações dos outros ao nosso redor deixaram isso claro.

E desde que percebemos que esse fenômeno estava ocorrendo, pudemos nos lembrar cada vez mais dos nossos sonhos. Mesmo acordada, *eu* sei que existe um garoto chamado Taki vivendo em Tóquio.

Eu sei que uma garota chamada Mitsuha está vivendo em um vilarejo na zona rural. Não tenho nenhuma prova, mas estou certo disso.

E começamos a nos comunicar. Nos dias em que trocamos, deixamos mensagens para o outro, como entradas no diário ou rabiscos no caderno.

Também tentamos ligar ou mandar mensagens, mas por algum motivo não funcionou. Mas de qualquer forma, tínhamos um método de comunicação. Precisávamos proteger o cotidiano de cada um o máximo possível. E assim, decidimos regras.

<Para Taki-kun: Ações proibidas 1>

Definitivamente não tome banho

Sem tocar ou olhar o meu corpo

Não sente com as pernas abertas

Não se aproxime demais do Tesshi; Ele deve ficar com a Saya-chin

Não toque em outros caras

Não toque em outras garotas

— — — —

<Para Mitsuha: Ações proibidas Versão.5>

Eu disse para não desperdiçar dinheiro, certo?

Não se atrase para escola ou trabalho; aprenda logo o caminho

Não fale com sotaque

Você está secretamente tomando banhos? Eu sinto cheiro de algum tipo de shampoo...

Não seja tão próxima do Tsukasa, está dando ideias idiotas para ele

Também não seja tão próxima da Okudera-senpai

Mas mesmo assim, ler as partes do diário que Mitsuha escreve... não posso deixar de ficar frustrado.

Ler o relato do Taki... não posso deixar de sentir raiva. Sério, esse cara!

Sério, aquela mulher!

Fiz grandes jogadas durante a Educação Física? Não sou esse tipo de pessoa! Além disso, pulando na frente de caras!? Eu sou repreendida pela Saya-chin por não cobrir adequadamente o meu peito, cintura e pernas! Cuidado com a sua saia e com os rapazes! Isso é o básico da vida, ok!

Mitsuha! Pare de comer bolos estupidamente caros! Você está dando suspeitas a Tsukasa e Takagi. Além disso, esse é o meu dinheiro!

Tecnicamente foi você que comeu! Além disso, tecnicamente eu estou trabalhando naquele restaurante também! De qualquer forma, você tem muitos turnos! Não posso sair para me divertir direito!

Isso é por causa dos seus gastos! Além disso, fazer aquele *kumihimo* ou o que seja com sua avó é impossível para mim!

No caminho para casa, tomei chá com a Okudera-senpai! Eu estava prestes a pagar por ela, mas ela pagou para mim! Ela disse "você paga quando se formar no colégio"! Dei uma de legal e respondi "Eu prometo que vou". Seu relacionamento está indo muito bem, graças a mim ❤.

Mitsuha, o que diabos você está fazendo!? Não saia por aí mudando os meus relacionamentos assim!

Hey Taki-kun, o que é esta carta de amor!? Por que um cara que não sei quem é veio confessar para mim?! E por que eu respondi "Vou pensar sobre isso"?!?

Haha. Você está se subestimando. Se me deixar assumir o controle de sua vida, você seria muito mais popular.

Não seja tão metido! Você nem tem namorada!

Você também não tem!

Simplesmente não me preocupei em ter um ainda!

Eu

✧ ✧ ✧

O alarme de Mitsuha.

Outro dia na vida rural.

Aqueles pensamentos flutuavam pela minha cabeça ainda adormecida. Isso significa que posso continuar a construir a lanchonete com Teshigawara depois da escola. Ah sim, e depois disso—

Me sentei no futon e olhei para o meu corpo. Ultimamente, o pijama de Mitsuha está mais pesado do que o normal. Antes, era apenas um vestido sem sutiã, mas hoje tinha roupa íntima apertada coberta por uma camisa bem abotoada. Claro, ela fez isso se preparando para a troca que poderia ocorrer qualquer dia. **Eu** posso entender isso, mas ainda assim, sabe...

Minhas mãos começaram a ser atraídas em direção aos meus peitos. Hoje este é o meu corpo, não deveria ter nenhum problema em tocar meu próprio corpo, certo? Ou, pelo menos, é o que **eu** disse para mim mesmo o tempo todo. Hm. Mas, **eu** acho...

Parei minhas mãos. "...Isso seria injusto com ela."

Nesse instante, a porta deslizante se abriu.

— ...Onee-chan, você realmente gosta de seus próprios peitos, não é? — Yotsuha disse, então saiu novamente.

Eu a vi fechar a porta pensando enquanto acariciava meus peitos... Se for sobre as roupas deve estar tudo bem, certo?

✧ ✧ ✧

— Vovó, por que o *shintai*[12] tem que estar tão longe? — Yotsuha reclamou.

Sem se dar ao trabalho de se virar, a vovó respondeu:

---

[12] Objeto de culto em que se acredita conter o espírito de uma divindade.

— Por causa de Mayugorou. Então eu também não sei.

Mayugorou?

— ...Quem é esse? — **Eu** perguntei em voz baixa para Yotsuha, que estava andando ao meu lado.

— Eh? Você não sabe? Ele é famoso.

Famoso? Talvez para essas pessoas...

As três mulheres da família Miyamizu, **eu**, a vovó e Yotsuha, andávamos por uma trilha na montanha por quase uma hora. Aparentemente, hoje teríamos que fazer uma visita ao nosso shintai no topo desta montanha e deixar uma oferenda. O mundo em que Mitsuha morava realmente parecia algo de um antigo conto de fadas.

Os galhos de folhas de bordo penduradas nas árvores próximas, iluminadas pelos raios do sol, carregavam um vermelho tão vívido que quase pareciam tingidas artificialmente. O ar estava seco e fresco, o vento assobiando trazia o cheiro de folhas mortas para os nossos narizes. Outubro. Em algum lugar ao longo do caminho, o outono tinha caído sobre a aldeia.

A propósito, exatamente que idade tem a vovó? **Eu** me perguntava enquanto olhava para suas pequenas costas. Mesmo nesta caminhada pelas montanhas, ela permaneceu com suas roupas tradicionais. Ela era uma andarilha surpreendentemente boa, mas suas costas tinham essa curva e ela usava uma bengala como apoio. Considerando a minha falta de experiência de estar com uma pessoa idosa, **eu** não era capaz de fazer uma suposição sobre sua idade e estado de saúde.

— Ei, vovó! — Corri na frente dela e me abaixei um pouco, oferecendo minhas costas. Esta mulher, pequena e delicada criou Mitsuha e sua irmã, e sempre fazia um delicioso obentou[13]. — Te carrego nas costas se quiser.

— Oh! Tudo bem então. — O rosto da vovó se iluminou quando ela pôs seu peso sobre minhas costas. De repente, senti um cheiro estranhamente familiar, um que pareceu que **eu** tinha sentido há muito tempo na casa de alguém. Por um momento, tive uma sensação calorosa de déjà vu.

— Vovó, você é realmente lev~

[13] Tipo de marmita japonesa.

Assim que tentei me levantar, meus joelhos se dobraram sob o peso. Yotsuha me repreendeu enquanto vinha me ajudar. Agora que penso nisso, o corpo de Mitsuha também é muito fino, leve e frágil. Como ela está viva?

— Mitsuha, Yotsuha. — Em minhas costas, vovó começou a falar. — Vocês conhecem *musubi*?

— Musubi? — Yotsuha perguntou, carregando minha mochila pela frente.

Abaixo de nós, através das lacunas nas árvores, **eu** podia ver completamente o redondo Lago Itomori. Estávamos bem alto. O suor começou a escorrer pelo meu corpo enquanto continuava a subir com vovó nas minhas costas.

— "*Musubi*" é um nome antigo para o deus da terra. Esta palavra também tem outros significados muito profundos.

Deus? Onde ela quer chegar com isso? Mas a voz dela soava como um narrador do Contos Animados do Japão Antigo, tinha um certo tom misterioso que me fez querer saber mais.

— Vocês sabem? — Ela perguntou novamente. — Amarrar dois fios juntos é *musubi*. Conectar pessoas é *musubi*. O fluxo do tempo é *musubi*. Todos esses fenômenos usam a mesma palavra: o nome de um deus, e também seu poder. O *kumihimo* que fazemos é também o ofício dos deuses, expressando o próprio fluxo do próprio tempo.

Minhas orelhas captaram o leve murmúrio de água. Deve haver um córrego da montanha em algum lugar, **eu** pensei.

— Recolhendo e tomando forma, torcendo e entrelaçando, às vezes retornando, às vezes se separando, e conectando novamente. Isso é *kumihimo*. Esse é o tempo. Isso é *musubi*.

Imaginei um fluxo de água limpa. Golpeando uma pedra no córrego e se dividindo, se misturando com novas substâncias e mais uma vez se juntando novamente, conectado como uma entidade inteira. **Eu** não tinha ideia do que vovó estava dizendo, mas senti como se tivesse acabado de aprender algo muito importante. *Musubi*. **Eu** vou ter que me lembrar esta palavra quando acordar. Uma gota de suor no meu queixo fez um barulho quando atingiu o chão e rapidamente foi absorvida pelo solo seco.

— Beba.

Quando demos uma pequena pausa à sombra de algumas árvores, a vovó me entregou uma garrafa. Era simplesmente chá com açúcar misturado, mas era surpreendentemente delicioso. Engoli dois copos inteiros antes de Yotsuha exigiu um também. Poderia ser a melhor bebida que já provei.

— Isso também é *musubi*.

— Eh? — Passando a garrafa para Yotsuha, me virei para vovó, que estava sentada sobre as raízes de uma árvore.

— Você sabia? Água, arroz, bem... o ato de colocar algo em seu corpo também é chamado *musubi*. O que entra no seu corpo e se conecta com sua alma. A oferenda que faremos hoje é parte de um importante costume que liga o homem e deus, mantido pela família Miyamizu por centenas de anos.

À medida que continuávamos, as árvores que se alinhavam no caminho foram desaparecendo, a aldeia à beira do lago lá embaixo, que agora era do tamanho de um bloco de desenho, estava meio coberta pelas nuvens. As nuvens acima de nós já não tinham qualquer volume, eram finas e transparentes, simplesmente se afastavam com os fortes ventos. Tudo o que estava ao nosso redor eram pedras cobertas de musgo. Chegamos ao cume.

— Ei, eu consigo ver!

Eu vi a Yotsuha animada e segui seu olhar. Diante dos meus olhos havia uma depressão gigantesca como uma caldeira. Era como se alguém tivesse chegado e escavado o topo da montanha. O verde de um pântano gramado cobria o interior e no centro estava uma única e grande árvore.

Olhei com os olhos bem abertos de admiração pela visão inesperada. Era um jardim no céu, algo que **eu** nunca seria capaz de ver em minha casa. **Eu** tinha realmente começado a admirar a paisagem.

— Além daqui é o *kakuriyo* — vovó disse.

Nós tínhamos descemos até o fundo. Diante de nós fluía um pequeno riacho. A árvore gigante ainda estava um pouco longe.

— *Kakuriyo*? — Yotsuha e **eu** perguntamos juntas.

— *Kakuriyo*. O *outro* mundo.

O outro mundo. A voz de narrador da vovó me fez tremer pela espinha, como uma rajada de vento frio. Meus pés congelaram um pouco. Montanha

sagrada, ponto de poder ou ponto de salvação ou do que quer que você queira chamá-lo... havia inconfundivelmente um outro ar flutuando sobre o lugar. ... Não é como se quando **eu** passasse, **eu** não seria mais capaz de voltar ou algo assim, certo? Certo?

— Oooh, o outro mundo~! — Enquanto isso, Yotsuha se admirava enquanto cruzava o córrego de salto em salto.

As crianças são realmente interessantes: estúpidas, mas cheias de energia. Bem, o tempo estava muito bom e o vento e a corrente pareciam muito suaves, então talvez **eu** seja o estranho aqui. De mãos dadas com a vovó para que ela não se molhasse, cuidadosamente atravessei as pedras até o outro lado do riacho.

— Para voltar ao nosso mundo — vovó disse de repente com uma voz misteriosa — devemos dar em troca algo muito importante.

— Eh!! —Involuntariamente soltei um grito. — E-espere um minuto, diga isso antes de cruzarmos!

Em meus protestos desesperados, vovó apenas riu. Seu riso com buracos escancarados onde estavam faltando os dentes só me deixou mais assustado.

— Não precisa ficar assustada. Estou falando sobre o *kuchikamisake*.

Alertado por vovó, Yotsuha e **eu** pegamos nossas garrafas de nossas mochilas. Elas eram brilhantes vasos de porcelana branca, como aqueles encontrados frequentemente em santuários caseiros, com um pedestal ligado ao fundo esférico e uma *kumihimo* envolvida em torno da tampa para mantê-la fechada. **Eu** podia ouvir o líquido se movendo.

— Embaixo do *shintai* — vovó começou quando olhou para a árvore gigante — há um pequeno santuário. Vocês vão deixar a oferenda lá. Esse saquê representa metade de vocês mesmas.

...Metade de Mitsuha. **Eu** olhei para a garrafa em minhas mãos. Dentro estava o *kuchikamisake* que ela fez mastigando o arroz. Saquê feito formando uma conexão entre este corpo e este arroz. E era **eu** quem oferecia. Sentindo uma estranha mistura de vergonha e orgulho, assim como quando marquei um gol ao receber um passe dado por um colega com quem **eu** tinha discutido. Comecei a andar em direção à árvore.

✧ ✧ ✧

Esta pode ser a primeira vez que realmente ouço as cigarras à noite. **Eu** reconheci imediatamente, porque me acostumei a ouvi-lo em filmes e jogos. Na verdade, ao ouvi-las ao meu redor me senti mais como se estivesse em um filme do que na vida real.

De repente, um grupo de pardais voou para fora do mato na minha frente, fazendo barulho quando se foram. Costumava pensar que as aves sempre eram encontradas em árvores então fui pego de surpresa, mas Yotsuha os perseguiu toda alegre. O vilarejo devia estar se aproximando, um breve cheiro de jantar veio misturado com o vento que soprava. Mais uma vez, estava surpreso com o quão distinta o cheiro da vida poderia ser.

— Já está anoitecendo — Yotsuha disse em uma voz aliviada, como se tivesse acabado de passar por um longo dia e finalmente terminado sua lição de casa. Os raios do sol poente brilhavam sobre as faces de Yotsuha e da vovó ao meu lado, formando uma cena quase perfeita.

— ...Uau. — Um suspiro de admiração escapou dos meus lábios quando a vista da aldeia começava a se revelar. Lá, espalhado na minha frente, era uma visão da totalidade da aldeia de Mitsuha e do lago. A aldeia já havia sido engolida pelas sombras violetas da noite, mas o lago sozinho se destacava no centro, refletindo o vermelho escarlate do céu. Das encostas das montanhas próximas, a névoa rosada da noite começara a se erguer. Das casas, um tipo diferente de névoa, a fumaça da ceia sendo cozida, se arrastava pelo ar como um sinal de fogo. Pardais dançavam em torno da aldeia, como a poeira em uma sala de aula vazia depois da escola.

— Me pergunto se dá para ver o cometa — Yotsuha disse enquanto procurava no céu, bloqueando a luz do sol com a palma da mão.

— Cometa?

Oh, isso mesmo. Me lembrei das notícias falando sobre isso durante o almoço. Em breve, um cometa estaria perto o suficiente para ser visto a olho nu. Aparentemente, estará um pouco acima de Vênus.

— Cometa... — Repeti a palavra em voz alta. De repente, tive a sensação de que **eu** estava esquecendo alguma coisa. Apertando os olhos, me juntei a Yotsuha na busca celeste. O encontrei imediatamente: acima do brilhante Vênus, a cauda azul brilhante de um cometa. **Eu** podia sentir algo tentando escapar do fundo da minha memória.

É isso aí. Este cometa...

Eu tive,

Uma vez...

— Ah, Mitsuha, — arrastado para fora dos meus pensamentos pela voz da vovó, a encontrei olhando para o meu rosto. **Eu** podia ver meu reflexo em suas pupilas negras profundas.

— Você está sonhando, não está?

!

De repente, **eu** acordo. Os lençóis se levantaram, depois caíram silenciosamente ao lado da cama. Meu coração estava batendo tão violentamente que poderia levantar minhas costelas, ou deveria estar, mas não podia ouvir meu coração batendo. Isso é estranho, pensei, então de repente o som do meu sangue pulsando se tornou audível novamente. O canto dos pardais fora da janela. Os motores dos carros. O estrondo de trens. Como se meu corpo tivesse finalmente se lembrado onde estava, meus ouvidos começaram a captar os sons de Tóquio.

— ...Lágrimas?

Uma gota caiu na ponta do dedo quando toquei na minha bochecha. Por quê? Confuso, limpei meus olhos secos, com a palma da mão. Como **eu** fiz isso, a paisagem à noite tinha acabado de ver, juntamente com as palavras da vovó que **eu** tinha acabado de ouvir, começaram a desaparecer, como a água escorrendo na areia.

Ding.

Ao lado do travesseiro, meu smartphone soou.

Já chego lá~ Estou ansiosa para hoje ❤.

Uma mensagem de uma linha da Okudera-senpai. Estar lá? Lá onde? O quê? Espere um minuto...

— Mitsuha!

Rapidamente procurei os relato que ela deixou.

— Encontro!?

Saltei para fora da cama e fiquei pronto a toda velocidade.

Amanhã você tem um encontro com Okudera-senpai em Roppongi! Se encontram na frente da estação de Yotsuya, 10:30. Eu quero ir, mas se acabar sendo você, certifique-se de aproveitar. E me agradeça.

Felizmente, o local de encontro era próximo. Verifiquei meu celular enquanto tentava recuperar o fôlego. Se correr todo o caminho, consigo chegar lá em dez minutos antes da hora marcada. Senpai provavelmente ainda não tinha chegado. Apesar de ser uma manhã no fim de semana, uma multidão considerável passa pela estação.

Limpei o suor do meu rosto, ajeitei a gola da minha jaqueta, e murmurei "Mitsuha estúpida" três vezes sob a minha respiração antes de começar a procurar pela senpai, apenas no caso de ela já estar aqui. ....Um encontro com Okudera-senpai? Além disso, este é o meu primeiro encontro. Ter meu primeiro encontro com a Okudera-senpai que se parece uma idol, atriz e Miss Japão... isso não é um pouco demais? Por favor, podemos trocar agora Mitsuha estúpida!

— Taaki-kun!

— Ah! — Solto um grito lamentável com a súbita voz. Perturbado, me viro.

— Desculpe, você esperou muito?

— Não! Ah, espera... sim! Espere, não... — Que pergunta é essa!? Se **eu** digo que esperei, então ela pode se sentir mal, mas se digo que não, então parece que **eu** estava atrasado! Aggh qual é a resposta certa.

— Umm... — já começando a entrar em pânico, de alguma forma conseguiu olhar para cima. Na frente dos meus olhos estava uma sorridente Okudera-senpai.

— ...! — Meus olhos se abriram. Calçados pretos, uma saia branca e uma blusa preta com os ombros à mostra. A roupa monocromática deixou seus ombros e pernas expostas deslumbrantes. Alguns acessórios de ouro também foram colocados com cuidado para expor todo o encanto da sua pele. Seu pequeno chapéu branco tinha uma fita amarrada em torno dele. Simplesmente não haviam outras palavras para descrevê-la: extremamente elegante e extremamente bonita.

— ...Acabei de chegar.

— Oh, legal! — Senpai sorriu.

— Devemos ir? — Ela agarrou meu braço. ...Ahh, por um momento, apenas um momento, meu braço roçou contra seu peito. De repente senti vontade de polir todas as janelas na cidade, até que ficassem brilhando.

✧ ✧ ✧

— Não consigo manter uma conversa...

Em pé no banheiro, querendo esmagar minha cabeça contra o espelho, me curvei profundamente. Três horas se passaram desde o início do dia, e **eu** já estava mais cansado do que já estive em toda a minha vida. Nunca teria imaginado que minha falta de habilidades para interagir com garotas fosse tão séria. Não, está errado. Quero acreditar que está errado. É tudo culpa da Mitsuha, me jogando nesta situação sem ter tempo para se preparar. E principalmente, é porque senpai é tão bonita que não posso fazer nada.

Literalmente, todos por quem passamos pararam para olhar para ela. Então eles olham para mim caminhando ao lado dela e fazem uma expressão que diz "por que diabos ela está com esse garoto?". Ou pelo menos, é o que parece para mim. Bem, eles não estão errados em pensar isso. Até mesmo **eu** sei que está fora do meu alcance. **Eu** nem sequer a convidei para sair! Toda vez que alguém passa por mim quero agarrá-los pelo ombro e pedir desculpas. De qualquer forma, como resultado não faço ideia do que deveria falar. Senpai tem sido boa em iniciar pequenas conversas, mas **eu** não posso suportar isso. E então me torno ainda mais incapaz de encadear palavras. É um ciclo vicioso.

Maldição, Mitsuha! Que tipo de coisas você normalmente conversa com ela!? Desesperadamente à procura de ajuda, pego meu celular e começo a olhar o diário de Mitsuha.

Bem, suponho que você provavelmente nunca teve um encontro antes. Para sua sorte, selecionei vários links para você dar uma olhada!

"Whoa, sério?" Minha deusa! Elogiei minha salvadora Mitsuha enquanto abria os links.

Link 1: Homem com ansiedade social consegue uma namorada!

Link 2: Dicas de conversação para aqueles que nunca foram populares em suas vidas!

Ligação 3: Nunca seja essa cara irritante outra vez! Como ser amado: Edição especial

...Sinto como Mitsuha realmente me subestimou aqui...

De qualquer forma, saí do banheiro e fui finalmente capaz de relaxar um pouco enquanto andava ao redor do museu de arte. **Eu** não estava nem um pouco interessado na exposição fotográfica intitulada "Saudade", mas estava grato por um ambiente onde não era estranho não falar. Okudera-senpai caminhou na minha frente, olhando as fotos calmamente.

Furano, Tsugaru, Sanriku, Rikuzen, Aizu, Shinshuu... a exposição foi dividida em diferentes seções com base na região, mas todos eles pareciam o mesmo campo genérico para mim. É claro que não sei os pontos mais delicados da fotografia; as únicas diferenças que posso ver é se o fundo é uma montanha ou oceano, ou se foi tirada durante o verão ou inverno. As casas, as estações de trem e as pessoas tinham uma estranha semelhança. O Japão rural deve ter este tipo de cenário onde quer que vá, pensei. Para mim, os diferentes bairros de Tóquio, Shibuya e Ikebukuro, Akasaka e Kichijouji, Meguro e Tachikawa, tinham características muito mais distintas.

Quando vim para a área marcada "Hida"[14], no entanto, meus pés pararam automaticamente. Aqui era diferente. O cenário nas fotos ainda parecia o mesmo que todos os outros, mas **eu** conhecia que este lugar. As formas das montanhas, as curvas das estradas, o tamanho do lago, a aparência do torii, o posicionamento dos campos. Assim como quando você instantaneamente encontrar seus próprios sapatos na pilha após a aula de ginástica, **eu** apenas sabia que era lá. Era como se fosse um lugar no interior que visitei meus pais a cada verão – nunca tenha realmente feito isso, mas uma forte sensação misteriosa de familiaridade me surpreendeu. Isso era...

— Taki-kun?

Me virando para a voz, encontrei senpai de pé ao meu lado. Por um segundo, tinha esquecido completamente dela.

— Taki-kun — ela disse com um sorriso — é como se você fosse uma pessoa diferente hoje. — Ela se virou com a beleza e elegância de uma modelo, então começou a andar, me deixando para trás.

---

[14] Cidade mais ao norte da prefeitura de Gifu.

✧ ✧ ✧

Eu falhei.

O dia inteiro, simplesmente tinha segui os movimentos do plano de Mitsuha, como estivesse fazendo algum trabalho de casa chato. Passei o tempo todo apenas pensando em desculpas, não pensei sobre os como senpai se sentia. Fui **eu** que a convidei. Deveria estar mais feliz por passar tempo com ela. Sempre tinha sonhado que um dia, poderia ocorrer um milagre como este.

Da passarela onde estávamos, tinha uma visão clara dos edifícios que compõem Roppongi, onde estávamos pouco tempo atrás. Inúmeras janelas refletiam a luz do sol da tarde, brilhando como ouro. Voltei meus olhos para senpai, que caminhava silenciosamente na minha frente. O cabelo espumante, o chapéu novo e as roupas... ela provavelmente teve a dificuldade de se preparar apenas sair comigo hoje. Pensando nisso, meu peito se apertou com a culpa. Ficou difícil respirar, como se o oxigênio tivesse subitamente diminuído. Desesperadamente procurou as palavras.

— Um, senpai. — Ela não se virou. — ...uh, você está com fome? Quer jantar...

— Vamos encerrar por aqui — ela disse com a voz suave e gentil.

— Ok. — Minha boca estúpida não poderia produzir nenhuma outra resposta. O rosto de Okudera-senpai, quando finalmente se virou para mim, ficou obscurecido pela luz do sol.

— Taki-kun... se eu estiver errada, me perdoe.

— Ok.

— Você costumava ter uma queda por mim, não era?

— Ehhhh!? — Ela sabia!? Como!?

— Mas agora, você há alguém que você gosta, certo?

— Ehhhhhh!? — O suor começou a jorrar da minha cara, como se **eu** estivesse em uma floresta tropical. — N-não!

— Sério?

— S-sério! Não há ninguém!

— Séerio? — Senpai olhou para o meu rosto com desconfiança.

Outra pessoa que **eu** gosto? De jeito nenhum. O cabelo comprido e peitos macios *dela* surgiram na minha cabeça por um segundo, mas logo desapareceram.

— Hm, bem, que seja — ela disse alegremente, então se afastou.

— Eh?

— Obrigado por hoje. Vejo você no trabalho.

Senpai acenou para mim, então começou a se afastar. Por um momento, abri minha boca. Em seguida, a fechei. Em seguida, abriu novamente. Mas no final, as palavras falharam. Tudo que podia fazer era ver a senpai descendo a passarela e desaparecendo no mar de pessoas na estação.

Ficando sozinho parra trás, olhei para o sol poente. Ouvindo o fluxo interminável de carros abaixo, comecei a se sentir como se estivesse de pé em uma verdadeira ponte sobre um rio. O sol começando a se esconder atrás de uma torre de água, deixando apenas um leve brilho para me alcançar. **Eu** olhava fixamente para ele, como se isso me ajudasse a recuperar alguma coisa.

Provavelmente **eu** tinha outras coisas para fazer, mas não conseguia pensar em nada. Tudo que **eu** queria fazer era ir para a aldeia de Mitsuha novamente. Me tornar Mitsuha também significava conversar com Mitsuha. Quando trocamos de corpo, tínhamos uma conexão especial entre nós. Trocar experiências. Estar junto. *Musubi*. Senti como se fosse capaz de falar sobre o desastre de hoje com Mitsuha. "É por isso que você não pode ter uma namorada". "Você é a culpada por fazer os planos". **Eu** queria brincar e provocar com ela.

Pegando o celular, descubro que ainda havia mais no diário de Mitsuha.

Assim que o encontro terminar, o cometa deve ser visível. Ahhh, tão romântico! Ansiosa por amanhã ❤. Não importa se for eu ou você, vamos fazer o nosso melhor!

Cometa?

Olho para o céu. Todos os vestígios do pôr-do-sol já haviam desaparecido, deixando apenas algumas estrelas e um único avião visível no vasto céu negro. Como esperado, nenhum cometa poderia ser visto.

— Que diabos ela está falando? — Murmurei baixinho.

Em primeiro lugar, se realmente tivesse um cometa visível passando, provavelmente sairia nas notícias. Ela deve ter se enganado.

De repente, senti uma vibração no meu peito.

Algo estava tentando escapar da minha cabeça.

Procurei o número de Mitsuha no celular e olhei para aqueles onze dígitos. Já tinha tentado chamar algumas vezes desde que a troca começou, mas por algum motivo nunca chamou. Liguei para o número. Tocou brevemente, depois começou a falar.

O número que você ligou não está disponível, está fora de área ou desligado...

Afastei o celular do meu ouvido e desliguei. Como esperado, a chamada não funcionou. Ah bem. Vou contar a ela da próxima vez que trocarmos. Também vou perguntar sobre o cometa. Provavelmente vamos trocar novamente amanhã ou no dia seguinte. Pensando nisso, finalmente desci da passarela. Acima de mim, uma meia-lua fraca estava sozinha no céu, como se fosse a uma bagagem esquecida de alguém.

Depois daquele dia, Mitsuha e **eu** nunca mais trocamos novamente.

✧ Busca

Movi o lápis atentamente. Partículas de chumbo aderiram ao papel. Curvas se sobrepunham umas com as outras e, gradualmente, o bloco de desenho branco começava a ficar preto. Mas ainda assim, não pude capturar totalmente a paisagem em minha mente.

Todas as manhãs, **eu** pegava o trem para a escola em meio a hora do rush. Assistia às aulas tediosas. Comia com Tsukasa e Takagi. Atravessava a cidade, olhava para o céu. Em algum momento, o azul do céu tinha começado a ficar mais escuro. As árvores à beira da estrada começaram a ganhar cor.

À noite, no meu quarto, **eu** desenhava. Minha mesa está enterrada em meio a enciclopédias emprestadas da biblioteca. Procurei imagens de montanhas de Hida no meu celular, à procura de uma que correspondesse à da minha memória. Tentando de alguma forma capturá-la no papel, **eu** movia meu lápis.

Nos dias em que o asfalto cheirava à chuva. Em dias claros, quando as nuvens brilhavam no céu. Nos dias em que a poeira amarela entrava com os fortes ventos. Todas as manhãs, **eu** pegava o trem lotado para a escola. Ia trabalhar. Alguns dias pego o mesmo turno da Okudera-senpai. Tento o meu melhor para olhá-la nos olhos, sorrir e falar normalmente. Quero ser justo e igual com todos.

Algumas noites são tão úmidas como se ainda fosse o pico do verão, e outras noites são frias o suficiente para usar uma jaqueta. Não importa que tipo de noite é, quando desenho minha cabeça fica quente, como se um cobertor a envolvesse. Gotas de suor caem no meu bloco de desenho,

desfocando as linhas. Mesmo assim, a paisagem daquela aldeia que vi quando era Mitsuha tomou forma lentamente.

No caminho para casa **eu** andava, em vez de pegar o trem. A paisagem de Tóquio muda a cada dia. Shinjuku, Gaien, Yotsuya, perto de Benkeibashi, em Anchinzaka. Gruas surgiam de repente, construindo torres de aço e vidro que se elevavam no céu. Além dessas torres jazia a metade da lua.

Eventualmente, terminei alguns esboços da aldeia à beira do lago.

Este fim de semana, **eu** vou sair.

Quando me decidi, senti meu corpo tenso começar a relaxar pela primeira vez em algum tempo. Cansado demais para ficar de pé, repousei minha cabeça na mesa.

Antes de adormecer, fiz o mesmo desejo novamente.

Mesmo assim, como sempre, **eu** não se tornei Mitsuha no dia seguinte.

✧ ✧ ✧

Para começar, pus cuecas para três dias e meu caderno dentro da mochila. Imaginei que pudesse estar frio, então coloquei em uma jaqueta grossa com uma grande capa. Amarrei minha pulseira de sorte no pulso e saí de casa.

Porque saí um pouco mais cedo do que **eu** costumo ao ir para a escola, o trem estava vazio. Mas, como sempre, a estação de Tóquio transbordava de gente. Depois de esperar na fila atrás de um estrangeiro arrastando sua bagagem, comprei um bilhete de Shinkansen para Nagoya e me dirigi para a bilheteria Toukaidou Shinkansen.

Então, **eu** vi algo que me fez duvidar de meus próprios olhos.

— P-por que vocês estão aqui!?

Ao lado do pilar à minha frente estava Okudera-senpai e Tsukasa.

— Hehehe, nós viemos! — Senpai disse com uma risada.

...Quem é você, uma personagem de algum tipo de anime moe?

Olhei para Tsukasa. Ele devolveu o olhar com um rosto indiferente que parecia dizer “algum problema?”.

— Tsukasa seu maldito, te pedi para inventar uma desculpa aos meus pais e para cobrir meu turno no trabalho, não pedi!? — Reclamei com o Tsukasa, que estava sentado no banco ao meu lado, com uma voz tão silenciosa quanto possível. A área livre do Shinkansen foi inundada principalmente por empresários e seus ternos.

— Eu pedi a Takagi para cobrir você no trabalho — Tsukasa respondeu casualmente. Ele levantou seu celular para **eu** ver. "Deixe comigo!" Com um grande legal, de Takagi — mas você me deve comida.

— Que merda... — murmurei amargamente.

Confiar em Tsukasa foi um erro. **Eu** tinha planejado faltar a escola hoje, o que me dava três dias, hoje e o fim de semana, em Hida. Como desculpa, pedi Tsukasa para dizer a todos que **eu** tinha alguma necessidade urgente para visitar um conhecido.

— Eu vim porque estava preocupado com você, sabe? — Tsukasa disse. — Não posso deixá-lo sozinho agora, posso? E se você se meter em um esquema perigoso?

— Esquema perigoso?

Do que ele está falando? Quando levantei minha sobrancelha para Tsukasa, Okudera-senpai se inclinou do assento ao lado dele e me olhou.

— Taki-kun, você vai encontrar uma amiga da Internet?

— Hã? Ah, na verdade não... isso foi apenas um jeito fácil de explicar...

Ontem à noite, Tsukasa não parava de me incomodar até que contasse a ele o que **eu** estava indo fazer, então vagamente disse que era alguém que conheci em rede social.

Tsukasa se virou para senpai e disse em tom sério:

— Achei que poderia ser um site de namoro.

Eu quase cuspi o chá da minha boca.

— Não!!

— Bem, você tem agido realmente estranho ultimamente. — Tsukasa fez um rosto preocupado enquanto estendia uma caixa de Pocky para mim. — Vou vigiá-lo de longe.

— O que **eu** sou, um estudante do primário?

Olhando minha reação irritada, Okudera-senpai deu um curioso "hmm?". Ela definitivamente tinha algum tipo de mal-entendido também. Isso não pode dar em nada de bom, pensei. *Em breve estaremos chegaremos a Nagoya*. Uma voz do alto-falante ressoou por todo o vagão.

Minha troca com Mitsuha tinha começado de repente e terminou de repente também. Não importa o quanto **eu** pensava, não pude encontrar uma lógica. À medida que as semanas passavam, minha suspeita de que tudo não passava de um sonho realista crescia cada vez mais.

No entanto, **eu** tinha alguma prova. Nunca iria acreditar que as palavras deixadas por Mitsuha no aplicativo de diário haviam sido escritas por mim. Além disso, nunca teria planejado um encontro com Okudera-senpai apenas por conta própria. Não havia dúvida: a garota chamada Mitsuha existia. **Eu** tinha sentido seu calor e seu batimento cardíaco, **eu** tinha ouvido sua respiração e sua voz vibrante ecoando em meus tímpanos, **eu** tinha visto o vermelho vivo que reveste suas pálpebras. Ela estava tão cheia de vida, estava convencido de que, se ela não estava viva, então não havia vida em nenhum lugar. Mitsuha era real.

E por ela ser tão real, quando a nossa troca abruptamente acabou, um sentimento extremo de inquietação me dominou. Talvez algo aconteceu com ela. Como uma febre. Ou talvez um acidente. Mesmo que esteja pensando coisas demais, Mitsuha também deve estar ansiosa com isso. É por isso que decidi ir encontrá-la diretamente. Mas, bem...

— Hã?? Você não conhece o lugar? — Perguntou uma Okudera-senpai chocada quando nos sentamos no trem expresso "Hida" comendo obentos da estação.

— Uh...

— Sua única pista é a paisagem da aldeia? Não pode entrar em contato com ela? O que é isso!?

Por que sou o único a ser responsabilizado quando eles decidiram me seguir por conta própria? Olhei para Tsukasa procurando ajuda.

— Bem alguém é não é bom em planejar. — Ele disse enquanto engolia um miso katsu.

— **Eu** não estava contando com vocês! — Minha voz involuntariamente deu um grito. Isto era apenas uma divertida viagem de campo para eles. Senpai e Tsukasa olharam para mim com rostos que pareciam dizer "ele não tem jeito".

— Bem, que seja. — Senpai disse. De repente, seus lábios se abriram em um sorriso e ela bateu sua mão no peito com orgulho. — Não se preocupe Taki-kun! Vamos te ajudar a procurar.

✧ ✧ ✧

— Ahh~ tão fofo~! Hey Taki-kun, olha, olha~!

Em algum momento depois do meio-dia, finalmente chegamos a uma estação em uma linha local e senpai estava ocupada admirando um animal de pelúcia da mascote local: uma vaca Hida usando um chapéu de empregado da estação. O som do celular de Tsukasa soou por toda a pequena estação.

— Inútil...

Examinando um mapa na parede, confirmei a suspeita de que estes dois não seriam de nenhuma ajuda. Parece que tinha que descobrir as coisas sozinho. Já que **eu** não sabia a localização exata da aldeia de Mitsuha, o plano era ir de trem até o cenário parecer semelhante com o da minha memória. Depois disso, minhas únicas pistas seria o que desenhei no meu caderno. Iria gradualmente viajar para o norte ao longo das linhas locais, mostrando meus esboços para os habitantes e perguntando se parecia familiar. As cenas em minha memória incluíam um cruzamento da estrada de ferro, assim que procurei ao longo das linhas do trem pareceu ser a escolha mais eficaz. Era um método bastante incerto e pouco digno de ser chamado de plano, mas não imaginava nenhuma outra maneira. Além disso, as aldeias na beira de um lago provavelmente não eram muito abundantes. Tinha confiança de que encontraria algum tipo de dica ao anoitecer, embora essa confiança, infelizmente, não fosse apoiada por qualquer evidência. Decidir começar perguntando ao motorista de táxi parado fora da estação, dei um grande passo à frente.

✧ ✧ ✧

— Sem sorte, hein...

Exausto, me sentei em um banco de ônibus e enterrei minha cabeça em minhas mãos. A confiança transbordante tinha quando comecei a pedir informação já acabou. Depois de obter um indiferente "não conheço" do primeiro motorista de táxi, fui a delegacias, lojas de conveniência, lojas de souvenir, hotéis, restaurantes, perguntei a todos, desde os agricultores até crianças do ensino fundamental e no final não obtive nada. Seguir de trem que só passavam a cada duas horas não era confiável, de modo que descobri que poderia pegar um ônibus e obter algumas informações das pessoas que iam nele ao mesmo tempo. Claro, nós acabamos sendo as únicas pessoas no ônibus e, depois de ter perdido a vontade de perguntar ao motorista, nós simplesmente andamos até a última parada, que, pelo que posso dizer, era uma área desabitada tomada pela vegetação.

Quanto a Tsukasa e Okudera-senpai, passaram o tempo todo ocupados com *shiritori*[15], cartas, jogos de Facebook, pedra papel tesoura, ou biscoitos, desfrutavam plenamente sua experiência de viagem de campo. Eventualmente, ambos acabaram dormindo pacificamente no passeio de ônibus com suas cabeças inclinadas em meus ombros.

— Eeh! Você já está desistindo, Taki! — Me Ouvindo suspirar, Tsukasa e Okudera-senpai perguntaram em juntos enquanto bebiam refrigerantes na frente da estação de ônibus. — Mas nós trabalhamos tão duro!

Soltei outro suspiro, dessa vez meus pulmões quase saíram juntos. O traje hardcore de caminhada da Senpai e as roupas para um passeio na vizinhança de Tsukasa estavam realmente começando a me irritar.

— Vocês não fizeram absolutamente nada...

Os dois fizeram uma inocente "oh?" em resposta.

✧ ✧ ✧

— Vou querer um ramen Takayama.

— Vou ter um ramen Takayama.

— Bem, então vou querer um ramen Takayama também.

— Ok, três ramens! — A voz da velha ecoou por todo o restaurante.

---

[15] Jogo de palavras no qual a palavra seguinte deve começar com a última sílaba da última palavra dita

No estéril caminho até a estação vizinha estranhamente distante, descobrimos milagrosamente uma loja de ramen e corremos para lá. O sorriso da velha senhora que nos cumprimentava ao entrar era como um esquadrão de resgate finalmente chegando ao local de um desastre.

O ramen também foi delicioso. Ao contrário do que o nome sugeria, era apenas ramen normal (pensei que poderia ter carne da Hida nele ou algo assim), mas podia sentir meu corpo ser recarregado enquanto devorava o macarrão e os legumes. Depois de beber toda a sopa e mais dois copos cheios de água, finalmente parei para recuperar o fôlego.

— Você acha que vai ser capaz de voltar a Tóquio hoje? — Perguntei ao Tsukasa.

— Hmm... talvez. Pode estar perto. Vou ver isso. — Ele parecia surpreso, mas ainda assim largou o celular e começou a procurar o caminho de casa.

— Obrigado — **eu** disse.

— ...Taki-kun, está realmente tudo bem com você? — Senpai, que ainda não terminou de comer, perguntou de outro lado da mesa.

Não sabendo como responder imediatamente, olhei para fora da janela. O sol ainda se demorava sobre os picos das montanhas, iluminando fracamente os campos ao lado da estrada.

— Como posso dizer... estou começando a sentir que não estou nem perto — murmurei, em parte para mim mesmo. Talvez fosse melhor voltar a Tóquio e pensar em outro plano. Já seria difícil com fotos, mas procurar uma aldeia só com estes esboços? Talvez tenha sido uma ideia louca, pensei enquanto pegava meu caderno e olhava para ele. Casas em torno de um lago redondo: nada mais do que uma cidade rural genérica. Realmente pensei que sentia algo quando terminei o desenho, mas agora ele só se parece com qualquer cena do campo.

— Isso é a velha Itomori, não é?

Eh? Me virando, observei a velha senhora em seu avental, enchendo meu copo vazio com água.

— Você desenhou isso jovem? Posso ver um pouco? — Perguntou a velha senhora, me tomando o caderno de rascunhos. — É bem desenhado. Ei,

querido! — Nós três olhamos com a boca aberta enquanto a velha chamava da cozinha.

— Ahh, realmente se parece com a velha Itomori. Traz velhas memórias.

— Meu marido é de Itomori.

O velho que saiu da cozinha examinou o esboço atentamente.

— Itomori?

De repente, me lembrei. Me levantei da cadeira.

— Itomori... Aldeia de Itomori! É isso aí! Por que não me lembrei antes? Aldeia de Itomori! Isso é perto daqui, certo!?

O casal parecia chocado. Eles olharam um para o outro com olhares suspeitos.

— Você... você sabe, certo? A vila de Itomori... — o velho finalmente falou.

Do nada, Tsukasa se meteu na conversa.

— Itomori... Taki...

— Eh, aquela do cometa! — Até mesmo Okudera-senpai falou.

— Eh...? — Confusa, olhei para todos. Todos estavam me olhando estranho. A sombra de algo na minha cabeça, algo sinistro que tinha estava lutando para sair durante todo esse tempo, se fez presente.

✧ ✧ ✧

O grito solitário de um único milhafre negro permanecia no ar.

A barricada que proibia qualquer entrada adicional se estendia por milhas, lançando uma sombra sobre o asfalto rachado abaixo dele. Pela Lei Fundamental da Contramedida de Desastres, não poderíamos dar mais um passo. NÃO ENTRE. Agência de Reconstrução. Qualquer placa coberta de hera tinha essas palavras.

E diante dos meus olhos estava a aldeia de Itomori, ou melhor, o que restava dela. Uma força enorme a agarrou e a separou, deixando a maior parte dela engolida pelo lago.

— ...Este é mesmo o lugar? — Senpai perguntou, sua voz tremendo.

Sem esperar que **eu** respondesse, Tsukasa disse excessivamente alegre:

— Não tem como! Tenho dito isso esse tempo todo, Taki só fez uma suposição errada.

— ...Não tem erro. — Tirando meus olhos das ruínas abaixo, olho para os outros ao meu redor. — Não apenas a aldeia. O colégio, o campo ao redor, as montanhas próximas... me lembro de todos eles claramente! — Para conseguir falar, não tinha escolha a não ser gritar. Atrás de nós havia um prédio de escola manchado de fuligem, com algumas janelas de vidro quebradas aqui e ali. Estávamos no terreno do Colégio Itomori, do qual você poderia olhar para o lago inteiro.

— Então esta é a aldeia que você estava procurando? O lugar onde sua amiga da internet mora? — Tsukasa perguntou em voz alta, meio rindo do quão ridículo era tudo isso. — Como poderia?! Esse desastre foi há três anos, onde centenas morreram... você se lembra também, não é Taki!?

Ao ouvir essas palavras, finalmente olho Tsukasa nos olhos.

— ...Morreram? — **Eu** estava olhando para ele, mas meu olhar foi além, em linha reta através do colégio, acabou sendo sugado para o nada. Meus olhos estavam funcionando, mas não estava vendo nada.

— ...Morreram... há três anos?

De repente, me lembrei. O cometa que vi no céu de Tóquio há três anos. As inúmeras estrelas cadentes no oeste. Aquela cena linda, como algo saído de um sonho. A emoção daquele momento.

Morreram?

...Não.

Isso não podia ser verdade.

Procurei palavras. Procurei evidências.

— Não pode ser isso... olha, tenho as mensagens no diário que ela escreveu. — Peguei meu telefone e freneticamente abri o aplicativo, como se a bateria estivesse acabando, isso levou um segundo muito longo. As mensagens estavam lá, como esperado.

— ...! — Esfreguei os olhos em descrença. Por um momento, pensei que ver as letras moverem. — ...O que!

Uma palavra, depois outra.

As palavras que Mitsuha escreveu começaram a se deformar em símbolos sem sentido, e então, eventualmente, assim como uma vela, elas tremiam por um breve segundo antes de desaparecerem. Assim, as mensagens escritas por Mitsuha pereceram uma a uma. Era como se uma pessoa invisível estivesse de pé ao meu lado, pressionando o botão "delete". Por fim, nenhuma das palavras de Mitsuha continuava na tela.

— Por que... — Não podia fazer nada além murmurar baixinho em desespero. Distante no céu, o grito de um único milhafre negro ecoava.

✧ ✧ ✧

O cometa de Tiamat, que gira em torno do sol com um período de 1200 anos, chegou à sua passagem mais próxima à Terra há três anos, em outubro, exatamente nesta mesma época do ano. Seu período ultralongo supera o cometa Halley, que visita a cada 76 anos, e seu eixo orbital se estende por surpreendentes 16,8 bilhões de quilômetros. Uma visita do cometa de Tiamat é verdadeiramente um evento raro. Seu perigeu é estimado em cerca de 120 mil quilômetros de distância da Terra, em outras palavras, a cada 1200 anos, passa a uma distância mais próxima do que a lua, deixando para trás uma cauda azul cintilante no céu acima da metade do globo. A vinda do Cometa de Tiamat tinha colocado o mundo inteiro em um clima festivo.

Mas ninguém poderia ter previsto que o núcleo do cometa se separaria quando voasse perto da Terra. E, além disso, escondido dentro desse interior coberto de gelo estava um pedregulho maciço de cerca de quarenta metros de diâmetro. O fragmento separado do cometa se tornou um meteorito que passou através da atmosfera, correndo para a superfície da Terra à velocidade destrutiva de trinta quilômetros por segundo. Seu ponto de contato era o Japão e infelizmente, um lugar habitado por seres humanos: Aldeia de Itomori.

Esse dia acabou sendo o dia do festival de outono da vila. Hora de contato: 8:42 pm. Ponto exato de colisão: o Santuário de Miyamizu, movimentado com as festividades.

Quando o meteorito caiu, uma vasta parte da área centralizada no santuário foi imediatamente aniquilada. A destruição não parou nas casas e florestas, o impacto cavou a própria terra, formando uma cratera de quase um quilômetro de diâmetro. Um segundo depois do impacto, a cinco

quilômetros de distância, um terremoto de magnitude 4,8 abalou o chão. Quinze segundos depois, uma onda de explosão varreu a área, trazendo ainda mais destruição. A contagem final de mortes totalizou em mais de quinhentos, que era um terço da população de Itomori. A aldeia havia se tornado o palco do pior desastre de meteoritos da história da humanidade.

Desde que a cratera apareceu ao lado do já presente Lago Itomori, a água fluiu em seu interior, acabando por criar um único Novo Lago Itomori.

A parte sul da aldeia sofreu relativamente pouco dano, mas os cerca de mil cidadãos restantes logo começaram a sair. Antes de transcorrer um ano, o governo local já não podia funcionar adequadamente, e dentro de catorze meses desde o impacto, a cidade tinha praticamente deixado de existir.

Tudo já era contado em livros, então é claro que **eu** conhecia a história geral em algum lugar no fundo da memória. Três anos atrás, **eu** era um estudante do ensino médio. Me lembro de estar de pé sobre uma colina próxima observando o cometa com meus próprios olhos.

Mas ainda assim, algo estava estranho.

As peças não se encaixavam.

Até o mês passado, **eu** tinha estado em Itomori como Mitsuha.

Isso significava que o lugar que tinha visto, o lugar onde Mitsuha viveu, não poderia ter sido Itomori.

O cometa e minha troca com Mitsuha não estavam relacionados.

Essa foi a única explicação natural. Era o que **eu** queria acreditar.

Mas, quando sentei aqui na biblioteca da cidade vizinha e folheei os livros, não pude fazer nada além de duvidar dessa conclusão. No fundo, alguém continuava sussurrando para mim: este é o lugar.

O desaparecimento da vila Itomori – Registro completo

A cidade que sumiu em uma noite – Aldeia de Itomori

A tragédia do cometa de Tiamat

Procurei através dos livros grossos com nomes parecidos na capa. Não importa o quanto **eu** olhava para eles, tinha certeza de que o lugar representado nessas fotos antigas era o lugar onde **eu** tinha passado meu

tempo como Mitsuha. Este prédio da escola primária era onde Yotsuha ia todas as manhãs. Este Santuário Miyamizu era onde a vovó trabalhava como sacerdotisa. O estacionamento desnecessariamente grande, as duas lanchonetes próximas, a loja de conveniência semelhante a um celeiro, a pequena travessia da estrada de ferro no caminho da montanha e, claro, o Colégio Itomori estavam todas claramente enraizadas na minha memória. Desde que vi a vila arruinada com meus próprios olhos, minhas memórias estavam se tornando cada vez mais vívidas.

Doeu respirar. Meu coração ficou louco, recusando a se acalmar.

Parecia que as inúmeras fotos vibrantes que estavam nas páginas sugavam silenciosamente o ar e até mesmo a própria realidade.

"Colégio Itomori – o último dia" uma foto com esse título descrevia um grupo de estudantes que participavam em uma corrida de três pernas. O par na borda me parecia estranhamente familiar. Uma tinha franjas retas na frente com duas tranças penduradas nas costas, e a outra tinha o cabelo amarrado com um cordão laranja brilhante.

O ar ao meu redor desapareceu ainda mais.

Limpei com a mão quando senti gotas na parte de trás do meu pescoço, só para descobrir o suor transparente.

— Taki — olhando para cima, encontrei Tsukasa e Okudera-senpai em pé. Eles me entregaram um livro. Em sua capa, as letras de ouro em uma fonte solene se liam:

Desastre do Cometa na vila de Itomori – Registro de Pessoas Falecidas.

Eu folheava as páginas. As vítimas estavam listadas pelo nome e endereço, categorizadas por seção da cidade. Meu dedo seguiu até que, ao ver um nome familiar, parou.

Teshigawara Katsuhiko (17)

Natori Sayaka (17)

— Teshigawara e Saya-chin...

Enquanto murmurava esses nomes, ouvi Tsukasa e Okudera-senpai suspirarem. E então, **eu** os encontrei. Os nomes.

Miyamizu Hitoha (82)

Miyamizu Mitsuha (17)

Miyamizu Yotsuha (9)

Os dois olharam para a lista por cima dos meus ombros.

— É esta a garota? Deve haver algum tipo de erro! Essa pessoa... — Okudera-senpai disse em uma voz que sugeria que as lágrimas estavam prestes a fluir. — Esta pessoa morreu há três anos!

Para combater suas afirmações ridículas, **eu** gritei. — Apenas duas, três semanas atrás! — **Eu** não conseguia respirar. Desesperado, continuei, minha voz encolhendo para quase um sussurro. — Ela me disse... que **eu** seria capaz de ver o cometa... — De alguma forma tirei meus olhos do "Mitsuha" impresso na página. — Então ela não pode... ela não pode!

Olhando para frente, meu olhar se encontrou com meu próprio reflexo na janela escura diante de mim. *Quem é você?* Pensei de repente. De algum lugar dentro da minha cabeça, ouvi uma voz rouca, distante.

— Está sonhando, não está?

Sonho? Fiquei completamente confuso.

O que diabos **eu** estava fazendo?

✧ ✧ ✧

O ruído de um banquete veio do quarto ao lado.

Alguém disse alguma coisa, provocando risos seguido de aplausos estrondosos. Isso aconteceu outras vezes. Tentando descobrir que tipo de reunião era, apurei meus ouvidos. Mas não importa o quanto **eu** tentasse, não pude entender uma palavra. Tudo que consegui entender foi que eles estavam falando japonês.

De repente, houve um barulho alto, percebi que **eu** estava com a cabeça caída em uma mesa. Devo ter batido a cabeça. Uma dor maçante se apoderou de mim depois de um breve intervalo. Estava morto de cansaço.

Enquanto me debruçava sobre jornais velhos e revistas semanais, eventualmente, as palavras deixaram de ser absorvidas pelo meu cérebro. Verifiquei outra vez a hora no telefone, mas nenhum vestígio das suas entradas no diário estavam lá.

Com a minha cabeça ainda sobre a mesa, abri meus olhos. Em seguida, olhando para a mesa na minha frente, cheguei a conclusão que **eu** tinha desenhado nas últimas horas.

"Foi tudo um sonho..."

Será que **eu** quero acreditar ou não?

"Reconhecido o cenário porque tinha visto no noticiário há três anos. E quanto a ela...

Como poderia explicar ela?

"...Um fantasma? Não... foi tudo..."

Tudo...

"...Um delírio meu?"

Assustado, levantei minha cabeça.

....ela.

"...Seu nome, qual era mesmo o nome?"

Knock knock.

De repente, a fina porta de madeira se abriu.

— Tsukasa-kun disse que está tomando um banho — senpai disse quando entrou no quarto, vestindo um *yukata*[16] fornecido pelo *ryokan*[17]. O quarto estava um pouco frio, mas sua presença foi imediatamente preenchida com uma atmosfera calorosa. Me senti um pouco aliviado.

— Um, senpai. — Me levantei e chamei a senpai, que estava agachada na frente de sua mochila. — Desculpe por dizer tantas coisas estranhas hoje.

Suavemente fechando o zíper na mochila, senpai se levantou. Parecia quase lenta.

— ...Está tudo bem, — ela disse, balançando a cabeça com um leve sorriso.

— Desculpe, só conseguimos um quarto.

---

[16] Roupa tradicional japonesa.
[17] Hospedaria típica japonesa.

— Tsukasa-kun me disse a mesma coisa. — Senpai riu. Estávamos sentados em frente um ao outro em uma pequena mesa perto da janela. — Está tudo bem comigo. Apenas tivemos azar de ter um grande grupo hospedado aqui hoje. O proprietário disse que era uma reunião de um sindicato de professores.

Ela continuou falando sobre como o proprietário a ofereceu peras após seu banho. Eles não podiam ajudar, mas ofereciam algo para senpai. O cheiro do shampoo cheirava a um perfume especial de algum país distante.

— Ah, a vila de Itomori fez o *kumihimo*. Eles estão bonitos — senpai observou enquanto folheava um dos livros emprestados da biblioteca. — Minha mãe às vezes usa kimono, então também tínhamos alguns desses... Ah, hey. — Ela olhou para o meu pulso direito. — Isso é um *kumihimo*?

— Oh, isso é... — Coloquei a xícara de chá que **eu** estava segurando na mesa e também olhei para o meu pulso. Minha pulseira. Uma corda laranja vívida, um pouco mais grossa do que uma linha, estava enrolada ao redor do meu pulso.

...Espere.

Isto é...

— Acho que ganhei isso de alguém há muito tempo... às vezes uso como um amuleto de boa sorte.

Senti uma dor aguda na minha cabeça.

— De quem...? — **Eu** murmurei. Não conseguia me lembrar. Mas sinto que utilizo esta pulseira como uma dica para que **eu** possa chegar a algum lugar.

— ...Ei, Taki-kun. — Me voltando para o som da voz suave da senpai, vi seu rosto preocupado. — Por que não toma um banho?

— Banho...

Rapidamente desviei o olhar, voltando os olhos para o *kumihimo*. Procurei desesperadamente na memória, senti que se **eu** deixasse escapar agora estaria perdido na eternidade. Há algum tempo, o banquete do quarto ao lado tinha terminado. Os barulho dos insetos do outono enchiam a sala.

"...Ouvi de alguém que sabe fazer kumihimo uma vez". De quem era aquela voz? Rouca e gentil, como um contador de histórias... "Eles disseram, a corda é o fluxo do tempo em si. Torcendo e entrelaçando, retornando e conectando novamente. Esse é o tempo. Isso é..." Outono. Montanha. O som de um córrego. O cheiro de água. O sabor doce do chá de cevada. "Ou seja, *musubi*..."

De repente, uma paisagem se espalhou na minha mente. O *shintai* no topo da montanha. O saquê que ofereci lá.

— Se **eu** for para lá!

Puxei um mapa da pilha de livros e o coloquei sobre a mesa. Um mapa velho de três anos atrás da vila de Itomori, coberto por poeira em um canto abandonado nas prateleiras de uma loja pequena. Ainda mostrava apenas o lago original. O lugar onde fiz a oferenda deve ser muito longe da zona de impacto do meteoro. Se pudesse chegar lá. Se tivesse o saquê.

Peguei um lápis e procurei o mapa. Estava bem ao norte do santuário e parecia uma gigantesca cratera. Olhei de cima para baixo desesperadamente. Senti como se a voz da senpai soasse ao longe, mas não podia tirar meus olhos do mapa.

✧ ✧ ✧

...kun ...Taki-kun.

Alguém estava chamando meu nome. Uma voz de garota.

— Taki-kun, Taki-kun.

A voz tinha um tom de urgência, como se sua dona estivesse à prestes a chorar. A voz tremeu, como o brilho solitário de uma estrela distante.

— Você não se lembra de mim?

E então, **eu** acordei.

...Está certo. Este é um *ryokan*. Tinha adormecido com a cabeça na mesa. Ouvi Tsukasa e senpai dormindo em seus futons através da porta. O quarto estava estranhamente silencioso. Não havia nenhum ruído de insetos ou carros passando. O vento também não soprava.

Me sentei. O som da minha roupa farfalhando soou tão alto que quase me assustou. Lá fora começavam a aparecer vestígios fracos de luz. Olhei

para o *kumihimo* no meu pulso. A voz daquela garota ainda ecoava em meus tímpanos.

"Quem é você?"

Tentei perguntar à garota desconhecida. Claro, não houve resposta. Mas, bem, que seja.

Para Okudera-senpai e Tsukasa:

Há um lugar que preciso ir. Voltem para Tóquio sem mim. Desculpe por ser tão egoísta. Definitivamente vou voltar para casa logo depois de vocês. Obrigado,

Taki.

Rabisquei em um bloco de notas e, em seguida, depois de pensar um pouco, tirei uma nota de ¥ 5.000 da minha carteira e deixei com a nota debaixo da xícara de chá.

Você com quem nunca encontrei. **Eu** vou procurar você agora.

✧ ✧ ✧

Ele era quieto e direto, mas mesmo assim uma pessoa muito gentil, pensei enquanto observava as mãos idosas segurarem o volante ao meu lado. Ontem, quem nos levou ao Colégio Itomori e à biblioteca foi o velho da loja de ramen. Esta manhã, apesar de ser muito cedo, ele ouviu meu pedido e me levou em seu carro. Se isso não funcionasse, estava planejando pedir carona no caminho, mas tinha dúvidas se alguém estaria disposto a me dar uma carona até as ruínas desertas de uma aldeia. Realmente tive sorte por ter encontrado ele em Hida.

Da janela do lado do passageiro, **eu** podia ver a borda do Novo Lago Itomori. Metade das casas destruídas e pedaços de asfalto quebrados estavam submersos na água. Mais afastados da costa, pude ver os postes e vigas de aço que saiam da superfície. Mesmo que fosse uma visão incomum, senti que sempre foi assim, talvez porque cresci acostumado a ver na televisão ou em fotos. Assim, confrontados com a cena diante dos meus olhos, não sabia o que sentir – devo sentir raiva, tristeza, medo, ou deveria lamentar a minha própria impotência? O desaparecimento de uma cidade inteira era certamente um fenômeno que superava a compreensão de qualquer pessoa normal. Desistindo de encontrar algum significado na paisagem, olhei para

o céu. Nuvens cinzentas pendiam acima de nós, como uma tampa colossal que deus colocou sobre o mundo.

À medida que continuávamos para o norte ao longo do lago, chegamos a um ponto que não poderíamos mais ir de carro. O velho puxou os freios.

— Parece que pode chover — disse, olhando pelo para-brisa. — Esta montanha não é tão íngreme, mas não se esforce demais. Se acontecer alguma coisa, não hesite em ligar.

— Sim senhor.

— E também, aqui. — Ele estendeu uma grande caixa de obento. — Coma lá em cima.

Aceito o presente pesado com ambas as mãos. "O-obrigado..." Por que é tão legal comigo? Oh, a propósito, o ramen foi super delicioso. Nenhuma das palavras que pensei saíram da minha boca e, no final, só consegui murmurar "desculpa".

O velho cerrou os olhos, tirou um cigarro e o acendeu.

— Eu não sei nada sobre sua situação, — ele começou enquanto exalava fumaça. — Mas aquela foto de Itomori que você desenhou... estava boa.

Meu peito se apertou. Ao longe, um pequeno trovão rugiu.

✧ ✧ ✧

Estava andando em um caminho estreito, não confiável. Às vezes, parava para comparar o mapa com o GPS do smartphone. Parece que tudo está indo bem. O cenário parecia vagamente familiar, mas era uma montanha que tinha escalado apenas uma vez em um sonho. Não poderia ter tanta certeza. Por enquanto, era melhor olhar o mapa.

Depois que saí do carro, fiz uma profunda reverência até que o velho desapareceu completamente do meu campo de visão. Enquanto isso, os rostos de Tsukasa e Okudera-senpai surgiam na minha cabeça. O velho e os dois vieram comigo por todo o caminho por estarem preocupados. Meu rosto provavelmente estava para baixo o tempo todo. Provavelmente parecia que **eu** estava prestes a chorar. Devia parecer tão fraco que, mesmo se quisessem, não poderiam me deixar sozinho.

Não pude me dar ao luxo de continuar para baixo. Não poderia mais esperar pela ajuda de outras pessoas, pensei enquanto o Novo Lago Itomori começou a ficar visível através das árvores. De repente, uma gota de chuva caiu em meu rosto. *Pitter patter*. As folhas ao meu redor começaram a fazer barulho. Coloquei na minha capa e corri.

✧ ✧ ✧

O aguaceiro continuou com tanta força que parecia estar arrastando o chão. Minha pele podia sentir todo o calor no ar sendo sugado pela chuva.

Estava me abrigando em uma pequena caverna, comi o obentou enquanto esperava a tempestade se acalmar. Tinha três onigiri tão grandes quanto meus punhos, vários acompanhamentos, fatias grossas de bife de porco e brotos de feijão fritos em óleo de gergelim. Foi como comer ramen no restaurante, podia sentir meu corpo tremendo ao recuperar um pouco do calor. A cada mordida, sentia isso no meu estômago.

Musubi, pensava.

Água, arroz, saquê... o ato de colocar algo em seu corpo também é chamado *musubi*. O que entra no seu corpo se conecta com sua alma.

Naquele dia, tinha dito a mim mesmo para me lembrar disso na hora que acordasse. Tentei recitar em voz alta.

— Torcendo e entrelaçando, às vezes retornando, e conectando novamente. Isso é *musubi*. Isso é o tempo.

Olhou para a corda no meu pulso.

Ainda não tinha sido cortada. Nós ainda poderíamos nos conectar.

✧ ✧ ✧

Enquanto continuava ao longo do caminho, as árvores começaram a desaparecer e fui cercado por pedras cobertas de musgo. Sob meus olhos, partes do lago eram visíveis através das aberturas nas nuvens. **Eu** tinha chegado ao cume.

— ...Lá está!

Na minha frente estava a depressão em forma de caldeira e a grande árvore santuário.

— ...É lá mesmo! Não foi um sonho...

A chuva, que se reduziu a um chuvisco, deslizou por minhas bochechas como lágrimas. Enxugando o rosto com as mangas, começei a descer a encosta. No lugar do riacho que me lembrava, agora havia um pequeno lago. A chuva poderia tê-lo inundado, ou talvez tivesse passado bastante tempo desde aquele sonho e a terra mudou. De qualquer maneira, a lagoa agora estava entre mim e a árvore gigante.

Além daqui é o *outro* mundo.

Alguém me disse isso antes.

Então isso faria com que este fosse o rio Sanzu[18].

Eu entrei na água. *Splash*! Fiz um grande barulho, como se tivesse entrado em uma banheira cheia, o que me fez perceber o quão estranhamente quieto era o lugar. Cada passo que **eu** dava com água até os joelhos, fazia outro grande *splash*. Senti como se estivesse sujando algo puro com os pés enlameados. Antes que **eu** chegasse, o local estava em um estado de perfeita tranquilidade. **Eu** não era bem-vindo. Minha temperatura corporal mais uma vez começou a cair, sendo sugado pela água fria. Eventualmente, fiquei submerso até o peito. Ainda assim, de alguma forma, consegui atravessar todo o caminho.

A enorme árvore estava com suas raízes enredadas ao redor de uma grande laje de rocha. Se a árvore era o *shintai* ou se a rocha era o *shintai*, ou se os dois juntos formavam o santuário, **eu** não sabia. Entre as raízes e a rocha estava um pequeno lance de escadas levando a um pequeno espaço de cerca de quatro tatames de largura.

Havia um silêncio ainda mais profundo.

Abrindo o zíper com as mãos congeladas, tirei meu smartphone e verifiquei que ele não estava molhado. **Eu** o liguei. Cada um desses movimentos sutis produzia um barulho tão alto na escuridão silenciosa. Um som eletrônico estranho ao ambiente tocou e meu celular se iluminou.

Aqui, nem cor nem calor existiam.

---

[18] Segundo a tradição budista japonesa, é um rio envolto por névoa que separa o mundo dos vivos do mundo dos mortos

O pequeno santuário iluminado pela luz do celular era de um cinza perfeito. No minúsculo altar de pedra havia duas garrafas de dez centímetros de altura.

"O saquê que nós trouxemos..."

Gentilmente toquei a sua superfície com minhas mãos. De alguma forma, **eu** não estava mais frio.

— Este é da irmã mais nova — murmurei enquanto pegava a garrafa esquerda, confirmando a sua forma. Quando tentei pegá-la, ela resistiu um pouco e fez um som raspando no seco. Musgo começou a crescer sobre ele — e esta é a que **eu** trouxe.

Sentei e aproximei meus olhos, usando o meu celular para a iluminar. A superfície originalmente brilhante da porcelana agora era coberta por musgo. Parecia que havia passado muito tempo. Coloquei em palavras um pensamento que estava preso em minha cabeça por algum tempo.

— ...Então, **eu** estava trocando com a garota de três anos atrás?

Desfiz o *kumihimo* que selava a tampa fechada. Abri a tampa, também havia uma rolha.

— Estávamos separados por três anos? E a troca parou porque há três anos o meteoro caiu e ela morreu?

Tirei a rolha. O leve cheiro de álcool saía do vaso. Derramei um pouco do saquê na tampa.

— Metade dela...

Trouxe a luz para mais perto. O *kuchikamisake* era claro e transparente, com algumas partículas que flutuavam aqui e ali. Refletindo a luz do celular, elas cintilavam dentro do líquido.

— *Musubi*. Torcendo e entrelaçando, às vezes retornando, e conectando novamente.

Trouxe a tampa cheia de álcool para mais perto da minha boca.

— Se o tempo realmente pode voltar... então mais uma vez...

Deixe-me entrar em seu corpo! Terminando meu desejo dentro da minha cabeça, sequei a tampa com um gole. A garganta soou surpreendentemente

alta. Calor passou pelo meu corpo. Começou a se espalhar por toda parte, como se tivesse explodido em meu estômago.

— ...

Mas nada aconteceu.

Por um tempo, **eu** ainda estava sentado.

A temperatura do meu corpo havia aumentado um pouco por razão desconhecida. Uma leve sensação de tontura me dominou. Mas era só isso.

...Nada bom, hein?

Comecei a me levantar, quando de repente o meu pé escorregou. Minha visão girou e girou. Pensei que **eu** ia cair.

Isso é estranho.

Certamente **eu** estava prestes a cair de costas, mas não importa quanto tempo esperasse por isso o impacto nunca veio. Meu campo de visão se alargou, e gradualmente o teto se tornou visível. Ainda tinha o meu celular na mão esquerda. Sua luz iluminava o teto.

— ...Cometa! — Gritei instintivamente.

Lá, desenhado no teto, havia um cometa gigante. Era um antigo desenho esculpido na rocha. Um cometa colossal, arrastando sua longa cauda pelo céu. Os pigmentos vermelhos e azuis brilhavam quando iluminados. E então, lentamente, a imagem começou a flutuar para fora do teto.

Meus olhos se arregalaram.

A imagem, o cometa desenhado, estava caindo em minha direção.

Gradualmente, ele se aproximou até que estava bem na frente dos meus olhos. Começou a queimar devido ao seu atrito com a atmosfera, o pedaço de pedra transformado em vidro, cintilante como uma joia preciosa. A imagem apareceu em detalhes tão claros para mim.

Minha cabeça caída finalmente colidiu com o chão de pedra e, simultaneamente, o cometa colidiu com meu corpo.

✧ Memória

Eu caí e continuei caindo.

Ou estou subindo?

Um sentimento vago me rodeia, um cometa brilha no céu noturno.

O cometa se divide e um dos fragmentos quebrados vem caindo.

O meteorito cai sobre uma aldeia nas montanhas. Muitas pessoas morrem. Um lago é criado e a aldeia desmorona em ruínas.

O tempo passa e, eventualmente, uma outra aldeia aparece ao redor do lago. Os peixes enchem o lago. O ferro do meteorito traz prosperidade. A aldeia floresce. Depois de outra longa passagem do tempo, o cometa volta.

A estrela cai mais uma vez. As pessoas morrem mais uma vez.

Desde que os humanos habitaram o arquipélago, essa sequência de eventos se repetiram duas vezes.

As pessoas tentaram manter isso em sua memória. Tentaram transmitir o conhecimento desses eventos para a próxima geração. Usando algo que dura mais do que palavras. Representar o cometa como um dragão. Como uma corda. Colocam a divisão do cometa nos movimentos de uma dança.

Mais uma vez, uma longa passagem de tempo.

O choro de um recém-nascido se torna audível.

“Seu nome é Mitsuha”. A voz gentil de uma mãe.

E então, o cordão umbilical é cortado, cortando a conexão que os unia como um. Assim, uma nova pessoa vem ao mundo.

"Vocês duas são meus tesouros". "Você é uma onee-chan agora".

A conversa de um jovem casal. Em pouco tempo, a irmã mais nova de Mitsuha nasce. Como se em troca da nova felicidade, a mãe adoece.

"Quando mamãe volta do hospital?" A irmã mais nova pergunta inocentemente, mas a mais velha já sabe que sua mãe não vai voltar.

Pessoas inevitavelmente morrem. Ainda assim, não é tão simples aceitar.

"Eu não pude salvá-la..." o pai lamenta profundamente. Não havia nada que ele amasse mais do que sua esposa, e nunca haverá. As suas filhas, que ficam cada vez mais parecida com ela, são uma bênção e uma maldição.

"Que bem vai me fazer continuar mantendo esse santuário?" "Um genro não tem direito de dizer isso!"

As discussões do pai e da avó pioram a cada dia.

"Eu amava a Futaba. Não o Santuário de Miyamizu!"

Tanto o pai quanto a avó passaram do tempo em que poderiam repensar o que era importante para eles.

Incapaz de suportar, o pai sai da casa.

"Mitsuha, Yotsuha, vocês vão ficar com a vovó de agora em diante."

Com pesos ressoando pela casa, a vida das três mulheres começa.

Os dias passam pacificamente, mas o sentimento de ter sido abandonada por seu pai permanece dentro de Mitsuha como uma mancha.

...O que é isso?

...A memória de Mitsuha?

Fui preso em um fluxo lamacento, o fluxo do tempo de Mitsuha.

Depois veio a parte que **eu** sabia: os dias da nossa troca.

A Tóquio que Mitsuha vê carrega toda a emoção vibrante de um país estrangeiro. Mesmo que seus olhos não sejam biologicamente diferentes dos meus, o mundo que ela vê é completamente diferente.

"Ah, tão legal..."

A ouvi murmurar.

"Eles devem estar juntos agora."

O dia do meu encontro com Okudera-senpai.

"Estou indo para Tóquio por um tempo", ela disse para sua irmã.

Tóquio?

Naquela noite, Mitsuha abre a porta para o quarto da sua avó. "Vovó, tem algo que *eu* quero que você faça..."

Mechas do cabelo de Mitsuha caem ao chão. Não conheço esta Mitsuha.

"Hoje deve ser o dia mais brilhante."

Teshigawara e Saya-chin a convidaram para assistir ao cometa.

Não, Mitsuha! **Eu** gritei.

Por trás do espelho. Com o som do vento. A brisa sopra pelo seu cabelo.

Mitsuha! Não vá para lá!

Corra para longe da aldeia antes que o cometa caia!

Mas não importa o quanto gritasse, minha voz não alcançava Mitsuha.

No dia do festival, Mitsuha e seus amigos olham para o cometa, agora mais perto do que a lua.

O cometa se divide, os fragmentos se tornam uma série infinita de estrelas cadentes, cintilantes enquanto atravessam o céu. Um único pedaço enorme de rocha torna-se um meteorito e começa sua descida.

Eles simplesmente assistem, fascinados pela beleza diante deles.

Mitsuha, corra!

Grito com toda a minha força.

Mitsuha, corra! Corra!! Mitsuha! Mitsuha! Mitsuha!!!

E então, a estrela cai.

✧ Reconstituição

No momento em que acordei, **eu** soube.

Me agitei e olhei para o meu corpo. Dedos finos. Pijama familiar. Uma protuberância no peito.

— Mitsuha...

Essa voz. A garganta fina. O sangue, a carne, os ossos e a pele. Mitsuha estava aqui, quente e viva.

— ...Viva!

Eu me abracei. Lágrimas fluíram. Como uma torneira quebrada, os olhos de Mitsuha deixaram cair grandes gotas de lágrimas. A alegria que o calor dessas lágrimas me trouxeram me fez chorar ainda mais. O coração preso dentro das minhas costelas bateu excitado. Enrolando meus joelhos, apertei minhas bochechas contra eles. Querendo abraçar a totalidade do corpo de Mitsuha, me enrolei tão apertado quanto podia.

Mitsuha.

Mitsuha. Mitsuha.

Era um milagre, um milagre que abriu caminho através do vasto reino das possibilidades e chegou até aqui, agora.

— ...Onee-chan, o que você está fazendo? — Yotsuha estava ao lado da porta aberta.

— Ah... minha irmãzinha — murmurei com minha voz soluçante. Yotsuha também estava viva, olhando atônita para sua irmã mais velha acariciando

seus próprios seios, mesmo enquanto lágrimas corriam pelo seu rosto. — Youtshaaaa!

Corri em direção Yotsuha, indo para um abraço. Infelizmente, no entanto, fui recebida com uma porta que se fechou bem na minha frente.

— Vovó, vovó! — **Eu** podia ouvir gritando enquanto seus pés desciam rapidamente a escada. — Mitsuha finalmente enlouqueceu! Ela está completamente doida!

Que menina rude, está reclamando mesmo que **eu** tenha atravessado o tempo para vir salvar esta cidade!

✧ ✧ ✧

Quando me vesti e desci as escadas, uma apresentadora da NHK estava conversando alegremente na TV. Olhei para ela, de pé com uma postura intimidadora, a fim de me livrar da sensação apertada de vestir uma saia, algo que não sentia há muito tempo.

"O cometa de Tiamat, que está visível a olho nu desde a semana passada, alcançará sua rota mais próxima à terra aproximadamente às 7:40 esta noite. Espera-se que o cometa esteja o mais brilhante possível neste momento. No clímax tão aguardado deste espetáculo astronômico, que ocorre apenas uma vez a cada 1200 anos, várias celebrações..."

— ...Esta noite! Ainda dá tempo! — Meu corpo começou a tremer de excitação.

— Bom dia Mitsuha. Yotsuha saiu primeiro hoje. — Me virando, vi vovó de pé.

— Vovó! Você está ótima! — Instintivamente corri até ela. Julgando pelo bule que segurava em um prato, ela provavelmente estava planejando tomar um chá na sala de estar.

— Hm? Você... — Vovó tirou os óculos e examinou meu rosto intensamente. — ...Você não é Mitsuha, não é?

— O qu... — Como!? Um sentimento de culpa me dominou, como quando você começa quando faz algo ruim que você tinha certeza que ninguém iria descobrir e então fica exposto. Mas espere, isso pode realmente ser conveniente. — Vovó... você sabia?

Sem parecer particularmente perturbada, a vovó se sentou e disse: — Não. Mas recentemente, ver você me fez lembrar. Quando eu era jovem, lembro que tive um sonho estranho.

Sério!? Bem, então isso vai ser fácil de resolver. Não esperava nada a menos da família do folclore japonês. Enquanto **eu** também sentava ao lado da mesa, a vovó me serviu um pouco de chá.

Bebendo do copo, ela continuou falando. — Realmente foi um sonho estranho. Ou, em vez de um sonho, era mais como a vida de outra pessoa. Era como se eu tivesse me tornado um garoto desconhecido em uma cidade desconhecida.

Engoliu em sego. Exatamente o mesmo que nós.

— Mas um dia aqueles sonhos pararam de repente. Tudo o que me lembro agora é o vago fato de que tive um sonho estranho. Quem me tornei durante esses sonhos ou quaisquer detalhes como esse desapareceram de minha memória.

— Desapareceram...

Repeti essa palavra, como se fosse o nome fatídico de uma doença grave. **Eu** também esqueci o nome de Mitsuha por um tempo. Tinha começado a acreditar que tudo era apenas uma ilusão. O rosto enrugado da vovó tinha um leve tom de solidão.

— Portanto, valorize o que você está experimentando agora. Não importa o quão especial é, um sonho ainda é um sonho no final. Uma vez que você acorda, ele acabará por desaparecer. Minha mãe, sua mãe e eu tivemos um período semelhante em nossas vidas.

— Então... isso quer dizer?

Um pensamento súbito apareceu em minha mente. Talvez isso fosse um dever da família Miyamizu. A fim de impedir o desastre que ocorre a cada 1200 anos, lhes foi dado o poder de se comunicar através dos sonhos com alguém no futuro. O dever da donzela do santuário. Um sistema de alerta que vem de geração em geração através da linhagem Miyamizu.

— Os sonhos de todas as pessoas da família Miyamizu... todos levavam ao dia de hoje! — Enfrentei vovó diretamente nos olhos e falei. — Vovó, escute. — Ela levantou o rosto. Sua expressão permaneceu ilegível para mim, não

dando nenhuma dica sobre como estava reagindo às minhas palavras. — Hoje à noite, um meteoro vai cair na Vila Itomori e todo mundo vai morrer. — Agora, as sobrancelhas estavam franzidas em suspeita.

✧ ✧ ✧

Ninguém jamais acreditaria nisso, vovó tinha respondido. Parecia uma reação tão normal, diferente da vovó, pensei enquanto corria para a escola. Acredita na parte de trocar de corpo durante os sonhos, mas não na parte sobre um meteorito caindo? Que diabos, vovó?

Já havia passado da hora de estar atrasado, não havia quase ninguém por perto. As vozes dos pássaros das montanhas ecoavam de um lado para o outro. Uma manhã comum e pacífica na aldeia. Tinha que cuidar dos meus próprios negócios, pelo que parece.

— Não vou deixar uma única pessoa morrer! — Proclamei a mim mesmo. Acelerei minha corrida. Apenas meio dia até o impacto.

✧ ✧ ✧

— Mitsuha, s-seu cabelo!

Apenas sentei na minha mesa e Teshigawara e Saya-chin já estavam de boca aberta e com olhares espantados.

— Ah, meu cabelo? Será que está melhor antes? — Perguntei, escovando a ponta do meu cabelo na altura dos ombros com a minha mão. Mitsuha tinha cortado de repente um bom pedaço de seu cabelo longo. Gosto do cabelo longo então não gostei muito do corte, mas de qualquer maneira, agora não é hora para isso! — De qualquer forma! — Olhei para Teshigawara, cuja boca estava tão aberta tão quase emitia um som e Saya-chin, cujos olhos pareciam estar observando minha alma, então continuei. — Todo mundo vai morrer hoje à noite!

Imediatamente, a agitação na sala de aula abruptamente parou. Os olhares de todos os meus colegas se voltaram para mim.

— M-Mitsuha, o que diabos você está dizendo!?

Saya-chin se levantou, nervosa, e Teshigawara agarrou meu braço. Enquanto me arrastavam para fora da sala de aula, finalmente cheguei à conclusão sensata que, obviamente, eles não iriam acreditar em mim. Assim como a vovó disse, dizer de repente para as pessoas acreditarem em tal

afirmação ridícula não daria certo. Me deixei levar pela emoção ao ser capaz de trocar de novo, tinha pensado que daria certo de alguma forma, mas talvez haveriam mais problemas do que o esperado.

...Ou aparentemente não, pelo menos no que diz respeito a Teshigawara.

— ...Mitsuha, você está falando sério?

— Sim! Hoje à noite, o Cometa de Tiamat vai se dividir e criar um meteorito, que provavelmente vai cair nesta aldeia. Não posso dizer sei disso, mas minhas fontes são confiáveis, prometo!

— ...Isso é um grande problema!

— Espere um segundo, você está levando isso a sério Tesshi? Eu não sabia que você tão idiota assim. — Saya-chin, no entanto, não foi tão fácil de convencer. — Que fontes você poderia ter, afinal? A CIA? NASA? Confiável? Porque está fingindo ser espiã? Mitsuha, o que está acontecendo com você!?

Pensando desesperadamente em alguma forma de a convencer através do senso comum de Saya-chin, tirei todo o dinheiro na carteira do Mitsuha. — Por favor, Saya-chin. Você pode comprar o que quiser com isso, apenas me escute! — Usei a expressão mais séria que podia e me curvei implorando.

Saya-chin olhou para mim, parecendo um tanto surpresa. — Para uma pão duro como você dizer isso...

Hã? Mitsuha? Pão duro? Isso é engraçado, me lembro de Mitsuha jogando fora pilhas do meu dinheiro como uma idiota!

Saya-chin deu um suspiro de resignação. — ...Eu não tenho ideia do que está acontecendo, mas acho que vou pelo menos ouvir o que você tem a dizer. Tesshi, me dê a chave da sua bicicleta.

Enquanto reclamava de como todo o dinheiro de Mitsuha não dava para comprar mais do que alguns doces, Saya-chin começou a andar em direção à entrada. Bem, isso é bom. O dinheiro não era suficiente, mas parece que pelo menos ela entendeu minha sinceridade.

— Estou indo para a loja de conveniência. Tesshi, vigia Mitsuha. Hoje ela não está normal.

✧ ✧ ✧

Enquanto Saya-chin estava na loja, Teshigawara e **eu** fomos para uma sala sem uso e começamos a criar um plano de evacuação para a aldeia. O objetivo geral era deslocar as cerca de 500 pessoas que vivem em 188 casas dentro da faixa de destruição para uma área segura antes do tempo de impacto de meteorito. A primeira opção que veio em nossas cabeças foi uma transmissão de evacuação em massa.

Sequestrar a residência do primeiro-ministro, sequestrar o prédio da Dieta Nacional[19], sequestrar o centro de transmissão da NHK em Shibuya, espera, não seria suficiente apenas sequestrar o escritório em Takayama? Depois de alguns minutos de sugestões totalmente ridículas, percebemos que não havia sequer uma garantia de que todos na cidade estariam com seus televisores ou rádios ligados, especialmente porque muitas pessoas estariam no festival de outono. De volta à estaca zero.

— ...O sistema de alerta de desastre! — Gritou Teshigawara de repente.

— O sistema de alerta de desastre?

— Hã? Não me diga que você não sabe. Os alto-falantes em toda a cidade?

— Ah... oh, aquele que começa a falar de manhã e à noite? Quem nasceu e quem morreu e outras coisas.

— Sim, todo mundo definitivamente vai ser capaz de ouvir isso, fora ou dentro de casa. Se pudéssemos controlar isso!

— Hm, mas como? Isso é transmitido da prefeitura, certo? Eles nos deixarão usar se pedimos?

— Claro que não.

— Então qual é o plano? Sequestrar a prefeitura? Bem, isso é muito mais realista do que sequestrar NHK...

— Hehehe. — Com um riso um tanto assustador, Teshigawara começou a digitar algo em seu telefone. Ele certamente parece estar animado com isso. — Nós podemos usar isso!

Olhei para a tela do celular que ele estendeu para mim. Uma explicação das “frequências sobrepostas”.

---

[19] Local onde operam as duas casas da Dieta Nacional do Japão, a Casa dos Representantes do Japão e a Câmara dos Conselheiros.

— Huh... isso é de verdade? — Teshigawara assentiu com orgulho em resposta. — Por que você sabe essas coisas, Tesshi?

— Bem, você sabe, estou sempre pensando nesse tipo de coisa antes de adormecer. Destruição da aldeia, derrubada da escola. Todo mundo pensa nisso também, certo?

— Eh... — **Eu** estava um pouco assustado, mas... — De qualquer forma, isso é ótimo! Pode funcionar! — Disse e, sem pensar, envolvi meu braço em torno do ombro de Teshigawara.

— H-Hey, não fique tão perto!

Ele estava vermelho até os ouvidos. "Ooh o Tesshi está corando, hm?" Ele riu com para o rosto de baixo. Parece que Mitsuha estava indo melhor do que **eu** pensava. Empurrei meu corpo contra o dele mais um pouco. Nós dois estávamos sentados em um velho sofá, com Teshigawara bem contra a parede, então não havia para onde correr.

— Ei, Mitsuha, pare! — Teshigawara torceu seu corpo em resistência. Ele é um cara, afinal. Bem, **eu** também sou. De repente, ele subiu na parte de trás do sofá e gritou: — Pare! Não é bom ter um filho antes do casamento!

— Huh... — Olhando para cima, vi que estava vermelho até o topo de sua cabeça raspada, suor escorrendo de seu rosto, parecia que ele estava prestes a chorar. — Hahaha! Tesshi...

Incapaz de me conter, caí em gargalhadas. Esse cara era definitivamente alguém que **eu** poderia confiar. Sempre tinha pensado nele como um amigo, mas agora percebi que queria conhecê-lo pessoalmente, com meu corpo e conversar. **Eu**, Mitsuha, Teshigawara, Saya-chin, Tsukasa, Takagi, Okudera-senpai... se pudéssemos estar todos juntos, sem dúvida seria divertido.

— Desculpe, Tesshi. Estava tão animada por você ter acreditado em mim. — Falei ao Teshigawara de mau humor, tentando segurar o riso. — Você pode me ajudar com o resto do plano de evacuação?

Ainda com o rosto vermelho, Teshigawara assentiu seriamente.

Quando tudo isso acabar, vou visitar esse cara também, pensei comigo mesmo.

✧ ✧ ✧

— BB-Bomba!? — gritou Saya-chin enquanto comia um bolinho.

— Bem, para ser preciso, gel explosivo. Tipo dinamite. — Teshigawara, enchendo batatas fritas em sua boca, explicou orgulhosamente.

Enquanto isso, **eu** estava comendo meu lanche, Marble Chocolate. Espalhado sobre a mesa estava a grande quantidade de comida que Saya-chin comprou na loja de conveniência. Parecia uma festa. E enquanto nós saboreávamos a nossa comida, Teshigawara e **eu** explicamos o nosso plano de evacuação cuidadosamente concebido para Saya-chin usando o mapa na nossa frente. Uma música de suspense seria perfeito como plano de fundo para a nossa estratégia.

Depois de beber 500mL de café com leite, Teshigawara continuou. — Há uma tonelada de explosivos no armazém da empresa do meu pai para uso em construção. Nós não temos que nos preocupar se alguém nos ver, então podemos levar o quanto quisermos.

— E em seguida — disse ao pegar um pão de melão. Estava realmente com fome por algum motivo, e acima de tudo, qualquer coisa que **eu** comia, enquanto estava no corpo de Mitsuha parecia excepcionalmente bom.

— S-sequestrar? — Saya-chin gritou novamente em descrença.

Teshigawara explicou, dessa vez enquanto comia pão de curry. — Da forma como o sistema de desastre sem fio da vila é configurado, é fácil controlar se você conhece as frequências corretas. Os alto-falantes ativam apenas detectam uma certa frequência sobreposta à sua voz.

Assenti com o meu pão de melão em uma mão. — Então, basicamente, podemos enviar instruções de evacuação de toda a cidade a partir da sala de radiodifusão da escola. — Apontando para o mapa, que apontou para o círculo desenhado, representando uma área de cerca de 1,2 km de diâmetro centrado no Santuário Miyamizu. — Esta é a zona de explosão esperada do meteorito. O colégio é aqui fora. — Apontei a posição do Colégio Itomori no mapa. — Assim nós podemos fazer do campus nosso local de evacuação.

— Isso... — Saya-chin começou a falar. — Isso faz de nós criminosos! — Ela reclamou enquanto mastigava o último morango em sua boca.

— Se nós não cometermos um crime não seremos capazes de tirar as pessoas desta zona — respondi friamente, tirando os chocolates espalhados

sobre o mapa. Criminosos ou não, nós só tínhamos que tirar as pessoas de dentro deste círculo até hoje à noite.

— Mitsuha, é como se você fosse uma pessoa diferente...

Eu ri e dei uma grande mordida no meu pão de melão. Sempre que estou neste corpo meu discurso se torna um pouco mais feminino, mas já tinha desistido de tentar copiar o comportamento de Mitsuha há muito tempo. Enquanto eles estivessem seguros, nada mais importava. Enquanto eles vivessem, todo o resto se resolveria.

— Oh, a propósito, você vai fazer a transmissão, Saya-chin — informei a ela com um sorriso.

— Porque eu!?

— Você está no clube de radiodifusão, não é?

— Além disso, sua irmã transmite para a prefeitura. Apenas pergunte casualmente quais as frequências do sistema — acrescentou Teshigawara.

— Ehhh!?

Ignorando os protestos de Saya-chin, Teshigawara apontou para si mesmo alegremente. — E eu estou no comando dos explosivos!

— E, finalmente, preciso ir me encontrar com o prefeito — disse, apontando para mim.

Teshigawara explicou mais uma vez à Saya-chin muda. — Provavelmente poderemos iniciar a evacuação, mas no fim a única maneira de fazer com que todos os 188 domicílios sejam evacuados é fazer com que os oficiais da cidade e o corpo de bombeiros ajudem.

— É por isso que temos que convencer o prefeito — **eu** disse. — Se **eu** fizer isso direito, tenho certeza que ele vai ouvir a sua própria filha.

Teshigawara cruzou os braços e assentiu repetidamente, elogiando seu próprio plano perfeito. **Eu** sentia o mesmo. Embora possa parecer um pouco exagerado, não conseguia ver nenhuma outra maneira.

— Ah... — Saya-chin olhou para nós. Se ela ficou impressionada com o nosso plano ou espantada com a nossa estupidez, ou ambos, **eu** não sabia dizer. — Bem, parece que vocês pensaram em tudo isso... mas isso é apenas uma hipótese, certo?

— Eh? — Sua pergunta totalmente inesperada me deixou sem palavras. — Ah... não é hipotético, está mais para... — Se Saya-chin não estivesse a bordo, todo esse plano iria desmoronar. **Eu** procurava as palavras certas.

— Olhe para isto! — Gritou Teshigawara de repente, estendendo o celular. — Você sabe como o Lago Itomori foi formado?

Saya-chin e **eu** olhamos para a tela. No que parecia ser o site oficial da vila, um grande título dizia "Origem do Lago Itomori". Junto com ele estava a frase "O lago do meteorito de 1200 anos atrás" e "extremamente raro no Japão".

— Lago do meteorito! Pelo menos uma vez, um meteorito já caiu sobre esta cidade!

Ouvir Teshigawara dizer essas palavras fizeram com que algo se ligasse na minha cabeça. Antes que **eu** entendesse completamente o que era, minha boca já estava em movimento. — É-é isso! É por isso...

É por isso que havia uma imagem de um cometa lá atrás. Tudo ficou claro para mim. O cometa de Tiamat, que vem a cada 1200 anos. O lago Itomori foi formado por um impacto do meteorito há 1200 anos. Um meteorito vem a cada 1200 anos com o cometa. O desastre é previsível e, portanto, evitável. Essa foto era um aviso. Senti como se tivesse acabado de ganhar um aliado inimaginável. Minha excitação me fez incapaz de ficar quieto. Tudo, tudo estava em andamento há mais de mil anos!

— Boa, Tesshi! — Estendi minha mão que Teshigawara apertou com uma alegria entusiasta. Isso poderia funcionar. Isso funcionaria!

— Vamos fazê-lo pessoal! — Teshigawara e **eu** nos viramos para Saya-chin em uma harmonia tão grande que nossa saliva voou por toda parte.

✧ ✧ ✧

— ...Do que você está falando?

Uma voz áspera, como a sensação de cortar papelão grosso com uma tesoura. **Eu** estava realmente começando a entrar em pânico. Em uma tentativa de evitar ser esmagado, levantei minha voz.

— Estou dizendo que devemos evacuar as pessoas apenas no caso–

— Fique quieta por um segundo.

Ele disse aquelas palavras em um tom normal, mas elas tinham força suficiente para me calar imediatamente. O pai de Mitsuha, o prefeito Miyamizu, fechou os olhos e se recostou na cadeira de couro do seu escritório, parecendo bastante irritado. Enquanto se movia, o couro fez um som rangendo. Depois de um momento, ele respirou fundo e olhou para fora da janela. As folhas tremiam nos raios brilhantes do sol da tarde.

— Um cometa se partirá em dois e cairá nesta cidade? Mais de quinhentas pessoas podem morrer?

Ele passou um tempo batendo seus dedos na mesa antes de finalmente se virar para mim. O suor escorria do lado abaixo dos meus joelhos. Aparentemente, quando Mitsuha está nervosa ela transpira.

— **Eu** sei que é difícil de acreditar, mas tenho evid–

— Como você se atreve a desperdiçar meu tempo com essas tolices! — Ele gritou de repente. — Acho que os delírios correm pelo sangue da família Miyamizu. — Franzindo o cenho, o prefeito murmurou baixinho, como se falasse sozinho. Então, lançou um olhar penetrante diretamente em meus olhos e disse — Se você está falando sério, então deve estar louca.

— O qu–

Eu não consegui falar. Nem uma única gota de toda a confiança que **eu** tinha apenas trinta minutos atrás na nossa reunião de estratégia permaneceu. A ansiedade de entrar em território desconhecido sem um plano foi piorando. Espere. Esta não é uma ilusão, e não sou louco. **Eu**–

— Vou arranjar um carro. — A voz do prefeito repentinamente se tornou cheia de preocupação e, enquanto discava alguém em seu telefone, ele disse — Procure um médico no hospital da cidade. Depois disso, se você ainda tem algo a dizer, podemos conversar. "

Essas palavras me deram um grande desconforto. Ele estava realmente me tratando, sua própria filha, como um louco. Quando percebi, todo o meu corpo ficou frio como se tivesse congelado. Apenas minha cabeça ficou cada vez mais quente, como se algo tivesse acabado de se inflamar: raiva.

— Não me venha com essa estupidez!

Eu gritei. Os olhos do prefeito se abriram. Antes que percebesse, **eu** o agarrava pela gravata. O telefone caiu ao lado da mesa, continuando a fazer um som de toque fraco.

— Ah...

Afrouxei meu aperto. Lentamente, nossos rostos se separaram. A boca do prefeito permaneceu aberta, tremendo ligeiramente de surpresa ou perplexidade. Nós não paramos de nos encarar. Cada poro no meu corpo tinha começado a suar.

— ...Mitsuha. — Finalmente, ele falou. — ...Não ...Quem é você?

Essas palavras permaneceram para sempre em meus ouvidos com uma sensação desagradável, como se um pequeno inseto tivesse entrado com o vento e ficado preso.

✧ ✧ ✧

Eu podia ouvir o toque fraco de um martelo vindo de algum lugar. Durante este tempo, o intervalo entre o meio-dia e o crepúsculo, o extremo silêncio da cidade faz com que até mesmo os mais distantes ruídos sejam audíveis. *Clang, clang*. Enquanto caminhava com vista para o lago, vi pregos sendo martelados em um pedaço de madeira grossa para justificar o barulho. Pregos de ferro, sendo empurrado para dentro de buracos escuros e estreitos na madeira, apenas para enferrujarem lentamente. Eles provavelmente estavam se preparando para o festival do outono no Santuário Miyamizu, pensei enquanto olhava para as lanternas de madeira revestindo as estradas.

— Até mais.

Ouvi a voz de uma criança. Olhando para frente, vi três crianças com mochilas acenando para outra no topo da colina.

— Sim, vejo você no festival.

— Na frente do santuário.

Depois de se despedir com seu amigo, um menino e uma menina vieram em minha direção, ambos com a mesma idade de Yotsuha.

...O Santuário. O lugar do impacto.

— Não vão para lá! — Quando o menino passou por mim, o agarrei pelo ombro. — Fuja da cidade! Diga aos seus amigos também!

O medo começou a aparecer no rosto dele. — Quem é você?

Enquanto ele afasta os meus braços tanto quanto podia, voltei aos meus sentidos.

— Onee-chan!

Yotsuha veio correndo com um olhar preocupado. Os outros dois filhos correram para ele. Isso não é bom. Sou apenas alguém suspeito.

— Onee-chan, o que você fez com eles!? — Yotsuha perguntou enquanto agarrava meus dois braços.

...Mas o que deveria fazer?

Olhei para o rosto de Yotsuha. Aguardei minha resposta inquieto. Se Mitsuha estivesse aqui...

— Se Mitsuha estivesse aqui... ela poderia tê-lo persuadido? Tudo deu errado por minha causa? — Ignorando olhares perplexos de Yotsuha, **eu** continuei. — Yotsuha. Antes do crepúsculo, pegue a vovó e saia da aldeia.

— Eh?

— Se você ficar aqui, você vai morrer!

— Eeeh? Onee-chan, do que você está falando? — Yotsuha levantou a voz, como se tentasse desesperadamente repelir minhas palavras. — Se controla! — Os olhos dela começaram a umedecer. Ela estava assustada. Olhando em meus olhos, se esticando o mais alto que podia, ela disse — De repente, foi para Tóquio ontem... Onee-chan, você está tão estranha ultimamente!

— Eh... — Uma onda de inquietação caiu sobre mim. Tóquio...? — Yotsuha, você acabou de dizer Tóquio?

— Heey, Mitsuha!

A voz de Saya-chin. Olhando por cima, vi Saya-chin na parte traseira da moto de Teshigawara, acenando para mim. Com um som de derrapagem no asfalto, eles pararam.

— Como foi a conversa com o seu pai? —Teshigawara perguntou ansioso.

Não podia responder. Estava completamente perdido. **Eu** não sabia mais o que pensar. O prefeito não acreditou na minha história. Além disso, ele perguntou a sua própria filha "quem é você?". **Eu** o fiz perguntar isso. Será

que falhamos porque **eu** estou no corpo de Mitsuha? Onde está Mitsuha agora? De acordo com Yotsuha, ela foi para Tóquio ontem. Por quê? Quando, exatamente, foi ontem?

— Mitsuha? — Teshigawara interrogou suspeito.

— O que aconteceu com sua irmã? — Perguntou Sayaka a Yotsuha.

Onde está Mitsuha? Onde **eu** estou?

...E se.

Olhei para cima. Além do mar de casas, contornos e montanhas empilhados em cima uns dos outros. Além disso, ficava a crista de uma única montanha, obscurecida por uma neblina azul e nebulosa. A montanha que **eu** subi. O *shintai* no cume. O lugar onde bebi o *kuchikamisake*. Uma brisa fresca soprou do lago, sacudindo o cabelo curto de Mitsuha. As mechas acariciavam delicadamente minhas bochechas, como a ponta dos dedos de outra pessoa.

— Ela está... lá? — **Eu** murmurei.

— Hã? O quê, o quê? O que há por lá?

Yotsuha, Saya-chin, e Teshigawara todos seguiram meu olhar. Mitsuha, se você estiver lá–

— Tesshi, me dá sua bicicleta!

Sem dar a chance de me responder, agarrei o guidão, montei na sela, e pedalei.

— O quê, ei Mitsuha!

O assento estava muito alto. Pedalando em pé, corri até a colina.

— Mitsuha, e o plano!? — Teshigawara gritou.

— Faça tudo de acordo com o plano! Estou contando com você!

Meus gritos ecoaram por toda a cidade tranquila. A voz de Mitsuha, saindo do seu corpo, refletida nas montanhas e no lago, preenchendo o ar por um momento. Como se estivesse tentando perseguir essa voz, pedalei tão rápido quanto conseguia.

✧ ✧ ✧

Alguém está batendo na minha bochecha. O toque é suave, usando apenas a ponta do dedo médio, de modo a não me machucar. A ponta do dedo está muito fria, como se tivesse segurado gelo há apenas alguns segundos. Quem no mundo está fazendo isso comigo em meu sono?

Eu acordo.

Hã?

Escuridão. Ainda é noite?

Alguém tocou minha bochecha de novo. Não, era água o tempo todo. Gotículas de água caíam em meu rosto. Sentada, *eu* finalmente percebi.

— ...*Eu* sou Taki-kun! — Disse em voz alta.

Depois de subir a escada de pedra estreita, sou recebida pelos raios penetrantes do sol da tarde. Os olhos de Taki-kun começaram a lacrimejar, talvez porque ele estivesse na escuridão por um longo tempo. Saindo dali confirmo minha suspeita: *eu* estava no *shintai* no topo montanha.

Por que Taki-kun estava aqui?

Confuso, deixo a sombra da árvore colossal e começo a vagar ao redor. Taki-kun usava uma jaqueta grossa e sapatos de caminhada com um grosso solado de borracha. Deve ter chovido recentemente. O solo era macio e úmido, gotas de água pontilhavam a grama. No entanto, o céu era azul claro. Nuvens finas cintilavam com a luz dourada enquanto o vento as carregava.

E, ao contrário do céu, minha memória era nebulosa. Cheguei na parte inferior da borda da depressão, ainda sem me lembrar de nada. Olhei para cima da colina. Agora, estou de pé em uma depressão parecida com uma grande caldeira. Se subir até lá, vou estar no cume da montanha. Comecei a subir. Enquanto subia, percorri minha memória. Tentava recordar o que *eu* estava fazendo antes. Por fim, agarrei os primeiros fragmentos.

Matsuribayashi[20]. *Yukata*. Meu rosto e cabelo curto refletido no espelho.

...Isso mesmo.

Ontem foi o festival de outono e *eu* saí com Tesshi e Saya-chin em um *yukata*. Era o dia em que o cometa deveria estar mais brilhante, por isso

[20] Tipo de música tocada em festivais tradicionais.

queríamos vê-lo juntos. Sim, está certo. Por algum motivo, parecia uma lembrança de muito tempo no passado, mas isso foi ontem.

Tesshi e Saya-chin ficaram bastante surpresos com meu novo penteado. Tesshi tinha a boca tão aberta que quase fez um barulho. Eles estavam tão chocados que quase me senti mal por eles. Por todo o caminho até o nosso ponto de observação, eles sussurraram coisas como "talvez seja um coração partido depois de tudo" e "que tipo de suposição é essa... o que você é, um homem velho da *Showa*[21]?" fofocando pelas minhas costas.

Quando chegamos ao topo e viramos a curva final, em nossa frente estava o céu noturno, um cometa gigante apareceu de repente. A cauda atrás dele brilhava com um verde esmeralda deslumbrante, a frente era mais radiante do que a lua. Se focasse meus olhos, *eu* podia ver as partículas finas de poeira dançando em torno dele. Nós três esquecemos completamente a conversa e simplesmente olhamos para o espetáculo, completamente enfeitiçados.

Em algum momento, percebi que a cabeça do cometa tinha se partido em dois. Dos dois gigantescos e brilhantes pedaços, um deles parecia continuar se aproximando cada vez mais. Depois de um tempo, finas estrelas cadentes começaram a brilhar enquanto voavam ao lado da cabeça. Era como se as estrelas estivessem chovendo do céu. Ou não *como se*. Naquela noite, as estrelas *realmente* choviam do céu. O céu noturno tinha uma beleza incrível, como a cena de um sonho.

Finalmente, cheguei no topo da encosta. O vento frio tocou em minha pele enquanto soprava. Abaixo dos meus olhos, as nuvens se espalhavam por todos os lados, formando um tapete cintilante no céu. E embaixo, a sombra azul do lago Itomori.

Hã?

Isso está estranho.

Eu tremia muito, como se estivesse cercada por um bloco de gelo.

Em algum lugar ao longo do caminho, comecei a ficar com medo.

Eu estava tão assustada, ansiosa, desesperada, sem esperança de que senti que algo poderia acontecer com a minha cabeça. O suor frio saiu da minha pele, como se uma rolha estivesse solta.

---

[21] Era Showa é o período da história do Japão de dezembro de 1926 janeiro de 1989

E se.

Eu podia estar ficando louca. *Eu* podia ter enlouquecido há algum tempo sem perceber.

Assustada. Assustada. Tentei gritar, mas a única coisa que saiu da minha garganta era ar pegajoso. Contra minha vontade, minhas sobrancelhas começaram a se abrir. Meus olhos secos não podiam fazer nada, mas continuavam a olhar fixamente para o lago. *Eu* sabia. *Eu* percebi.

A Vila Itomori tinha desaparecido.

O Lago Itomori era um novo lago redondo e maior.

Era óbvio que isso iria acontecer, alguma parte dentro de mim pensava. Se algo assim caiu. Um pedaço de pedra tão quente e enorme.

Isso mesmo.

Naquele momento, *eu*.

Como se minhas juntas tivessem se quebrado, de repente caí de joelhos.

Eu... naquele momento.

O ar que saiu da minha garganta mal se tornou um som.

— ...Naquele momento, *eu*...

De repente, as lembranças de Taki-kun me inundaram. O desastre do cometa que destruiu uma aldeia. Taki-kun, que viveu em Tóquio três anos no futuro. No momento em que comecei a troca, *eu* já tinha partido. A noite as estrelas choveram do céu. Naquele momento, *eu*...

— Morri...

✧ ✧ ✧

Onde residem as memórias?

Na rede de sinapses do cérebro? Os nossos globos oculares, as pontas dos dedos também contêm memórias? Ou há um agrupamento invisível, sem forma, em algum lugar que as detém? Algo como o que as pessoas chamam de coração, mente ou alma. Você pode removê-los, como um cartão de memória?

Há pouco tempo, o asfalto tinha terminado, me deixando a pedalar por um caminho de montanha não pavimentada. O sol, que já estava baixo, piscava de um lado para outro nos espaços estreitos entre as densas árvores. O corpo de Mitsuha emitia um fluxo interminável de suor, fazendo com que suas franjas se prendessem à testa. Enquanto **eu** pedalava, afastava meu cabelo e o suor.

A alma de Mitsuha. Deve estar dentro do meu corpo. E minha alma está aqui, dentro do de Mitsuha.

Mas mesmo agora, estamos juntos.

Mitsuha, ou pelo menos os fragmentos de seu espírito, estão aqui. Por exemplo, as pontas dos dedos de Mitsuha memorizaram a forma e as texturas de seu uniforme escolar. Quando coloco o uniforme, ele se sente natural. Quando os olhos de Mitsuha encontram um amigo, eles ficam aliviados. Felizes. Posso dizer de quem a Mitsuha gosta e de quem ela não gosta apenas com essa sensação. Quando olho para a vovó, memórias que **eu** não devia saber flutuam pela minha cabeça, como um filme que está passando em um projetor meio quebrado. Corpo, memória e emoção estão inseparavelmente ligados.

Taki-kun.

Ouço a voz de Mitsuha vindo de algum lugar dentro do meu corpo.

Taki-kun. Taki-kun.

A voz dela tinha um forte tom de urgência, como se estivesse a ponto de chorar. Tremia, como o brilho solitário de uma estrela distante.

A imagem borrada começou a tomar forma.

Taki-kun, Mitsuha chamou.

— Você não... se lembra de mim?

E então me lembro de tudo: as memórias de Mitsuha daquele dia.

✧ ✧ ✧

Naquele dia, Mitsuha faltou a escola e pegou um trem.

Seu primeiro destino: uma grande estação que tinha conexões da linha de Shinkansen para Tóquio. Os trens locais estavam vazios, apesar de ser a hora do rush na manhã.

— *Eu* estou indo para Tóquio rapidinho.

Depois de sair de casa pela manhã, no caminho para a escola, disse isso de repente para Yotsuha.

— Ehh? Agora? Por que!? — Yotsuha, em estado de choque, perguntou.

— Umm... um encontro?

— Eh! Você tem um namorado em Tóquio!?

— Umm... não é o *meu* encontro... — Não foi possível dar uma boa explicação, Mitsuha começou a correr. — Vou estar de volta à noite, então não se preocupe!

Olhando a paisagem voando pelas janelas do Shinkansen, Mitsuha pensou. O que *eu* quero fazer indo para o encontro de Taki-kun e Okudera-senpai? É claro que nós três não podemos simplesmente sair juntos. Em primeiro lugar, nunca fui a Tóquio antes, então vou mesmo ser capaz de encontrar Taki-kun? Mesmo que o encontre, talvez que seja estranho ir de repente falar com ele. Ele ficaria surpreso? Irritado?

Ignorando os problemas de Mitsuha, o Shinkansen deslizava suavemente para a estação de Tóquio. Lutando para não ser varrida pela multidão de pessoas, Mitsuha tentou me ligar. *O número de telefone que você ligou está fora de área ou desligado...* Ela desligou. Como esperado, não funcionou.

Eu nunca vou encontrá-lo, ela pensou.

Ainda assim, ela tentou ao máximo, estudou o mapa da área circundante como se fosse uma questão em um teste antes de sair pela cidade.

Mas, pensou, se *eu* o encontrar...

Ela andou pela Linha Yamanote. No ônibus da cidade. De pé. Pelos trens novamente. Caminhou novamente.

O que *eu* deveria fazer? Talvez *eu* seja mesmo um incômodo. Provavelmente seria desajeitado... ou talvez–

Uma televisão nas ruas exibiu as palavras "Cometa de Tiamat: Passagem mais próxima amanhã".

Ou talvez, se nos encontrarmos, talvez, apenas talvez...

Cansada de andar, Mitsuha parou em uma passarela e olhou fixamente para todos os edifícios brilhantes enquanto pensou, ou melhor, rezou.

Se nos encontrarmos, talvez Taki-kun fique pelo menos um pouco feliz.

Mitsuha saiu novamente e pensou um pouco mais.

Se *eu* continuar andando por aí sem rumo desse jeito, não vou ter nenhuma chance de encontra-lo. Não haverá nenhuma probabilidade de encontrá-lo, mas uma coisa *eu* sei com certeza. Se nos encontrarmos, saberemos imediatamente. Você era o único dentro de mim. E *eu* era a única dentro de você.

Disso ela estava absolutamente convencida, como um simples problema de adição que qualquer um tem 100% de chance de acertar.

O sol do entardecer, parecido com uma lanterna, visível através das aberturas do telhado da estação de trem, afundava cada vez mais. Mitsuha estava sentada em um banco, descansando seus pés doloridos. A luz do sol, muito mais fraca do que na Vila Itomori, refletiu nebulosamente em seus olhos. Um toque musical soou, seguido por uma voz automatizada: *em breve, um trem local para Chiba chegará à quarta linha*. Um trem amarelo deslizou para uma parada na frente da plataforma. O leve vento causado pela sua chegada sacudiu suavemente os cabelos de Mitsuha. Ela olhou inexpressivamente para as janelas do trem.

De repente, engoliu em seco.

Ela se agitou.

Em uma das janelas que acabou de passar, ele estava lá.

Mitsuha disparou a correr. O trem parou, e ela logo alcançou aquela janela. Tinha dificuldade em vê-lo entre as multidões. Com um barulho como o exalar de um gigante, as portas se abriram. Ela hesitou por um momento com as ondas de pessoas saindo do trem, mas logo reuniu a determinação e se empurrou através das massas, o suor molhando a parte de baixo de seus joelhos enquanto ela seguia. Como a respiração de outro gigante, as portas se fecharam. O trem partiu em movimento. Mitsuha

avançou lentamente, murmurando repetidamente “desculpa”. Então, finalmente, ela parou na frente de um garoto. Todo o barulho parecia desaparecer ao seu redor.

Diante de seus olhos estava o **eu** de três anos atrás, ainda um estudante da escola secundária.

✧ ✧ ✧

Eu não posso ir mais longe de bicicleta.

Assim que esse pensamento passou pela minha mente, a roda da frente bateu em uma raiz e derrapou fora de controle. Instintivamente, agarrei um tronco de árvore nas proximidades, a bicicleta caiu para longe do meu corpo, no chão a cerca de três metros abaixo com um estrondo. As rodas estavam todas amassadas. Desculpe, Teshigawara, murmurei enquanto comecei a correr pelo caminho.

Por que **eu** esqueci? Por que não pude me lembrar todo esse tempo?

Enquanto corri, me concentrei nas memórias brotando dentro de mim.

Mitsuha. Três anos atrás, naquele dia, você–

✧ ✧ ✧

Taki-kun. Taki-kun. Taki-kun.

Mitsuha repetiu meu nome silenciosamente para si mesma. Ela não sabia como se aproximar de mim, que estava sentado bem na frente dela, mas ainda não conseguiu perceber. Com que tipo de expressão ela deveria se aproximar? Ela pensou e pensou com uma seriedade desesperada. E então, colocando seu melhor sorriso, ela falou.

— Taki-kun.

Aquele **eu**, surpreso em ter seu nome chamado do nada, olhou para cima. Éramos quase da mesma altura. Em frente a meus olhos estavam outro par, abertos e começando a chorar.

— Hã?

— Hum, *eu*...

Mantendo seu sorriso desesperado, Mitsuha apontou para si mesma. Continuei confuso.

— Eh?

— ...Você não... se lembra de mim?

— ...Quem é você?

Um fraco grito escapou de seus lábios. Seu rosto ficou vermelho. Ela olhou para baixo e, em uma voz quase inaudível, murmurou:

— Ah... desculpe...

O trem tremia violentamente. Todos os outros passageiros conseguiam manter o equilíbrio, mas Mitsuha sozinha tropeçou e caiu em mim. Seu cabelo entrou em contato com meu nariz, transmitindo um fraco cheiro de xampu. *Desculpe*, ela murmurou novamente. Que garota estranha, meu antigo **eu** pensou. Mitsuha desesperadamente atormentou sua mente, que que estava um caos. Você é Taki-kun, então por quê? Por que você não me reconhece? Um silêncio constrangedor caiu entre nós.

A próxima estação é Yotsuya, disse o locutor, e Mitsuha se sentiu um pouco aliviada, mas incrivelmente triste ao mesmo tempo. Mas não podia mais ficar ali. As portas se abriram, e Mitsuha desembarcou do trem junto com os outros. A observando se mover para mais e mais longe, um pensamento me ocorreu de repente. Esta menina alguém que **eu** deveria conhecer? Movido por um impulso inexplicável, mas muito intenso, gritei:

— Espere! Seu nome?

Mitsuha se virou, mas as ondas de pessoas continuaram a levá-la mais longe. Ela desfez o *kumihimo* que amarrava seu cabelo, o estendeu para mim e então gritou.

— Mitsuha!

Instintivamente, estendi a minha mão. A corda era de um laranja vívido, como os raios do sol poente brilhando no vagão do trem escuro. Empurrei meu corpo pela multidão e agarrei ele com firmeza.

— Meu nome... é Mitsuha!

✧ ✧ ✧

Naquele dia há três anos. Você veio me encontrar.

Eu finalmente percebi isso.

Uma estranha falou comigo no trem. Esse tempo todo, tinha deixado isso de lado considerando apenas uma ocorrência ligeiramente anormal. Mas Mitsuha tinha se aproximado de mim naquele dia com um turbilhão de emoções em seu coração. Ela voltou para casa na sua aldeia profundamente machucada, fazendo com que ela até cortasse seu cabelo.

Meu peito se apertou. Não havia nada que **eu** pudesse fazer sobre isso agora. Simplesmente corri e corri como um louco. Suor e sujeira acariciaram meu rosto e meu corpo. De repente, as árvores ao meu redor foram substituídas por rochas cobertas de musgo, e abaixo dos meus olhos as nuvens se espalharam como um tapete dourado no céu.

Finalmente tinha chegado ao cume.

Eu respirei o ar frio profundamente. Então, como se expelisse todos os pensamentos e emoções que brotaram dentro de mim, gritei com todas as minhas forças.

— Mitsuhaaa!!

Ouço uma voz.

Me levantando, examino a área circundante.

Eu estava em pé no campo de rochas que circundava a depressão dentro da qual o *shintai* estava. O sol do sol se pondo alongou as sombras de tudo o que estava no topo da montanha. O mundo estava temporariamente dividido em luz e sombra. Mas a figura de uma pessoa não residia em nenhum desses reinos.

— ...Taki-kun? — *Eu* sussurrei. Em seguida, respirei profundamente o ar frio, *eu* gritei. — Taki-kuun!

Eu a ouvi.

Ela está aqui. Mitsuha está aqui.

Eu disparei acorrer, subindo a ladeira até que estava na borda da caldeira. **Eu** olhei ao redor, mas não encontrei ninguém. Ela tinha que estar em algum lugar. Podia sentir isso. **Eu** gritei.

— Mitsuhaaa! Você está aqui, não está? No meu corpo!

É o Taki-kun!

Eu estava certa disso. *Eu* gritei para o céu.

— Taki-kun! Onde você está!? *Eu* ouço a sua voz!

Eu comecei a correr ao longo da borda da caldeira.

A voz dela. **Eu** ouvi a voz dela, mas nada além disso.

Essa voz, minha voz e a voz de Mitsuha, ao mesmo tempo, vibravam fisicamente o ar, ou só ressoavam com a minha alma? **Eu** não sabia. Estávamos no mesmo lugar, mas a três anos de distância.

— Mitsuha, onde você está!?

Mas ainda assim, **eu** gritei. **Eu** não podia deixar de gritar. Se **eu** continuar correndo pela borda da caldeira–

Então, eventualmente, *eu* vou chegar até Taki-kun. Essa ilusão guiava meus passos.

Ah!

Eu soltei um gritinho, então parei.

Eu parei, então me virei apressadamente.

Neste momento, nós passamos um pelo outro.

Eu posso sentir uma presença quente em algum lugar bem na minha frente. Meu coração começou a bater loucamente.

Eu não posso vê-lo, mas Taki-kun está logo ali. *Eu* tenho certeza disso.

Meu coração começou a bater fora de controle.

Ele está aqui. *Eu* estendi minha mão.

Ela está aqui. **Eu** estendi minha mão.

Meu dedo toca apenas o ar.

— ...Mitsuha?

I esperou pela resposta dela, mas ela nunca veio.

Talvez seja impossível afinal. Não podemos nos encontrar. Uma última vez, **eu** olhei ao redor, apenas para confirmar que estava no topo da montanha sozinho. **Eu** soltei um suspiro de desespero.

Uma súbita rajada de vento levantou meu cabelo. Meu suor tinha secado há algum tempo. A temperatura parecia cair abruptamente. **Eu** olhei para o sol e descobri que ele tinha se afundado atrás de uma nuvem. Liberados dos últimos resquícios da luz do dia, os reinos da luz e da sombra começaram a se fundir. As silhuetas do mundo começaram a borrar. O céu ainda mantinha um pouco do seu brilho antigo, mas o chão já estava completamente envolto em sombras fracas. Somente uma luz indireta escura, rosada permaneceu em torno de mim.

Está certo. Este período de tempo tem um nome. *Tasogare. Tasokare. Kawatare*. Um momento em que silhuetas começam a borrar, e você pode encontrar coisas que não são deste mundo. Uma palavra antiga.

— *Katawaredoki*.

Nossas vozes se sobrepunham.

Poderia ser...

Eu tirei meus olhos das nuvens ao longe e olhei para frente.

E lá estava Mitsuha, olhando para mim, a boca e os olhos escancarados.

Ao invés de mostrar surpresa, minha boca lentamente se torceu em um sorriso ao ver sua expressão divertida ainda cativante e estúpida.

— Mitsuha. — *Eu* a chamei, as lágrimas começaram a brotar em seus olhos.

— ...Taki-kun? Taki-kun? Taki-kun? Taki-kun?

Enquanto repetia o meu nome, suas mãos se estendiam para agarrar meus braços. **Eu** sentia a força entre seus dedos.

— ...É Taki-kun!

Ela mal conseguiu falar aquelas palavras. Grandes lágrimas derramavam infinitamente de seus olhos.

Nos encontramos, finalmente. Nós realmente conseguimos. Mitsuha como Mitsuha, e **eu** como **eu** mesmo, encarando um ao outro em nossos próprios corpos. Realmente me senti aliviado. A sensação de conforto no fundo do meu coração, como se tivesse ficado um longo tempo em um país onde **eu** não sabia a língua e, finalmente, voltado para casa. Uma felicidade suave preencheu meu corpo.

— Eu vim te encontrar — disse para a Mitsuha soluçando. Suas lágrimas quase pareciam pequenos mármores transparentes caindo ao redor. **Eu** ri e continuei. — Cara, isso foi difícil! Você sabe o quão distante você estava?

Ela realmente estava distante, mais distante do que qualquer um de nós poderia ter imaginado, no espaço e no tempo. Mitsuha piscou confusa.

— Ah... mas como? Naquela época, *eu*...

— **Eu** bebi seu *kuchikamisake*, — disse, pensando em todos os problemas que **eu** tinha passado.

De repente, as lágrimas de Mitsuha pararam.

— Eh... — Ela estava sem palavras. Bem, acho que faz sentido. — Ah... ah... — Ela lentamente se afastou de mim. — Ah... você bebeu aquilo!?!

— Eh?

— Idiota! Tarado!

— Eh, ehh?!

Seu rosto ficou vermelho vivo, Mitsuha estava aparentemente muito irritada. Por que agora!?

— Sim, está certo! Além disso, você tocou meus peitos, não foi?!

— O que... como você sabe... — Ops.

— Yotsuha viu tudo! — Ela disse com as mãos na cintura, como se estivesse dando bronca em uma criança.

— Ah, foi mal... — Maldita garotinha. Minhas palmas ficaram suadas. Desculpa... preciso de uma desculpa... — Foi apenas uma vez! — Isso não é uma desculpa!

— ...Só uma vez? Hmm...

Hã? Mitsuha parecia estar levando em considerando. Isso significa que apenas uma vez é perdoável? Por um momento, parecia que **eu** consegui escapar, mas Mitsuha logo deu sua conclusão.

— ...Dá no mesmo, não importa quantas vezes você fez isso! Idiota!

Nada de bom, hein. Desistindo, juntei minhas mãos e me curvou em desculpas. Não ia dizer que **eu** realmente fiz isso toda vez que nós trocamos.

— Ahh, isso...

Com uma súbita mudança de humor, Mitsuha apontou para minha mão direita, um olhar surpreso em seu rosto. **Eu** olhei para o meu pulso.

— Ahh, isto.

O *kumihimo*. O que recebi de Mitsuha há três anos. **Eu** desatei o nó, tirei do meu pulso e disse a Mitsuha — Da próxima vez não tente e vir me encontrar antes que **eu** te conheça... como é que **eu** deveria te reconhecer? — Entreguei o cordão para ela, lembrando das suas emoções naquele momento no trem. — **Eu** o tive por três anos. Agora é sua vez.

Mitsuha ergueu os olhos do cordão que ela segurava em suas mãos e respondeu com um alegre aceno de cabeça. Quando ela sorriu, **eu** notei, pela primeira vez. O mundo inteiro parecia estar sorrindo com ela.

Ela embrulhou o *kumihimo* em torno de sua cabeça como uma faixa de cabelo, prendendo com uma pequena mecha acima de sua orelha esquerda. — Como está? — Ela perguntou, corando levemente.

— Ah...

Não ficou muito bom, pensei. Parece um pouco infantil. Bem, em primeiro lugar ela não deveria ter cortado seu cabelo tão curto. Ela não sabe que **eu** gosto de longos cabelos negros? Mas de qualquer forma, até mesmo **eu** sabia que a resposta certa era a elogiá-la. De acordo com as "Dicas de conversação para aqueles que nunca foram populares por um segundo de suas vidas!" o artigo que Mitsuha me enviou, contanto que você continue elogiando uma garota, você vai ficar bem.

— Hm... não está ruim.

— Ei! — A expressão de Mitsuha escureceu. O quê? — Você está pensando que não está muito bom, não é!?

— Ehh! — Como ela sabia!? — Ha... haha... desculpe.

— Hmph!

Ela virou a cabeça com raiva. O quê... falar com garotas é muito difícil...

Então, de repente, Mitsuha caiu em gargalhadas. O que há com essa garota? Chorando, ficando com raiva, e agora rindo? Mas, enquanto a observava, o que quer que se passasse com ela começou a se espalhar para

mim. Cobri o rosto com a mão enquanto comecei a rir descontroladamente. Ela ainda estava rindo histericamente. Por alguma razão, estava começando a se divertir. Nós rimos e rimos juntos, como duas crianças pequenas de pé na borda do mundo em um crepúsculo cintilante.

Lentamente, mas com certeza, a temperatura começou a cair. Lenta mas seguramente, a luz restante tinha começado a desaparecer.

— Ei, Mitsuha. — Quando chamei o nome dela, lembrei desses sentimentos da infância de brincar por longas horas depois da escola antes de ir para casa, apesar de ainda querer brincar com os amigos. — Ainda há algo que precisamos fazer. Ouça.

Expliquei o plano que Teshigawara, Saya-chin e **eu** tivemos. Vendo Mitsuha me escutar com uma expressão tão grave, suspeitei que ela se lembrava. Naquela noite, quando as estrelas caíram e a aldeia desapareceu. Aquele momento em que ela morreu. Se lembrou de tudo. Para Mitsuha, esta noite era uma reconstituição.

— Está aqui — ela disse em uma voz trêmula, olhando para o céu.

Seguindo seu olhar, vi a silhueta fraca do cometa de Tiamat começando a se tornar visível no céu escurecendo.

— Vai ficar tudo bem. Nós podemos fazer isso com o tempo — afirmei, em parte para mim mesmo.

— Vou fazer o que *eu* puder. Ah... o *katawaredoki* já está...

Enquanto ela falava, percebi seu corpo tinha começado a desaparecer.

— Já acabou — **eu** disse. Os últimos vestígios do céu da noite quase desaparecendo do céu. A noite estava quase em cima de nós. Tentando empurrar para baixo a ansiedade que de repente começou a brotar dentro de mim, pus um sorriso e falei com Mitsuha em uma voz tão alegre quanto possível. — Por isso, não se esqueça de nós quando acordar. — **Eu** tinha uma caneta do meu bolso, peguei a mão direita de Mitsuha e escreveu em sua palma. — Vamos escrever os nossos nomes, assim. — Entreguei a Mitsuha a caneta.

— ...Boa ideia!

Ela deu um sorriso, como uma flor desabrochando. Então, depois de mim, ela agarrou minha mão direita e escreveu.

De repente, ouvi um pequeno som ruidoso pelos meus pés.

Olhando para baixo, vi que a caneta havia caído no chão.

— Eh? — Olhei para cima.

Na frente dos meus olhos não havia ninguém.

— Eh....?

Olhei em volta.

— Mitsuha? Ei, Mitsuha?

Levantei minha voz com um grito. Não houve resposta. Começando a entrar em pânico, andei freneticamente. Tudo ao meu redor estava mergulhado numa escuridão negra azulada. Abaixo de mim haviam nuvens planas e escuras e ainda mais na escuridão que ficava o esboço borrado do Lago Itomori.

Mitsuha tinha ido embora.

A noite tinha chegado.

Eu estava de volta ao meu próprio corpo, três anos no futuro.

Olhei para minha mão direita. O *kumihimo* tinha ido embora. Na minha palma havia apenas uma linha simples e fina: o começo de uma palavra que o escritor nunca teve a chance de terminar. Gentilmente toquei meus dedos nessa linha.

— ...**Eu** ia te dizer —disse baixinho. — Não importa onde você esteja no mundo, vou te encontrar novamente.

Olhei para o céu. Não havia nenhum sinal do cometa, apenas algumas estrelas brilhavam no céu noturno.

— Seu nome é Mitsuha. — Tentando reafirmar minha memória, tentando gravar esse nome permanentemente, fechei os olhos. — ...**Eu** me lembro!

Minha confiança aumentou, **eu** reabri os olhos. A meia-lua branca estava distante no céu.

— Mitsuha, Mitsuha... Mitsuha, Mitsuha, Mitsuha. Seu nome é Mitsuha!

Eu gritei o nome dela para a lua.

— Seu nome é...!

De repente, a palavra que queria dizer escapou da minha mente. Alarmado, peguei uma caneta e escrevi a primeira letra do nome que em minha mão. Tentei.

— ...!

Mas depois de desenhar apenas uma linha, minha mão parou. A caneta começou a tremer violentamente. Tentando pará-la, coloquei toda a minha força em meus dedos. Furei minha mão com a caneta, **eu** tentei desesperadamente gravar esse nome. Mas a caneta agora se recusava a mover um milímetro a mais.

— ...Quem é você?

A caneta caiu da minha mão.

Estão desaparecendo. Seu nome. Suas memórias.

— ...Por que estou aqui?

Tentando conectar as peças, tentando reunir os fragmentos que desapareciam da memória, falei em voz alta.

— Estou aqui... **Eu** estou aqui porque vim ao seu encontro! **Eu** vim para te salvar! Porque **eu** queria que ela vivesse!

Se foi. Uma coisa tão importante, foi embora. Tudo se foi.

— Quem? Quem? Quem? Quem...

Tudo tinha desaparecido. Sentimentos e emoções que deveriam estar lá tinham sumido.

— Alguém importante, alguém que não se deve esquecer, alguém que não quero esquecer!

Tanto o desespero quanto o afeto, todos desapareceram. **Eu** nem sabia mais por que estava chorando. Todas as minhas emoções caíram e desapareceram, como um castelo de areia.

— Quem, quem, quem...

Depois que a areia tinha desmoronado, um grão ainda permaneceu. E nesse momento, **eu** sabia seu nome: a solidão. Naquele momento, **eu**

compreendi. Tudo o que **eu** teria que daqui em diante era esta emoção. Carregaria para sempre essa solidão, como uma bagagem pesada alguém me obrigou a levar.

...Está tudo bem, pensei de repente. Se o mundo é um lugar tão cruel, vou desafiá-lo, vivendo em apenas com essa solidão. Vou lutar apenas com essa emoção ao meu lado. Mesmo se estivermos separados, mesmo que nunca possamos nos encontrar de novo, **eu** vou lutar. Nunca vou desistir. Logo, **eu** iria esquecer o fato de que esqueci. Assim, apenas com esse sentimento na mão, gritei uma última vez para o céu noturno.

— Seu nome!?

Minha voz ecoou entre as montanhas quietas. Enquanto continuava fazendo a mesma pergunta ao céu vazio, ela gradualmente se tornava mais suave e macia.

Em pouco tempo, o silêncio.

✧ Luta

Eu corro.

Na estrada escura, enquanto corro para a subestação de Itomori me concentro em dizer seu nome.

Taki-kun, Taki-kun, Taki-kun.

Ok, *eu* me lembro. Nunca vou me esquecer.

Em pouco tempo, pela abertura entre as árvores, as luzes de Itomori começavam a aparecer cintilantes. O festival de outono estava começando lentamente.

Taki-kun, Taki-kun, Taki-kun.

Olhando para o céu, brilhando mais do que nunca, estava o cometa Tiamat desenhando uma longa cauda. Congelando medo, *eu* gritei o nome dele firmemente.

Seu nome, Taki-kun!

O som de uma motocicleta se aproxima, me viro e uma luz forte bate nos meus olhos.

— Tesshi! — Grito enquanto corro em direção a ele.

— Mitsuha! Onde você estava até agora!?

Tesshi me repreendeu. Estava de uniforme escolar com as mangas arregaçadas e um capacete como o dos exploradores de caverna.

— Ele pediu desculpas por ter quebrado sua bicicleta.

— Hã? Quem?

— *Eu*!

Tesshi achou estranho, mas apenas desligou a luz e a moto ficou em silêncio, mas ainda desconfiado disse "Me explique isso mais tarde" com uma voz apressada.

Fora dos limites – Propriedade da Subestação Itomori. A placa se destacava na malha de arame, os transformadores e as torres de aço moldavam a área do complexo. A instalação era autônoma, apenas as luzes vermelhas das máquinas piscavam.

— Isso vai mesmo cair? Sério mesmo?

Tesshi me perguntou olhando para o céu. Estamos em frente a tela da subestação olhando para o cometa reluzente.

— Vai sim. Vi com meus próprios olhos.

Os olhos de Tesshi se estreitam. Mais duas horas até a queda, *eu* não tinha tempo para explicar. Tesshi respirou brevemente e fez uma expressão malvada com um sorriso que parecia o de um criminoso.

— Ha, você viu hein, então não temos escolha a não ser fazer isso.

Quando Tesshi abriu a mochila esportiva vigorosamente, um cilindro como um bastão de corrida empacotado em um papel marrom estava espremido ali. Explosivos. Engoli em seco. Tesshi removeu um grande alicate de corte, colocou a lâmina na corrente que trancava a subestação.

— Se passarmos daqui seremos criminosos.

— Qual é, a responsabilidades é só minha.

— Ahaha! Não posso permitir isso.

Falando como se estivesse com raiva, Tesshi fica um pouco vermelho por alguma razão.

— Com isso somos dois amigos criminosos!

O barulho da corrente se cortando ecoa profundamente na escuridão.

— Se a cidade ficar sem energia, a escola deve trocar imediatamente para o gerador! Assim você pode usar o equipamento de comunicação!

Tesshi gritou pelo celular. Ele estava dirigindo a moto enquanto *eu* me esticava da garupa para colocar o celular na sua orelha. Alguns carros passavam por nós e ao longo da estrada ao entardecer, as luzes das casas começavam a aparecer. Na nossa frente, várias luzes se estendiam pela subida da montanha. Era o local do festival de outono, o santuário Miyamizu. Senti uma estranha e maravilhosa nostalgia como se finalmente tivesse retornado para minha cidade após estar ausente por muito tempo.

— Mitsuha, fala com a Saya-chin no meu lugar.

— Alô, Saya-chin! — Ponho o celular no meu ouvido.

— Ahh~, Mitsuha~! — Saya-chin respondeu com uma voz chorosa. — Eii, eu tenho mesmo que fazer isso~?!

Meu coração doía com essa voz. Acho que *eu* estaria chorando se estivesse no lugar da Saya-chin. Mesmo que fosse pelos meus amigos, definitivamente não seria capaz de invadir a sala de comunicações sozinha à noite.

— Saya-chin, me desculpe, mas obrigado! — Por enquanto só podia dizer isso. — É para salvar muitas pessoas! Se não fizermos isso muita gente vai morrer! Se você começar a transmissão, continue o máximo que puder!

Nenhuma resposta, apenas um som baixo de respiração é ouvido através do celular.

— Saya-chin, ei, Sayaka! — Me sinto insegura, mas de repente escuto uma voz baixa.

— Ooi, me desculpa! Tesshi, você faça sua parte também!

— Agora que ela fala?

Guardei o celular no bolso da minha saia. Para evitar não ser ouvida por causa do barulho do motor, gritei para o Tesshi:

— Faça sua parte também!

— Woo-ho, vamos fazer isso!

No momento em que o Tesshi gritou pareceu ter encoberto algo, um barulho como fogos de artifício soou atrás de nós. Parando a moto, nós

olhamos para trás. Três, dois, um. Os sons dos explosivos ecoam continuamente e uma fumaça negra começa a subir do local onde estivemos a um tempo atrás. Uma grande torre de comunicações começa a se inclinar lentamente.

— Tesshiiii.... — Minha voz tremia.

— Hahah! — A respiração de Tesshi ao rir também está tremendo.

E então, uma grande explosão pôde ser ouvida, as luzes da cidade se apagaram. "Hey", Tesshi fala em uma voz um pouco alta. *Eu* respondo "Nós fizemos isso".

De repente a sirene começa a tocar nos autofalantes da cidade em um volume violentamente alto. Aquele som que se parecia com o grito de um gigante ecoou pela montanha e circulou pela cidade. Saya-chin. Ela tomou o controle do sistema de prevenção de desastres. Ficamos todos em silêncio, inclusive a moto.

Enquanto corríamos para o santuário, a voz de Saya-chin começou a sair dos autofalantes, transmitindo a mensagem como planejado. As lágrimas de um tempo atrás até pareciam uma mentira. Saya-chin falava devagar e calma.

<Aqui é a Prefeitura de Itomori. Uma explosão ocorreu na subestação. Há riscos de maiores explosões e fogo na floresta.>

Tesshi saiu da estrada e seguiu por um caminho estreito na montanha. Por esse caminho, na ladeira que levava ao santuário, é possível chegar nos fundos do pátio principal sem precisar subir a escadaria de pedra. Pulei do assento da moto e ouvi a voz de Saya-chin que ecoava pela cidade. Provavelmente ninguém duvidaria se fosse a voz da sua irmã falando do escritório central.

<Moradores das seguintes áreas, por favor evacuem para o Colégio Itomori. Distrito Kadoiri, distrito Sakagami, distrito Miyamori, distrito Oyazawa...>

— Finalmente, vamos Mitsuha!

— Vamos!

Nós pulamos da moto. Descemos correndo a escada de madeira que levava até os fundos do santuário. Das árvores, dava para ver o teto das barracas do festival, as pessoas andando desnorteadas para direita e para

esquerda pareciam peixes perdidos em um aquário escuro. Continuamos correndo enquanto tirávamos os capacetes.

<Repetindo. Aqui é a Prefeitura de Itomori. Uma explosão ocorreu na subestação. Há riscos de maiores explosões e fogo na floresta...>

Ao descer as escadas, imediatamente foi possível ver a silhueta das pessoas agrupadas na área do festival murmurando perturbadas. Como se estivesse competindo com Tesshi, corremos até elas enquanto gritávamos.

— Fujam daqui! Tem fogo na floresta! É perigoso continuar aqui!

A voz de Tesshi era estupidamente alta, como se falasse por um megafone. Para não ser derrotada levantei ainda mais a minha voz.

— Por favor fujam! Tem fogo na floresta, fujam! — Gritávamos no meio do pátio.

"Tem mesmo fogo na floresta..." "Vamos fugir." "Você vai caminhando até a escola?"

Fluxo de evacuação criado originalmente pelo sistema de prevenção de desastres está aumentando graças a nossa gritaria. Senhores dando as mãos com mulheres de *yukata*, crianças e netos e andando em direção ao *torii* na saída me deixaram aliviada. Talvez possamos conseguir. Graças aquela pessoa... aquela pessoa?

— Mitsuha! — Olho para Tesshi que de repente chama o meu nome. — Assim não vai dar!

Olhando para a mesma direção que ele, vejo várias pessoas sentadas, ajeitando as barracas e outras conversando. Algumas fumando cigarros, bebendo e até mesmo jogando conversa fora.

— Mesmo que o incêndio na floresta seja sério, eles não vão se preocupar tanto, precisamos da equipe de evacuação. Vá falar com o prefeito, quem sabe dessa vez...

A voz impaciente do Tesshi está muito próxima, mas soa tão distante... aquela pessoa?

— Ei, Mitsuha... qual é o problema?

— ...ei, o que *eu* devo fazer? — Não consigo pensar em mais nada e começo a pedir ajuda ao Tesshi. — O nome dele... não consigo me lembrar...

Tesshi ficou perdido por um momento, mas subitamente ele me deu uma bronca.

— E eu que sei, idiota! Foi você que começou tudo isso! — Tesshi me encarava como se estivesse com raiva.

<Por favor, evacuem para o Colégio Itomori.>

Eu ainda conseguia ouvir a voz quase chorosa da Saya-chin.

— Anda Mitsuha, vai! — Tesshi agora falava como se estivesse implorando. — Vai lá e convença seu pai!

— ... Ok! — digo ao me recompor.

✧ ✧ ✧

Era início do outono, **eu** ainda era um estudante da escola secundária.

Estava me acostumando a viver só com o meu pai. Após terminar uma refeição que não era tão deliciosa, meu pai bebia cerveja enquanto **eu** bebia chá. No noticiário só falavam do cometa. **Eu** não tinha muito interesse no universo e nas estrelas. Um evento com uma escala tão diferente dos humanos era algo comum nesse mundo, dar uma volta no sol a cada 1200 anos com um raio de 16,8 bilhões de quilômetros. Mas apesar dessa impressão, **eu** pensava que era algo extremamente assustador que não pude fazer nada para parar de tremer e acalmar meu coração acelerado.

Nossa, vejam! Uma voz excitada fazia o anúncio na tv. O cometa parece ter se dividido em dois... parece que há vários meteoros ao seu redor. Quando a câmera deu um zoom, dava para ver o cometa que havia se dividido e os edifícios de Tóquio ao fundo. Uma cauda fina como a de outro meteoro surgia, uma vista magnífica que atraía os olhos de todos.

✧ ✧ ✧

De repente, o som de uma porta se abrindo pôde ser ouvida no sistema de prevenção de desastres. Escutei um pequeno grito de Saya-chin seguido por várias vozes de homens.

<O quê, você, o que está...> <Anda logo...>

Houve um barulho de uma cadeira caindo e então um ruído quando a transmissão foi encerrada.

— Saya-chin! — Falei preocupada.

Ela foi encontrada pelos professores. Neste mesmo momento, parei na rua ao redor do lago que levava à prefeitura e ao colégio. Muitas das pessoas que estavam evacuando para escola falavam confusas. *"O quê? Então quem era?" "Eh, houve algum tipo de problema." "E a evacuação?"*. Enquanto isso, ouvi novamente uma voz dos autofalantes.

<Aqui é a Prefeitura de Itomori.>

Não era a voz da Saya-chin nem da irmã dela. Era uma transmissão diretamente da prefeitura. Já tinha ouvido falar sobre isso.

<No momento estamos checando a situação do acidente. Por favor não entrem em pânico. Todos continuem onde estão e esperem por instruções.>

Tenho que correr para poder fazer alguma coisa. *Eu* poderia entrar em contato com escola da prefeitura. Os professores provavelmente estão interrogando Saya-chin. Tesshi, estamos com problemas.

<Repetindo. Não entrem em pânico, por favor esperem por instruções.>

Não esperem! Tenho que parar essa transmissão! Me apressei para chegar na prefeitura e peguei um atalho dando saltos para descer a ladeira mais rápido. A vegetação arranha as minhas pernas, teias grudam no meu cabelo e folhas entram na minha boca. Quando finalmente voltei ao asfalto, não havia ninguém ao redor, apenas o sistema de alerta continuava avisando aos moradores para continuarem onde estavam. Depois da corrida *eu* já estava sem força nas pernas, mas mesmo assim corri. Com a descida da rua, minha velocidade não diminuía. Em uma curva fechada, meu corpo se aproximou do corrimão, dali em diante era o lago.

— ...Huh!?

Enquanto corria, olhei com desconforto para o lago que brilhava levemente. Não, não era a água que estava brilhando, a superfície calma estava refletindo o céu como um espelho. Há duas caudas brilhantes refletidas no lago?... Duas? Olho para o céu.

... O outro cometa.

— ... vai cair!

✧ ✧ ✧

Eu troco de canal várias vezes. Todos eles informam o inesperado show celeste com uma conversa animada.

"Certamente se dividiu em dois" "Isso não era previsto, era?" "Mas é uma visão fantástica!" "Pode-se dizer que o núcleo do cometa se partiu?" "O cometa passou do limite de Roche[22]*, então o próprio núcleo deve ter..." "O Observatório Astronômico Nacional ainda não se pronunciou..." "Um caso similar ocorreu em 1994 quando um cometa caiu em Júpiter, ele se dividiu em pelo menos 21 fragmentos..." "Não tem perigo?" "Já que o núcleo é feito de gelo, ele provavelmente vai derreter antes de alcançar a superfície da Terra. Mesmo que fosse rocha pura, as chances de cair em uma área habitada são extremamente baixas..." "Prever a órbita de fragmentos em tempo real é muito difícil." "Testemunhar um evento astronômico tão magnífico durante a noite é uma sorte gigantesca para as pessoas que vivem hoje no Japão."*

— **Eu** vou sair para dar uma olhada. — Instantaneamente me levantei da cadeira, disse ao meu pai e desci correndo as escadas do apartamento.

Olhei para o céu noturno de um dos pontos mais altos da vizinhança. Havia inúmeras luzes brilhantes, como se tivesse outra Tóquio no céu. Como se tirada de um sonho, era simplesmente uma visão que não podia ser descrita com palavras.

✧ ✧ ✧

O cometa se partiu em dois. Me sentia solitária correndo sozinha em uma cidade sem luz com apenas uma coisa na cabeça.

Quem, quem era aquela pessoa?

Enquanto olhava para o cometa, continuei correndo e descendo, pensei desesperadamente.

Alguém importante. Alguém que *eu* não deveria esquecer. Alguém que *eu* não quero esquecer.

Falta pouco para chegar na prefeitura. Falta pouco para o cometa cair.

Quem, quem. Quem é você?

---

[22] Distância mínima que um corpo pode se manter sem começar a desintegrar devido às forças de maré exercidas pela força gravitacional do objeto de maior densidade.

Vou fazer um último esforço. Aumento a velocidade.

Qual é o seu nome?

Escuto uma voz quase inaudível.

Nesse momento um dos meus sapatos ficam presos em uma falha do asfalto e *eu* caio. Há um choque ao me bater contra o chão, meu corpo gira, a dor é penetrante, minha visão perde o foco e a consciência se vai.

.....

.....

A voz dele chega aos meus ouvidos.

"Para não esquecermos um do outro quando acordarmos". Naquela hora você disse "vamos escrever nossos nomes" e escreveu na minha mão.

Abro meus olhos ainda caída. Em meio a dor e tontura está a minha mão direita. Tento abrir meus dedos, entretanto... eles estão rígidos. Mesmo assim, pouco a pouco, abri a minha mão. Havia algumas letras escritas. Tento ler...

Eu te amo

Meu coração parou por um momento. Estou me levantando aos poucos, não tenho mais forças sobrando, então demoro um pouco. Mesmo assim, minhas pernas se levantam mais uma vez. Olho mais uma vez a palma da minha mão. Está escrito com uma caligrafia que vi em algum lugar. Pelo menos acho que vi. Lágrimas começam a cair, minha visão fica turva novamente. É como se uma onda de calor se espalhasse pelo meu corpo junto com a água. *Eu* sorri enquanto chorava. Bom, então, ainda não sei o seu nome.

E de novo, começo a correr a toda velocidade. Não estou mais assustada. Não estou mais sozinha. Porque *eu* entendi. Estou apaixonada. Nós estamos apaixonados. É por isso que vamos nos encontrar de novo, custe o que custar. *Eu* vou viver, mesmo que as estrelas caiam, *eu* vou viver.

✧ ✧ ✧

Ninguém pôde prever que o núcleo do cometa se separaria e que havia uma grande rocha escondida sob a camada de gelo.

Parece que havia um festival de outono na cidade aquele dia. Hora da queda: 20:49. Local do impacto: próximo ao Santuário Miyamizu, que também era palco do festival.

Devido à queda do meteorito, uma grande área ao redor do santuário foi instantaneamente destruída. O diâmetro da cratera formado pelo impacto foi de cerca 1 km. A água do lago fluiu para a cratera e a maioria da cidade morreu no lago. Foi o palco da maior tragédia científica da história da humanidade.

Eu me lembrei desses fatos enquanto olhava o novo lago diante dos meus olhos. A forma como refletia o sol na neblina da manhã era linda. Difícil acreditar que este era o cenário de uma tragédia três anos atrás. De alguma forma era difícil me convencer de que o cometa que vi no céu de Tóquio três anos atrás fez isso.

Estou de pé sozinho no topo da montanha. Já estava lá quando acordei. De repente vejo a palma da minha mão direita, havia uma linha riscada.

— O que é isso...?

Pensei um pouco.

— O que estou fazendo em um lugar desses?

✧ Seu nome

Tenho ganhado alguns hábitos sem perceber.

Por exemplo, tocar o pescoço quando estou estressado. Quando lavo o rosto, olho nos meus olhos refletidos no espelho. Mesmo estando apressado durante a manhã, observo a vista ao sair. E por fim, encaro a palma da minha mão sem nenhum motivo.

<A próxima parada é Yoyogi, Yoyogi.>

Uma voz eletrônica anuncia e **eu** volto a perceber o que estou fazendo. Paro de olhar para a minha mão direita e observo por fora da janela. Várias pessoas estão passando suavemente lá fora.

Do nada, meu corpo amortece. Um pouco mais além, lá está ela, pensei.

Foi frustrante esperar o trem parar, quando as portas se abriram, corri para fora do trem. Girei meu corpo na tentativa de encontrá-la. Inúmeras pessoas passavam por mim e me olhavam com suspeitas. Finalmente me acalmei. Não há nada para procurar. Não há ninguém para encontrar.

Provavelmente é outro hábito que desenvolvi sem perceber. Mais uma vez volto a encarar a palma da minha mão. Estou procurando por algo, não sei o que, mas já tem um tempo que estou procurando.

— O motivo por ter vindo até esta empresa é porque me interessei pela visão da cidade, assim como a visão dos prédios, a visão geral das pessoas que vivem aqui.

O rosto do entrevistador diante de mim se distrai ligeiramente. Penso que a causa é o barulho. Esta empresa é a primeira onde chego na entrevista secundária. De jeito nenhum vou falhar dessa vez.

— Há muito tempo, não entendi a mim mesmo, mas... **eu** gosto disso, gostava de observar os edifícios, de ver as pessoas que vivem por aqui e trabalham. Então vinha frequentemente para um restaurante por essa área. Consegui um emprego de meio período...

— Entendo. — Um dos entrevistadores falou enquanto se recostava na cadeira. — Poderia nos dizer porque não uma empresa alimentícia, mas sim uma de construção?

Quem perguntou foi uma mulher de meia idade que parecia a única gentil entre as quatro pessoas. Finalmente percebi que me confundi e estava falando sobre motivação. O suor encharcou o terno novo.

— Foi porquê... **eu** gostava de atender clientes, mas queria me envolver com algo maior...

Algo maior, isso era a resposta de um estudante de ensino médio. Podia sentir meu rosto ficando vermelho.

— Em outras palavras, ...nunca se sabe quando Tóquio pode desaparecer. — O rosto dos entrevistadores estavam se fechando. Percebendo que estava tocando o pescoço, ponho minhas mãos sobre os joelhos em pânico. — Então mesmo que desapareça, mesmo que Tóquio desapareça, **eu** faria uma cidade capaz de aquecer as memórias das pessoas.

Oh não. Não faz sentido falar isso. Enquanto olhava para um prédio cinzento atrás do entrevistador, senti como se quisesse chorar.

— Quantas entrevista você já teve? — Takagi perguntou.

— **Eu** não conto! — Rebati sua pergunta.

— Não imagino você sendo aceito. — Tsukasa falou com deboche.

— Não diga isso!

— Talvez seja o terno que não combina com você! — Takagi fala sorrindo.

— Não somos tão diferentes.

— Eu tenho duas ofertas de emprego.

— Eu tenho oito.

Não tenho o que dizer em resposta. A xícara de café balança com a minha mão tremendo de humilhação.

Pirorin.

O celular na mesa faz um barulho. Vejo a mensagem, bebo o restante do café com um gole e me levanto da cadeira. A propósito, lá no ensino médio, nós três vínhamos muito para essa lanchonete. De repente me lembrei que depois de sair com Takagi e Tsukasa, fazia um pequeno passeio até a estação. Era um dia a dia comum naquela época. **Eu** não tinha que me preocupar com o meu futuro emprego e o dia era divertido de uma forma simples. Especialmente no verão. Foi por volta do segundo ano do ensino médio, sinto como se aquele verão fosse realmente divertido. Me sentia animado com tudo que estava diante dos meus olhos. Por qual motivo? Pensei, mas já tinha chegado à conclusão de que não havia nada particularmente especial. Era apenas uma época divertida.

... *ya*, esse não era o sotaque de uma garota?

Enquanto pensava vagamente sobre essas coisas, desci as escadas da estação.

— Hey, está procurando por emprego hein.

Tirando os olhos do celular, Okudera-senpai fala ao ver o meu terno. A entrada da estação Yotsuya está cheia da presença refrescante dos estudantes saindo dos colégios.

— Ah, não tive muita sorte.

Ao ouvir minhas palavras, ela começa a me olhar da cabeça aos pés, por fim ela diz:

— Talvez porque seu terno não fica bem em você?

— Ehh... Estou tão mal assim? — Digo olhando para o meu corpo.

— Haha, estou brincando! — Senpai fala com um grande sorriso no rosto.

Caminho ao lado da senpai por um tempo enquanto seguimos pelas ruas de Shinjuku contra a onda de estudantes. Passamos por Kioicho e pela ponte Benkaku. Percebi que as árvores já estavam com as folhas coloridas. Aproximadamente metade das pessoas já usavam um casaco. Okudera-senpai também estava usando um longo casaco marrom claro.

— O que houve com você hoje, ligando de repente? — Perguntei à senpai enquanto **eu** notava que não percebi uma estação passar.

— O quê, — senpai me encarou — não posso te ligar se não tiver um motivo?

— Não, não, não! — Balanço minhas mãos em pânico.

— Não está feliz por me ver depois de um longo tempo?

— Sim, claro que estou. — Mostro meu sorriso satisfeito como resposta.

— Já que eu vim aqui à trabalho, pensei em passar para te ver. — Senpai falou.

Senpai trabalha para uma grande empresa de roupas, ouvi dizer que agora ela está em uma filial em Chiba. Senpai acha bastante divertida a vida a vida no subúrbio, mas Tóquio é divertida de uma forma especial, ela fala essas coisas enquanto tosse um pouco.

Quando estávamos atravessando a passarela, havia um outdoor eletrônico. Ele mostrava imagens aéreas da grande cratera "Desastre do Cometa Tiamat faz oito anos".

— Nós fomos para Itomori uma vez, não fomos?

Estreito meus olhos ao tentar lembrar dessas memórias distantes.

— Você ainda era um estudante do ensino médio, então isso foi...

— Há cinco anos atrás. — **Eu** completo a frase.

— Faz tanto tempo... — Senpai suspira levemente como se estivesse surpresa. — De alguma forma, me esqueci de várias coisas sobre aquela época.

Também acho isso. Nós descemos da passarela, andamos pela rua Okihori na prefeitura de Akasaka. Bom, acho que vou rever minhas memórias daquela época.

Verão do segundo ano do ensino médio. Não, foi no começo do outono. Fiz uma curta viagem com Tsukasa e Okudera-senpais. Fomos até Gifu pelo expresso de Shinkansen e de lá viajamos através das linhas locais sem nenhum propósito. Isso mesmo, por lá entramos em uma loja de ramen que estava bem ao lado da estrada. Então... daí em diante as lembranças estão embaçadas como memórias distantes de uma vida anterior. Me pergunto se brigamos, me lembro de que agi de forma estranha. **Eu** subi em uma montanha sozinho, passei a noite lá e depois voltei sozinho para Tóquio.

Certo. Naquela época, estava muito interessado com o evento do cometa.

Estava até mesmo desenhando sobre isso.

Os fragmentos do cometa destruíram uma cidade, um desastre natural muito raro na história da humanidade. No entanto, naquela noite, como se por um milagre, a maioria dos habitantes da cidade escaparam. Naquela noite em que o cometa caiu por coincidência a cidade de Itomori estava fazendo uma evacuação, a maioria das pessoas da cidade estavam fora da área afetada.

Coincidência e sorte, me lembro que vários rumores surgiram após o desastre. O fenômeno sem precedentes e a sorte extraordinária das pessoas da cidade eram o suficiente para despertar a imaginação de muitas pessoas. Os discursos elogiavam ou questionavam a autoridade do prefeito que obrigou a cidade a evacuar com bases nas lendas da cidade, várias acusações irresponsáveis eram feitas todos os dias. A estranha informação de que toda a área estava sem energia cerca de duas horas antes do impacto também estimulava a imaginação das pessoas, já que era originalmente um lugar isolado. O entusiasmo do mundo continuou até o programa de ajuda às vítimas foi estabelecido, mas como muitos outros casos, o assunto sobre a vila Itomori morreu logo que a estação chegou ao fim.

Mesmo assim, **eu** mantive o interesse. Até mesmo desenhei o lago da vila. Além disso, minha curiosidade só surgiu anos depois do ocorrido. Esse entusiasmo todo veio subitamente e de repente sumiu sem deixar rastros. O que foi aquilo?

Bem, tanto faz agora. Olho para a cidade de Yotsuya, que está se afundando na escuridão e penso, agora não importa mais. Acho que posso deixar isso para trás. Agora devo me concentrar em encontrar um emprego.

O vento passa e balança os longos cabelos de Okudera-senpai. Como se viesse de muito longe, um cheiro doce chega até mim. Ao sentir esse cheiro meu coração se aperta e dói.

— Obrigado por passear comigo hoje. — Senpai falou.

Duas pessoas estão comendo em um restaurante italiano em que **eu** costumava trabalhar nos meus dias de escola.

— Taki-kun, se lembra que naquela época eu te disse para me pagar o jantar apenas quando tivesse se formado no colegial?

Coisa que não consigo me lembrar, como sair para jantar com a Okudera-senpai, mesmo assim senti orgulho por isso.

— Nós trabalhávamos em um restaurante tão delicioso, não era?

— Provavelmente servíamos uma refeição barata.

— E não notamos isso por tantos anos.

Nós rimos. Senpai ria de uma maneira muito agradável. Um fino anel brilhava em seu dedo anelar quando ela acenou com a mão.

— Algum dia, você também vai ser feliz.

Senpai me disse que ia se casar e **eu** não consegui responder direito, disse apenas palavras comuns de celebrações. Além disso, **eu** não fiquei animado. Ou talvez fiquei um pouco ao ver ela descendo as escadas da passarela. Mas não entendo nada sobre felicidade.

De repente olho para a palma da mão. Somente a ausência estava lá.

Estou sempre procurando por alguém, ou alguma coisa.

Antes que **eu** percebesse, a estação mudou novamente.

Passaram-se vários tufões e um inverno frio e chuvoso chegou. O som da chuva soava como memórias de conversas antigas. A iluminação de Natal piscava na janela onde a chuva batia.

Bebi uma xícara de café no copo de papel enquanto pensava, deixei meus olhos voltarem para o caderno. Mesmo agora, em dezembro, fiz cuidadosamente um calendário de busca de emprego.

Dia da entrevista, horário de chegada, plano de entrevista. Desde a principal empreiteira até o escritório de design, a fábrica Shimomichi, cansado da agenda do smartphone acabei comprando uma de papel. Vou organizar os pontos principais e escrevê-los no caderno.

— Acho que eu gostaria a uma feira de noiva, mais uma vez.

Se misturando com o som da chuva, uma conversa de pessoas desconhecidas soa familiar de alguma forma. Um casal está fazendo planos para uma cerimônia de casamento, que me lembrou de Okudera-senpai, mas sua voz e seu jeito são completamente diferentes. Há um certo sotaque misturado, a conversa feminina me passa uma sensação agradável que me é familiar. Acabo ouvindo um pouco mais a conversa dos dois.

— Já estou cansado. Fomos a várias dessas feiras de noivas e todas parecem iguais. — Aquele que parece ser o noivo responde.

— De jeito nenhum, gosto do estilo da cerimônia Shinto[23].

— Mas seu sonho era se casar em uma capela.

— Mas só vou fazer isso uma vez na vida, não posso decidir tão facilmente.

O homem protestou enquanto eu tomava um gole do café. A mulher o ignorou, ..., ela pensou um pouco antes de continuar.

— E Tesshi, você devia tirar essa barba antes do casamento. — Minha mão que segurava o copo de café para imediatamente. Eu não sei por quê, mas meu coração bateu mais rápido. — Eu também vou perder 3 quilos.

— Você vem dizer isso enquanto come um bolo?

— Vou começar a partir de amanhã!

Me viro para olhar.

Eles já se levantaram da mesa e estão pondo seus casacos. O homem é alto e tem a cabeça raspada. A mulher é pequena e seu cabelo dá uma impressão quase infantil. **Eu** não consigo desviar o olhar das suas costas por algum motivo. A voz de um funcionário os diz "Obrigado" e eles saem da lanchonete.

Quando saí da loja, a chuva já tinha virado neve.

---

[23] Cerimônia de casamento tradicional japonesa.

Devido à umidade da atmosfera, mesmo com a neve caindo a cidade ainda é estranhamente quente, sinto como se estivesse na estação errada. Sinto que há um segredo escondido em alguém que passa. Olho para trás, mas continuo andando.

Vou andando até chegar na biblioteca do distrito. O ar aqui dentro parece mais frio do que lá fora. Me sento em uma cadeira e abro o livro que peguei na estante. É um álbum de fotos intitulado "A Cidade Desaparecida Itomori · Registro Completo".

A fim de conservar o livro velho, vou lentamente virando as páginas.

A escola primária. A escadaria do santuário. O *torii*. Um pequeno cruzamento ferroviário. Um grande estacionamento. Dois bares lado a lado, o colégio. A estrada que leva à prefeitura, o asfalto velho e rachado.

Essa é uma paisagem comum que se encontra por todo o Japão. Viro a página pensativo. Então me pergunto por que meu coração fica tão apertado ao ver o cenário natural de uma cidade que já não existe.

✧ ✧ ✧

Algum tempo atrás **eu** tinha a forte sensação de procurar por algo.

Enquanto olhava a luz da janela de alguém durante a volta casa, enquanto comprava alguma coisa na loja de conveniência e enquanto unia[24] as cordas do sapato, de repente me lembrava de algo.

Bem, **eu** costumava procurar por algo. Não, **eu** procurava alguém.

Enquanto lavo o rosto e olho para o espelho, enquanto ponho o lixo para fora, enquanto olho para o sol da manhã na saída do prédio, sempre penso amargamente.

No fim das contas não me lembro de nada.

Mesmo desanimado, continuo seguindo em frente. Não era isso que **eu** procurava? Seguir em frente, viver, respirar e caminhar, correr, comer, buscava uma vida normal nessa cidade?

Só mais uma vez, quero encontrar só mais uma vez. Apenas mais uma vez é o suficiente.

---

[24] A palavra que Taki usa para descrever essas ações é *musubi*

Não sei o que estou procurando, mas continuo procurando.

As flores de cerejeira estão florescendo, a longa chuva lavou a cidade, as nuvens brancas se erguem, o vento gelado sopra e cerejeira floresce novamente. Os dias passam mais rápido. Me formei na faculdade e estou trabalhando. Pela manhã, observo minha mão direita ao acordar.

Encontrar só mais uma vez é o suficiente.

Desejo enquanto *eu* amarro meu cabelo no espelho. Uso o terno de primavera. Abro a porta do apartamento e olho para a paisagem de Tóquio diante de mim. Subo as escadas da estação, atravesso a barreira de tickets e entro em um trem agitado. O pequeno céu azul visível através da cabeça das pessoas está claro.

Da porta do trem **eu** vejo o exterior. As pessoas também estão se amontoando nas construções, ônibus e passarelas. Um ônibus leva 100 pessoas, um trem leva 1.000 pessoas, uma cidade leva 1.000 trens. Queria poder continuar observando por mais um tempo.

Naquele momento, quando não estou procurando, **eu** encontro.

De repente, *eu* encontro.

Essa pessoa que está no trem que percorre a mesma distância põe a mão no vidro da janela. Olhando diretamente para mim, está tão surpreso quanto *eu*. E agora sei o que sempre desejei encontrar.

Apenas um metro de distância, ela está lá. **Eu** nem sei seu nome, mas sei quem é ela. Mas nossos trens se afastam gradualmente e outro trem desliza entre nós. Ela desaparece. Mas **eu** finalmente sei o que sempre procurei.

Pelo menos mais uma vez, queria te encontrar.

Só mais uma vez, queria estar ao seu lado.

Me apresso a sair quando o trem para, **eu** corro pela cidade. Estou procurando por ela. Estou convencido de que ela também está procurando por mim. Já me encontrei com ela ante. Não, pode ser minha imaginação. Pode ter sido um sonho. Pode ser uma ilusão como uma vida passada. Ainda assim, **eu**, nós, queríamos estar um com o outro um pouco mais. Só quero estar ao seu lado mais uma vez.

Enquanto corro pela encosta, *eu* penso. Por que estou correndo? Me pergunto por que estou procurando por ele. Talvez *eu* também saiba a resposta. Talvez não me lembre, mas meu corpo sabe disso. Entro em um beco estreito, é uma escada.

Quando olhando para baixo, ele está lá.

Lutando para não começar a correr, **eu** lentamente começo a subir as escadas. Um vento passa e um cheiro de flores me alcança. Na escada, ela está lá de pé. Mas **eu** não posso olhar diretamente para ela, a olhava apenas pelo canto dos olhos. Ela começa a descer as escadas. O som do seu sapato é suave como a primavera. Meu coração está quase saindo do peito.

Estamos nos aproximando sem tirar os olhos um do outro. Ele não diz nada e *eu* não consigo dizer nada. E sem conseguir falar, vamos passando um pelo outro. Naquele momento, todo o meu corpo dolorosamente congela. É absolutamente errado que sejamos estranhos. É como se fosse contra a estrutura do universo e a lei da vida. Portanto...

Eu me viro. Ao mesmo tempo, ela também me olha. Com os olhos bem abertos, ela está lá. Seu longo cabelo amarrado com uma corda da cor do sol. Todo o meu corpo treme ligeiramente.

O encontrei. *Eu* finalmente o encontrei. Não quero chorar, pensei, mas *eu* notei que já estava chorando. Vendo minhas lágrimas, ele ri. *Eu* também sorrio enquanto choro. Respiro o ar da primavera.

Abrimos a boca ao mesmo tempo.

E falamos como crianças que estão imitando um ao outro.

— Qual o seu nome?

Fim ✧

✧ Makoto Shinkai

Makoto Shinkai é um diretor, escritor, produtor, animador, dublador, mangaká e ex designer gráfico. Nasceu em 9 de fevereiro em Nagano. Estudou literatura japonesa na Universidade de Chuo.

Novels Publicadas

2007

Byousoku 5 Centimeter

2014

Kotonoha no Niwa

2016

Kimi no Na wa.